

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PPG EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE
Associação Ampla UFRGS/UFSM/FURG

Heterotopias e resistências na formação em educação para a sexualidade

Cristina Monteggia Varela

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Paula Regina Costa Ribeiro

Co-Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Joanalira Corpes Magalhães

Rio Grande
2019

Cristina Monteggia Varela

Heterotopias e resistências na formação em educação para a sexualidade

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação em Ciências.

Orientadora:
Prof.^a. Dr.^a. Paula Regina Costa Ribeiro

Co-Orientadora:
Prof.^a. Dr.^a. Joanalira Corpes Magalhães

Linha de Pesquisa:
Educação Científica: Implicações das Práticas Científicas na Constituição dos Sujeitos

Rio Grande
2019

Ficha catalográfica

V293h Varela, Cristina Monteggia.
Heterotopias e resistências na formação em educação para a sexualidade / Cristina Monteggia Varela. – 2019.
142 f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Rio Grande/RS, 2019.

Orientadora: Dra. Paula Regina Costa Ribeiro.

Coorientadora: Dra. Joanalira Corpes Magalhães.

1. Heterotopia 2. Educação para a Sexualidade 3. Resistência
4. Educação Menor 5. Formação de Profissionais da Educação
I. Ribeiro, Paula Regina Costa II. Magalhães, Joanalira Corpes
III. Título.

CDU 613.88:37

Este trabalho não seria possível sem o total apoio e dedicação de minha família. Assim, dedico essa pesquisa a ela, com todo o meu amor e carinho!

AGRADECIMENTOS

Dentre todas as palavras da língua portuguesa, não existe palavra mais linda do que o substantivo agradecimento. Tal sentimento, quando nos invade, traz junto de si paz, amor, felicidade, realização, enfim...

Gratidão é sentimento de reconhecimento e, por isso, nestas páginas, objetivo reconhecer aqueles e aquelas que estiveram comigo durante essa linda experiência.

Gratidão ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde – FURG, pela possibilidade de produzir esta tese; e à CAPES, pelo apoio financeiro concedido durante o período do doutorado;

Gratidão à minha linda banca de pesquisadoras, mulheres, Prof^ª Dr^ª Claudia Maria Ribeiro, Prof^ª Dr^ª Elenita Pinheiro de Queiroz Silva e Prof^ª Dr^ª Paula Corrêa Henning, inspirações para o processo de escrita e fortalecimento dessa tese. Gratidão por terem aceitado o convite de dividir comigo, e com minhas parceiras de escrita, minhas orientadoras Paula e Joaquina, os momentos de qualificação e defesa desse trabalho.

Gratidão imensa às minhas duas parceiras de caminhada, minhas orientadoras Paula Regina Costa Ribeiro e Joanalira Corpes Magalhães. Lá em 2015, no início do doutorado, essas duas mulheres, pesquisadoras maravilhosas, embarcaram no desafio de me orientar. Foram longas conversas, muitos abraços, empurrões de incentivo e parceria nas noites e madrugadas, até as vésperas da entrega do trabalho. Gratidão por vocês terem entrelaçado as mãos comigo e terem percorrido todo esse percurso junto a mim. Tenho plena certeza de que estes anos foram divisores de águas na minha vida, não apenas acadêmica e profissional, mas, principalmente, de minha vida pessoal. Meu crescimento como ser humano, mulher, pesquisadora e professora se deve muito por estar ao lado de vocês, aprendendo!

Gratidão pelo acolhimento do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola, o Gese. Nossa, cheguei à uma cidade nova, completamente estranha, sem conhecer quase ninguém e, de primeira, ganhei uma família, cheia de irmãs e irmãos. Fui acolhida, amada e incluída, como se sempre tivesse estado lá. Gratidão por tudo, Ana, Darcia, Deise, Fabiani, Fabiana, Fabiane, Felipe, Gabrielle, Juliana, Lara, Luar, Lucia, Suzana, Évelin, Jordana e Teresa!

Gratidão pela segunda família que ganhei ao ir morar em Rio Grande. A República Capetina (como carinhosamente foi nomeada), trouxe-me quatro irmãs

caçulas fantásticas! As melhores companheiras que uma doutoranda poderia ter! Vocês são parte do meu coração e da minha família para sempre, Anna Carolina, Ana Laura, Gabriela e Camila!

Existe também, nessa caminhada, a gratidão em dobro por algumas pessoas, as quais não encontro palavras para descrever. Luciana, você me puxou nessa aventura que foi fazer o doutorado, você me esticou a mão lá atrás e disse: “vamos”. Ter seu apoio, sua presença, durante toda essa caminhada, foi um grande presente, uma grande parceria. Obrigada sempre, por todas as palavras de conforto, de incentivo, de ânimo; obrigada por ter caminhado comigo nesses anos! Ailton, meu amor, que energia boa ganhei no dia que lhe conheci. Felicidade a minha ter sido eu a escolhida para ajudar você no início de seu doutorado em Rio Grande, felicidade maior ainda por ter tido você como meu vizinho, meu amigo e meu parceiro nesses últimos anos de doutorado. Obrigada por ter me acolhido no seu coração e ter me deixado lhe acolher no meu.

A vida costuma sempre nos impressionar e surpreender. Tenho tatuado, em meu braço, o termo do inglês *Serendipity*, sem tradução literal para o português. Seu significado é algo como “felicidades ao acaso” ou “escrito nas estrelas”. Enfim, ao longo da minha vida, ganhei três estrelas, em três momentos fundamentais. Essas três estrelas têm brilhado ao meu lado e, às vezes, até têm brilhado por mim, quando estou muito cansada. Silviane, meu presente de graduação, você surgiu lá no início, no primeiro semestre da faculdade e, brincadeiras à parte, é parceira e responsável por muitas de minhas vitórias e conquistas. Você é a irmã com que eu vivo brigando, mas que amo. Raquel, meu presente de mestrado. Apresentei-me para ti no dia da matrícula e, desde então, juro, não consigo imaginar a minha vida sem ter você ao meu lado. Repito, sempre, que você foi meu presente e foi graças à nossa amizade e à nossa parceria que o período do mestrado foi tão doce e feliz. Caroline, meu presente de doutorado, não existem palavras suficientes para dizer o que significa ter encontrado você nessa vida. Ter você ao meu lado, durante essa caminhada, foi crucial. Você foi amiga, confidente, irmã, parceira para tudo, e é motivo de eu ter gratidão em dobro por essa experiência que foi o doutorado, pois foi graças a ele que encontrei você e lhe trouxe pra brilhar no meu céu.

Gratidão à minha querida psicóloga Telma. Se não fossem por todas as nossas conversas, ligações por *Skype* e *Whatsapp*, eu sei que não estaria encerrando esta etapa da minha vida. Ter nossos momentos, semanalmente, para esvaziar a cabeça e ordenar os pensamentos, desejos e intenções, foram fundamentais para mim!

Gratidão à minha família, tanto àqueles que não acreditaram em mim, como àqueles que acreditaram tanto que se tornaram parte da minha torcida organizada rumo a este momento. Família é algo muito grande e importante para mim. Canceriana que sou, encontro o meu lar no coração das pessoas da minha família. Silvia, Adriano e Olívia, gratidão por tudo, por ter vocês na minha vida, pelas brigas, pelas incomodações, pelas comidas e pelas palavras de incentivo e de apoio.

Mãe, avó e avô, gratidão, mil vezes gratidão! Vocês são tudo para mim e também são parte de tudo o que eu sou e conquistei! Amor infinito por vocês!

Por fim, mas sem encerrar, não existem ordem nem prioridade no sentimento de gratidão, existe apenas esse sentimento pleno no meu coração!

RESUMO

Esta tese, produzida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, na linha de pesquisa “Educação científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos” tem, como objetivos de pesquisa, discutir o espaço do Videocurso Educação para a Sexualidade enquanto um espaço permeado por elementos heterotópicos, que possibilitam a formação de profissionais da educação em educação para a sexualidade; analisar o Videocurso como um *contraespaço* entrelaçado aos elementos das heterotopias de Foucault a fim de discutir as estratégias de resistência aos avanços da frente contra “ideologia de gênero”, bem como ao enfrentamento diante do contexto de retrocessos no campo de investimentos na Educação; e discutir a produção dos Recursos Educativos Digitais (RED) e dos Artefatos Culturais (AC), propostos no âmbito do Videocurso, enquanto estratégias de educação menor, possibilitando que os/as cursistas criem espaços permeados por heterotopias para a promoção e o debate da educação para a sexualidade nos espaços educativos. Utiliza-se, nessa pesquisa, aporte teórico dos estudos de Michel Foucault, Silvio Gallo, Marlucy Paraíso, Constantina Xavier Filha, entre outros/as autores/as para fundamentar as discussões e análises apresentadas no âmbito dessa pesquisa. O Videocurso é um curso de formação para profissionais da educação, ofertado na modalidade a distância. Esse tem, como propósito, debater as questões da educação para a sexualidade, no âmbito da educação, tendo em vista fomentar práticas que potencializem a produção de uma educação pautada nas diferenças, para o enfrentamento das múltiplas violências e desigualdades. Compõem o corpus de análise dessa tese o espaço do Videocurso Educação para a Sexualidade e suas videoaulas, seus fóruns de discussão, suas webconferências, seus recursos educativos digitais e artefatos culturais, os quais foram produzidos pelos/as cursistas, nas ofertas realizadas no período de 2015 a 2018. A partir do processo de análises, defende-se a tese de ser o Videocurso Educação para a Sexualidade um espaço permeado por elementos heterotópicos que possibilitam a discussão da educação para a sexualidade na formação de profissionais da educação. Esse recurso também é entendido como sendo um *contraespaço* que possibilita a formação a partir dos diálogos e das trocas realizados pelos/as cursistas, bem como pela justaposição de espaços distintos entre si, buscando criar possibilidades de resistências junto dos/as cursistas que dele participam. A partir desse movimento, é permitido que estes/as realizem trocas, aprofundem seus conhecimentos e construam propostas de projetos e de práticas pedagógicas para serem realizados no espaço dos currículos, abordando os temas da educação para a sexualidade como práticas de educação menor. Assim, entende-se ser o *contraespaço* do Videocurso, um espaço permeado por elementos das heterotopias que se constituíram em meio a um contexto de disputa e de retrocessos no campo educacional das discussões da educação para a sexualidade, possibilitando que tais temáticas permeassem a formação de profissionais da educação, criando aberturas para a discussão dos temas corpos, gêneros e sexualidade no espaço dos currículos escolares.

Palavras-chave: Educação para a sexualidade. Heterotopia. Resistência. Educação Menor. Formação de profissionais da educação.

ABSTRACT

This thesis, produced together with the Graduate Program in Science Education: Chemistry of Life and Health, in the line of research "Scientific education: implications of scientific practices in the constitution of subjects" has, as research objectives, to discuss the space of the Videocourse Education for Sexuality as a space permeated by heterotopic elements that enable the formation of education professionals in education for sexuality; to analyze the Videocourse as an interspersed counterpart to the elements of Foucault's heterotopias in order to discuss the strategies of resistance to the advances of the front against "ideology of gender", as well as the confrontation with the context of retrocessions in the field of investments in Education; and to discuss the production of Digital Educational Resources (RED) and Cultural Artifacts (AC), proposed in the scope of Videocourse, as strategies of minor education, enabling the students to create spaces permeated by heterotopias for the promotion and debate of education for sexuality in educational settings. It is used, in this research, theoretical contribution of the studies of Michel Foucault, Silvio Gallo, Marlucy Paraíso, Constantina Xavier Filha, among others authors to support the discussions and analyzes presented within the scope of this research. Videocourse is a formation course for professionals of education, offered in the distance modality. This has as its purpose to discuss the issues of education for sexuality in the field of education, with a view to fostering practices that potentiate the production of an education based on differences, in order to cope with multiple violence and inequalities. The corpus of analysis of this thesis is the space of the Videocourse Education for Sexuality and its videotapes, discussion forums, webconferences, digital educational resources and cultural artifacts, which were produced by the students in the offers made in the period of 2015 to 2018. From the analysis process, we defend the thesis of being the Videocourse Education for Sexuality a space permeated by heterotopic elements that enable the discussion of education for sexuality in the formation of education professionals. This resource is also understood as being a counter space that allows the formation from the dialogues and exchanges made by the students, as well as by the juxtaposition of different spaces between them, seeking to create possibilities of resistance to the students who participate in it. From this movement, they are allowed to make exchanges, deepen their knowledge and construct proposals of projects and pedagogical practices to be carried out in the space of the curricula, addressing the themes of education for sexuality as practices of minor education. Thus, it is understood to be the counter space of Videocourse, a space permeated by elements of heterotopias that were constituted in the middle of a context of dispute and setbacks in the educational field of the discussions of education for sexuality, enabling such themes to permeate the formation of professionals, creating openings for the discussion of themes like bodies, and sexuality in the space of school curricula.

Keywords: Education for sexuality. Heterotopia. Resistance. Minor Education. Formation of education professionals.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01:	Imagens ilustrativas de uma videoaula.....	33
Figura 02:	Educação para a sexualidade: apontamentos teóricos e conceituais.....	34
Figura 03:	Educação para a sexualidade: contexto histórico.....	34
Figura 04:	Identidade e diferença: potencialidades para o debate da diversidade..	35
Figura 05:	Identidades de gênero: masculinidades, feminilidades e suas múltiplas possibilidades.....	36
Figura 06:	Identidades sexuais: refletindo sobre diferentes posições de sujeito.....	36
Figura 07:	Violência de gênero: sexismo e homofobia.....	36
Figura 08:	Corpos em Foco: marcadores, inscrições, subjetivações.....	37
Figura 09:	Aids: entendimentos e atualizações.....	38
Figura 10:	<i>Sexting</i> : algumas definições, possibilidade e discussões.....	38
Figura 11:	Sexualidades, gêneros e mídias: discutindo os artefatos culturais como espaços educativos.....	39
Figura 12:	Currículo, PPP e educação para a sexualidade: articulações possíveis.	39
Figura 13:	Cartazes de divulgação das webconferências.....	42
Figura 14:	Gráfico das categorias de RED.....	43
Figura 15:	Educação para as sexualidades e gêneros: entrelaçando ludicidade e as expressões de crianças pequenas.....	45
Figura 16:	Juventudes contemporâneas: vivências, experimentações e possibilidades.....	46
Figura 17:	Pensando o abuso sexual: modalidades, legislação, nomenclaturas, rede de proteção e aspectos educacionais.....	47
Figura 18:	Feminismo(s) e suas potencialidades nos espaços educativos.....	47
Figura 19:	Pedagogias de produção das masculinidades no ambiente escolar.....	48
Figura 20:	Gênero e ciência: uma discussão potente para a educação.....	48
Figura 21:	Família ou famílias? Elementos históricos e contemporâneos.....	49
Figura 22:	Sexualidade, religião e educação escolar.....	50
Figura 23:	Práticas corporais contemporâneas: marcas, significados, arte, autoexpressão.....	50
Figura 24:	Gênero, sexualidade, saúde e bem estar.....	51
Figura 25:	Cartazes de divulgação das webconferências.....	54
Figura 26:	Gráfico das categorias de Artefatos culturais.....	55
Figura 27:	Capa do livro elaborado com a temática de <i>sexting</i>	98
Figura 28:	Parte de história sobre configurações familiares.....	98
Figura 29:	Gráfico das temáticas identificadas nos trabalhos finais.....	114
Figura 30:	Exemplo de RED e AC.....	115
Figura 31:	Print dos vídeos de apresentação de um RED e um AC.....	116
Figura 32:	Print de parte da história.....	119
Figura 33:	Poema apresentado por cursista.....	119
Figura 34:	Print vídeo releitura música Teresinha de Jesus.....	121
Figura 35:	Print de vídeo elaborado para discutir gênero e ciência.....	122

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

Aids	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
AC	Artefato Cultural
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Furg	Universidade Federal do Rio Grande
Gese	Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
Ifsc	Instituto Federal de Santa Catarina
Lgbt	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PL	Projeto de Lei
PEE	Plano Estadual de Educação
PME	Plano Municipal de Educação
PNE	Plano Nacional de Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
RED	Recurso Educativo Digital
Ubra	Universidade Luterana Brasileira
Ufla	Universidade Federal de Lavras
Secadi	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
Ufrgs	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
Uminho	Universidade do Minho (Braga-PT)

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	13
2. EXPERIÊNCIA DE CONTAR MINHA TRAJETÓRIA	15
2.1 A experiência de dialogar com a heterotopia	19
2.2 A experiência da educação para a sexualidade	24
3. EXPERIÊNCIA DE CONTAR O VIDEOCURSO.....	32
4. EXPERIÊNCIA INVESTIGATIVA: PRODUZINDO A TESE.....	59
4.1 Artigo 1 - Heterotopias: espaços de criação de possibilidades na formação de profissionais da educação em educação para a sexualidade.....	61
4.2 Artigo 2 - Resistências na formação em educação para a sexualidade: criando possibilidades a partir das heterotopias	85
4.3 Artigo 3 - Educação menor como caminho possível para a articulação da educação para a sexualidade na escola: possibilitando heterotopias.....	107
5 AS EXPERIÊNCIAS QUE ME ACONTECERAM PELOS CAMINHOS PERCORRIDOS.....	130
6 REFERÊNCIAS	139

1. APRESENTAÇÃO

A presente tese tem, como objetivo de pesquisa, analisar o Videocurso Educação para a Sexualidade enquanto um espaço permeado por elementos da heterotopia, espaço outro de aprendizagens sobre a educação para a sexualidade. Antes, porém, é um convite, a cada um/a dos/as leitores/as, a adentrarem nessas páginas esperando não apenas um estudo, uma pesquisa, uma discussão teórica, mas uma narrativa particular de minhas experiências, descobertas e embates, junto às minhas orientadoras, e de meu objeto de pesquisa, o curso de extensão intitulado “Videocurso Educação para a Sexualidade”. Assim, para que se conheçam os caminhos a serem percorridos pelos/as leitores/as, nessas páginas, apresentamos sua a estrutura do estudo.

A tese está organizada em quatro partes, que são, nesse trabalho, intituladas de experiências¹. Essa divisão foi inspirada em Jorge Larrosa (2016): experiência de contar minha história; experiência do Videocurso; experiência investigativa: produzindo a tese; e, por fim, breves considerações da experiência vivida.

Na primeira parte desta tese, relato as experiências vivenciadas por mim durante o processo de produção dessa pesquisa: as dúvidas, as descobertas e as incertezas enfrentadas ao longo desse caminho do estudo, desde o ingresso no doutorado, até a aproximação com o objeto de pesquisa e as aproximações teóricas com os/as autores/as que, aqui, dialogam comigo.

Na segunda parte deste texto, apresento a experiência de produção do Videocurso Educação para a Sexualidade, a construção dos materiais dele, junto ao Grupo de Pesquisa Sexualidade Escola – Gese, e os olhares lançados por mim e minhas orientadoras sobre as possibilidades educativas que permeiam a prática de um curso de extensão voltado para a formação inicial e continuada de profissionais da educação, produzido e ofertado totalmente à distância.

Na terceira parte dessa tese, menciono as experiências investigativas realizadas a partir da análise do material empírico do videocurso e as aproximações teóricas realizadas ao longo de nossas pesquisas e estudos. Logo, nessa parte, são apresentadas as experiências de análise dos dados da pesquisa em três artigos – “Heterotopias: espaços de criação de possibilidades na formação de profissionais da educação em

¹ As proposições de Larrosa (2016), a respeito da experiência, são utilizadas, no espaço dessa tese, como forma de “fazer falar”, para contar minha caminhada ao longo do doutorado, entendendo esse processo enquanto uma grande experiência, a qual tem me atravessado ao longo dos últimos quatro anos.

educação para a sexualidade”, “Resistências na formação em educação para a sexualidade: criando possibilidades a partir das heterotopias” e “Educação menor como caminho possível para a articulação da educação para a sexualidade na escola: possibilitando heterotopias”.

Por fim, na última parte do estudo, teço as considerações a respeito da caminhada experienciada até este momento. Espero que o convite feito, quando aceito, faça multiplicar experiências outras em cada um/a dos/as leitores/as.

2. EXPERIÊNCIA DE CONTAR MINHA TRAJETÓRIA

A experiência não é uma realidade, uma coisa, um fato, não é fácil de definir nem de identificar, não pode ser objetivada, não pode ser produzida. E tampouco é um conceito, uma ideia clara e distinta. A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos. Em algumas ocasiões, esses cantos de experiência são cantos de protesto, de rebeldia, cantos de guerra ou de luta contra as formas dominantes de linguagem, de pensamento e de subjetividade. Outras vezes são cantos de dor, de lamento, cantos que expressam a queixa de uma vida subjugada, violentada, de uma potência de vida enjaulada, de uma possibilidade presa ou acorrentada. Outras são cantos elegíacos, fúnebres, cantos de despedida, de ausência ou de perda. E às vezes são cantos épicos, aventureiros, cantos de viajantes e de exploradores, desses que vão sempre mais além do conhecido, mais além do seguro e do garantido, ainda que não saibam muito bem onde. (LARROSA, 2016, p. 10).

A experiência de contar² minha trajetória é o desafio que aqui assumo. Partilhar minhas experiências é, desse modo, uma tentativa de mostrar, para meus/minhas leitores/as, os passos trilhados por mim ao longo dos dias, desde o momento em que ingressei no doutorado. Talvez, isso tudo possa parecer muito pessoal e romântico àqueles/as que estão acostumados com escritas formais e impessoais. Mas a verdade é que, para mim, cada uma das palavras aqui impressas são pessoais, intencionais e parciais.

Nessa parte, apresento a minha particular tentativa de canto, um canto que horas se fez aventureiro, horas se fez guerreiro, horas se fez medroso, mas, que, na maioria das vezes, fez-se curioso e esperançoso. Esperançoso principalmente, pois, antes de me colocar como pesquisadora, doutoranda, autora, investigadora, sempre me coloco como professora, apaixonada pela sala de aula e realizada com meu trabalho. E, por isso, quem sabe, tenha sempre o desejo de realizar mais, de fazer mais, de experimentar mais, experienciar mais e, frequentemente, escrever seja, então, o desafio. Teorizar com

² Assumo essa caminhada como pessoal e individual. Tenho cúmplices muito importantes, que me acompanham nessas linhas, mas aqui, ao assumir o desafio de contar minhas experiências, entendo não ser possível contar as experiências de outrem, única e exclusivamente, por entender que cada um tem as suas próprias experiências. Essas, por sua vez, são pessoais e individuais e o que a mim atravessou, e atravessa, pode não ter atravessado minhas cúmplices. Mas são elas, mesmo que ausentes nos verbos por mim conjugados nessas páginas, parceiras constantes e participantes nos caminhos por mim vivenciados e experimentados.

autores e autoras pode ser o caminho escolhido por muitos/as pesquisadores/as. Porém, nessa tese, tento apresentar um diálogo que tem se firmado ao longo de minhas descobertas e incursões pelas leituras realizadas.

A produção de minhas experiências, na graduação e no mestrado, bem como a construção de minha dissertação, deu-se em outro espaço geográfico e também epistemológico. Longe de opor esses campos teóricos, afirmo que são eles, em muitos aspectos, são entendidos, por mim, como distintos. Portanto, realizar a transição, de um para outro, não se deu facilmente. Vivenciei embates constantes entre o que antes apresentava, ou seja, um olhar sobre os fatos e vivências sociais por mim experimentados enquanto professora, e entre os novos caminhos, os novos olhares que passaram a figurar.

Acredito que a metáfora dos óculos seja a que melhor descreva o processo realizado por nós quando é proposto que analisemos o mundo a partir de um arcabouço teórico. Os óculos teóricos, por mim vestidos ao longo dos anos de graduação e de mestrado, foram sempre de inspiração materialista dialética, apoiada na teoria crítica e em teóricos como Paulo Freire, Karl Marx e outros do campo da educação também apoiados nesses autores. Todavia, minhas experiências, ao longo do mestrado, a partir de minha aproximação com os jogos de computador destinados para crianças, objeto de pesquisa escolhido por mim, instigaram-me a procurar outros caminhos.

Assim, os óculos teóricos que vim a vestir, no doutorado, estão diretamente vinculados a meu desejo de conhecer novas formas de olhar o mundo, de me repensar como pesquisadora e de me aventurar por outros campos epistemológicos. Essa foi minha busca por novas experiências. A busca vivenciada entre o mestrado e o doutorado constitui-se de uma busca por novas experiências, as quais me atravessassem.

Em seus escritos, o professor e filósofo Jorge Larrosa (2016) propõe-se a pensar na educação não mais a partir dos pares teóricos ciência/técnica ou teoria/prática, mas sim do par experiência/sentido. Aqui me proponho pensar meus passos pelo campo da educação, considerando minha trajetória acadêmica, no doutorado, também como uma experiência a partir de meus diálogos com esse professor.

Para Larrosa (2016, p. 18), “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, assim, nessas páginas, tão pessoais a mim, tento contar o que me passou, o que me aconteceu, o que me tocou a partir desse processo de aproximação teórica junto à teoria pós-crítica durante o início do doutorado.

Como toda transição, essa aproximação não aconteceu de forma fácil e linear. Foram muitas leituras e aprendizagens que precisam ser feitas, porém ler não é apenas a decodificação de códigos e palavras, é, acima de tudo, uma experiência que precisa nos tocar, atravessar-nos, proporcionar um acontecimento. E, para isso acontecer, precisamos parar.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2016, p. 25).

E parar, parar e olhar, parar e esperar, quando se tem prazos e intenções, é difícil. Contudo, o movimento de apropriação das leituras requer parar, pois apenas ler não basta, seriam leituras vazias. Dessa forma, foi preciso respirar e pausar, fugir do tempo que corre como *cronos*, tempo cronológico da sucessão passado/presente/futuro, e aproximar do instante, da experiência de cada momento. Nessa lentidão, nessa constante pausa para a escuta das leituras feitas, as aproximações realizadas se fizeram ecoar. E, em meio a muitas informações, fez soar-se aquela que me aconteceu, que me atravessou, tornando-se experiência.

Foram muitas as leituras realizadas, mas aquela que me atravessou e fez o tempo parar foi a leitura sobre o conceito de heterotopia. A aproximação com o referencial teórico pós-estruturalista, realizado ao longo dos primeiros anos do doutorado e, mais especificamente, a aproximação com as teorizações de Foucault, foram muitas e constantes, porém foi a partir da leitura de um texto de Silvio Gallo, no qual o autor aborda a respeito das heterotopias pensadas por Foucault que tive despertado meu interesse por conhecer mais esse conceito. Desde o primeiro momento, compreendi que pensar em heterotopias, na educação para a sexualidade, seria pensar na criação de possibilidades outras, inventivas, instigantes; possibilidades de continuar fazendo educação para a sexualidade, tanto na formação de profissionais da educação, como na escola e nos demais espaços educativos em que transitamos.

Assim, compreendendo que “A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova.” (LARROSA, 2016, p. 26), foi

experimentando as palavras de Foucault, em sua narrativa sobre as heterotopias, que emergiram meus primeiros desejos de pesquisa.

Minhas inquietações surgiram juntamente às experiências que já estava vivenciando junto à produção de um curso de extensão para a formação de profissionais da educação em educação para a sexualidade. Considero essa experiência um dos grandes presentes profissionais que proporcionei a mim. Participei, desde o princípio, da elaboração de uma proposta que articulava as tecnologias digitais de informação e comunicação com as discussões e teorizações sobre as temáticas dos corpos, gêneros e sexualidades, constituindo um espaço de formação que permitia que os/as cursistas pudessem realizar suas atividades no conforto de suas casas, no tempo que melhor lhes conviesse.

Nos diálogos e nas trocas com minhas orientadoras, em que minhas dúvidas de pesquisa emergiam constantemente, surgiu, como proposta de pesquisa, analisar o material que estava sendo produzido no videocurso, bem como pensar nesse espaço como uma possível heterotopia.

Delineamos, como questão central de pesquisa, a seguinte pergunta:

- ✓ Como o Videocurso Educação para a Sexualidade pode fomentar a formação em educação para a sexualidade de profissionais da educação?

A partir dessa questão, delineamos alguns objetivos a serem percorridos pela pesquisa, de modo a permitir que pudéssemos investigar a questão proposta, a saber:

- ✓ Discutir o espaço do Videocurso Educação para a Sexualidade enquanto um espaço permeado por elementos heterotópicos, que possibilitam a formação de profissionais da educação em educação para a sexualidade;
- ✓ Analisar o Videocurso Educação para a Sexualidade como um *contraespaço* entrelaçado aos elementos das heterotopias de Foucault, a fim de discutir as estratégias de resistência aos avanços da frente contra “ideologia de gênero”, bem como ao enfrentamento diante do contexto de retrocessos no campo de investimentos na Educação;
- ✓ Discutir a produção dos Recursos Educativos Digitais (RED) e dos Artefatos Culturais (AC), propostos no âmbito do Videocurso Educação para a Sexualidade, enquanto estratégias de educação menor, possibilitando que

os/as cursistas criem espaços permeados por heterotopias, para a promoção e para o debate da educação para a sexualidade, nos diferentes espaços educativos.

Assim, a partir da questão de pesquisa traçada e dos objetivos de pesquisa delineados, pretende-se defender, como tese, ser o Videocurso Educação para a Sexualidade um espaço permeado por elementos heterotópicos que possibilitam a discussão da educação para a sexualidade na formação de profissionais da educação.

2.1 A experiência de dialogar com a heterotopia

A escolha dos pares teóricos, na caminhada da pesquisa, nunca é impessoal e aleatória; antes disso, é uma escolha feita a partir de uma experiência muito pessoal. Aprendi isso agora, olhando minha trajetória. Antes de escolher meu tema de pesquisa, meu objeto de análise e os caminhos que percorreria para realizar o que estava me propondo a fazer, foi a experiência de leitura de um texto que me apresentou ao conceito de heterotopia, proposto por Michel Foucault (2013), que me atravessou e mobilizou minhas intenções de pesquisa.

A partir da breve leitura realizada, durante uma disciplina cursada no primeiro ano do doutorado, apaixonei-me por esse conceito e, desse modo, passei a me dedicar em conhecer mais sobre o que Foucault pontuava se tratarem as heterotopias. Ler Michel Foucault acredito que, de maneira geral, não seja tarefa fácil, uma vez que, além de sua complexidade teórica, em muitos de seus escritos, são apresentados conceitos e discussões que problematizam temas como: poder, saber, loucura, sexualidade e tantas outras temáticas. No entanto, ler sobre heterotopia é, antes de mais nada, ler sobre possibilidades, algo que aprendi ao acompanhar as aproximações teóricas realizadas, pelo filósofo, em sua obra.

Inicialmente, em breve passagem no prefácio da obra *As palavras e as Coisas* (2007), o autor se detém a pensar nas heterotopias que se produzem nos discursos. Nesse momento, ele as apresenta a partir do exemplo trazido sobre a classificação de animais, proposta por Borges, em uma enciclopédia chinesa. Constituem-se, nessa passagem, as possibilidades de criação de heterotopias dentro dos discursos.

Posteriormente, Foucault retoma tal conceito em uma conferência radiofônica. Nesse momento, o autor realiza o deslocamento do conceito de heterotopia para analisar

os espaços, vindo, por fim, a retomar essas discussões em uma conferência proferida ao *Círculo de Estudos Arquiteturais de Paris*, atentando-se, novamente, ao conceito e ao que ele indicou como sendo uma nova forma de analisar os espaços (FOUCAULT, 2009; 2013). Essa última conferência, realizada em 1967, foi publicada somente em 1984, com o título *Outros Espaços*, no terceiro volume da obra *Ditos e Escritos III* (2009).

Em sua conferência radiofônica, proferida em 1966, publicada posteriormente no livro *O corpo utópico, as heterotopias* (2013), Foucault inicia sua apresentação mostrando o que seriam essas heterotopias espaciais:

Há países sem lugar e histórias sem cronologia; cidades, planetas, continentes, universos, cujos vestígios seria impossível rastrear em qualquer mapa ou qualquer céu, muito simplesmente porque não pertencem a espaço algum. Sem dúvida, essas cidades, esses continentes, esses planetas nasceram, como se costuma dizer, na cabeça dos homens, ou, na verdade, no interstício de suas palavras, na espessura de suas narrativas, ou ainda, no lugar sem lugar de seus sonhos, no vazio de seus corações; numa palavra, é o doce gosto das utopias. No entanto, acredito que há – e em toda sociedade – utopias que têm um lugar preciso e real, um lugar que podemos situar no mapa; utopias que têm um tempo determinado, um tempo que podemos fixar e medir conforme o calendário de todos os dias. (FOUCAULT, 2013, p. 19).

A esses lugares reais, a essas utopias localizáveis no tempo e no espaço, o filósofo chamou de heterotopia. Trata-se de uma palavra composta pelo prefixo grego *heteros*, que significa diferente, e *topia*, que significa espaço/lugar, indicando ser a heterotopia um espaço outro diferente daqueles com os quais cruzamos sempre.

Pensar nos espaços de heterotopia, em nossa sociedade, então, apresenta-se como possibilidade para outras vivências, outras experiências. “Produzir heterotopias aí significa inventar outros espaços, para além da organização e do controle instituídos” (GALLO, 2015, p. 85). E é justamente essa possibilidade de inventar outros espaços, no contexto da educação para a sexualidade, tema que vem permeando meu fazer pesquisa desde o mestrado, que se mostrou tão profícuo a mim e que acabou por me atravessar. Mas o que seriam essas heterotopias? Como identificá-las? Como inventá-las?

Pensando nesses espaços em que a vida acontece, Foucault (2009; 2013) os dividiu em dois grupos: os espaços de dentro, nos quais existimos e nos constituímos em nossos pensamentos e ideias, e os espaços de fora, aqueles que nos atraem para fora de nós mesmos. De acordo com o teórico, “vivemos no interior de um conjunto de

relações que definem posicionamentos irreduzíveis uns aos outros e absolutamente impossíveis de ser sobrepostos.” (FOUCAULT, 2009, p. 414).

São esses espaços de fora e os múltiplos posicionamentos que assumimos, quando estamos neles, que nos ajudam a entender o que são as heterotopias. Para Foucault, existem lugares, como as ruas e os ônibus, em que assumimos posicionamentos de passagem; existem outros lugares, como cafés e shoppings, nos quais assumimos posicionamentos de parada provisória e, ainda, existem lugares, como nossas casas, onde assumimos posicionamentos de repouso. E distintos de todos esses lugares, encontramos esses outros espaços, nos quais nos neutralizamos, “eles têm a curiosa propriedade de estar em relação com todos os outros posicionamentos, mas de um tal modo que eles suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações que se encontram por eles designadas, refletidas ou pensadas.” (FOUCAULT, 2009, p. 414).

Portanto, as heterotopias são lugares reais, localizáveis geograficamente, os quais têm, por característica, o poder de nos colocar em suspenso, de nos neutralizar ou de nos contrapositionar perante todos os outros espaços já instituídos.

Para identificar essas heterotopias, Foucault (2009; 2013) propôs uma série de princípios que comporiam, segundo ele, uma descrição sistemática dessas heterotopias, caracterizando-as e, assim, permitindo-nos identificá-las. A esse estudo, ele nomeou de heterotopologia, o qual é composto pelos seguintes princípios: 1º) todas as sociedades têm suas heterotopias, e elas se dividem em dois grupos – heterotopias de crise e de desvio; 2º) assim como todas as sociedades têm suas heterotopias, elas também podem transformá-las e ressignificá-las; 3º) uma heterotopia pode justapor, em um mesmo lugar, vários espaços distintos; 4º) as heterotopias são ligadas a recortes de tempo; 5º) toda heterotopia possui um sistema de abertura e de fechamento, elas não são de acesso livre. Dessa maneira, constituem-se esses cinco princípios a proposta de análise do primeiro artigo apresentado nessa tese.

Por fim, em sua descrição das heterotopias, Foucault indica como última característica desses espaços, o fato de que elas:

[...] têm, em relação ao espaço restante, uma função. Esta se desenvolve entre dois polos extremos. Ou elas tem o papel de criar um espaço de ilusão que denuncia como mais ilusório ainda qualquer espaço real, todos os posicionamentos no interior dos quais a vida humana é compartimentalizada. [...] Ou, pelo contrário, criando um outro espaço, um outro espaço real, tão perfeito, tão meticuloso, tão bem-arrumado quanto o nosso é desorganizado, mal-disposto e

confuso. Isso seria a heterotopia não de ilusão, mas de compensação (FOUCAULT, 2009, p. 420).

São muitos os exemplos dados pelo filósofo, em seus escritos, sobre heterotopia. Podemos, segundo ele, identificar, como heterotopias, as bibliotecas, os teatros, os cinemas, as casas de repouso, as clínicas psiquiátricas, os jardins, a cama dos pais, os museus, as feiras itinerantes, as colônias, e, até mesmo, os barcos e os espelhos, que têm o poder de nos transportar para muitos espaços, mesmo que permaneçamos num mesmo lugar.

De acordo com Pérez (2007), utilizar o conceito de heterotopia, em pesquisas que tenham como objeto o cotidiano escolar, e aqui me proponho a alargar esse olhar para a formação de profissionais da educação na temática da educação para a sexualidade, “implica num deslocamento do olhar sobre o espaço. Logo, buscar heterotopias, no cotidiano da escola, é procurar desvelar os ‘posicionamentos’ que, cotidianamente, deslizam por entre as fronteiras do instituído.” (ibid, p. 129). Inventar heterotopias, como nos sugere Foucault, na formação de profissionais da educação em educação para a sexualidade é, assim, olhar para os espaços instituídos e neles criar espaços outros, os quais deslizem pelas fronteiras instituídas. Assim, faz necessário conhecer o Videocurso Educação para a Sexualidade para que possamos pensá-lo como um espaço permeado pelos elementos das heterotopia na formação de profissionais da educação.

Para o desenvolvimento de tal empreendimento, foi realizada a busca de parceiros teóricos, cúmplices, que dialogariam nos caminhos da pesquisa nessas páginas. Nesse sentido, a partir da compreensão do conceito de heterotopia, cunhado por Foucault, conseguimos, por meio de nossas buscas e de nossas pesquisas, aproximar-mo-nos das teorizações realizadas por pesquisadores/as de diferentes áreas, que já se propuseram a pensar nos deslocamentos das heterotopias em seus campos teóricos.

Portanto, nos movimentos de análise realizados no âmbito desta tese, articulam-se as discussões do conceito de heterotopia não apenas ao campo da educação e filosofia, como também da arquitetura, urbanismo, geografia e história, por reconhecermos, nos pares teóricos desses campos, possibilidades de diálogo para pensar no videocurso a partir do seu espaço.

As experimentações realizadas por Foucault, acerca do conceito de heterotopia, são bastante reduzidas (GALLO, 2013), porém talvez, por esse motivo, seja esse um conceito tão convidativo para se pensar. Os caminhos articulados aos elementos das heterotopias se mostram profícuos e instigadores. Teóricos como Silvio Gallo (2002; 2007; 2013; 2015), Carlos José Martins (2002), Alfredo Veiga-Neto (2007), Carmem Lúcia Vidal Pérez (2007), Edson Passetti (2013); Luiz Guilherme Rivera de Castro (2013), Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde (2009), Marlucy Paraíso (2018b) entre outros/as, dialogam, nas páginas dessa pesquisa, em articulação entre o conceito de heterotopia e os conceitos de formação de professores/as, educação menor, espaço/espaço público, história e geografia.

Entretanto, antes que se adentre aos caminhos da experiência de produção e de análise do espaço do Videocurso, é necessário que se tenha atenção a algumas palavras, conceitos por mim operados ao longo de minhas análises. Aqui tracei os caminhos que me levaram a buscar, no diálogo com o filósofo Michel Foucault, as discussões sobre o conceito de heterotopia, mas outro conceito que se tornou muito caro, a mim, ao longo de minhas experiências, foi o conceito de educação para a sexualidade.

Acredito ser necessário discutir o que compreendo por educação para a sexualidade, uma vez que, como afirma Larrosa (2016, p. 16):

[...] as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras.

E, ao adotar como termo para designar as práticas de educação que se propõem a discutir, no âmbito escolar, questões referentes aos corpos, aos gêneros e às sexualidades, a expressão “educação para a sexualidade”, procuro a entender de uma determinada forma. Penso, nessas palavras, a partir de uma série de questões e de discussões que a distinguem de outros termos comumente utilizados no campo educacional brasileiro e inclusive ocidental.

2.2 A experiência da educação para a sexualidade³

O campo de estudos da educação, desde o início do século XX, tem se ocupado em tratar da sexualidade no espaço escolar, que é permeado por disputas relacionadas a quem cabe o papel de discutir tal tema junto a crianças e adolescentes. Nesse contexto, muitos foram os termos empregados para denominar as ações educacionais e pedagógicas desenvolvidas no âmbito da educação formal e não formal para tais práticas.

Termos como ‘Educação Sexual’, ‘Orientação Sexual’, ‘Educação Sexualizada’, ‘Educação em Sexualidade’, ‘Educação para a Sexualidade’, entre outros, têm sido adotados por pesquisadores/as da área da educação. Eles também têm sido empregados em documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para designar práticas que visem discutir e abordar, nos diferentes espaços educativos, questões relacionadas ao estudo do corpo, da saúde sexual, dos gêneros, da diversidade sexual, das doenças sexualmente transmissíveis, da gravidez, de modo a proporcionar que crianças e adolescentes sejam educados/as para a vivência da sexualidade.

O Grupo de Pesquisa Sexualidade Escola – Gese tem, em seus estudos e projetos, adotado o termo ‘Educação para a Sexualidade’. Para os integrantes do grupo, a escolha do conceito busca acionar elementos mais abrangentes da sexualidade, a partir dos escritos do teórico Michel Foucault. Propõe-se, assim, romper com práticas educativas pautadas numa visão determinista e reguladora da sexualidade, entendendo-a enquanto um artefato, constituído historicamente em meio a relações sociais de saber e poder (XAVIER FILHA, 2009a; FELIPE, 2008; BARROS, 2010). Desse modo, passamos, nesse momento, a conceituar o termo, a partir do campo dos Estudos Culturais pós-estruturalistas e das propostas apresentadas por autores/as que realizaram o mesmo movimento.

Pensar na constituição do conceito de ‘Educação para a Sexualidade’ está, de certa forma, diretamente ligado à forma como compreendemos a sexualidade e os processos desenvolvidos pela educação.

³ Parte desse texto foi publicado como capítulo de livro: VARELA, Cristina Monteggia Varela; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Educação para a sexualidade: a constituição de um campo conceitual. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (orgs). **Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017. p. 25 – 52.

A construção desse campo de saber, e de suas práticas educativas, tem, recentemente, ganhado contornos mais profundos. É interessante ressaltar que entendemos ser necessário ter o cuidado de delimitar e de apontar o que pensamos sobre as discussões da ‘Educação para a Sexualidade’, a fim de diferenciar esse campo das demais discussões feitas sobre ‘Educação Sexual’ e acerca de ‘Orientação Sexual’.

A partir da leitura de teorias que discutem o conceito de ‘Educação para a Sexualidade’, podemos entendê-lo como um movimento discursivo que se propõe não somente a educar a respeito de temas relacionados a essa discussão, como as questões dos gêneros e dos corpos, mas também que pretende problematizar práticas e conceitos naturalizados em nossa sociedade, como a constituição da identidade heterossexual como única forma de vivência da sexualidade, a expressão binária dos gêneros, a vivência da maternidade e da paternidade, as múltiplas formas de violência. Conforme Jane Felipe (2008, p. 32), a escolha do “termo educação para a sexualidade (e não educação sexual) é usado aqui para enfatizar uma abordagem mais ampla, com ênfase nos aspectos históricos, sociais e culturais, que extrapolam uma visão meramente biológica, pautada apenas na prevenção”.

É interessante considerarmos, novamente, o fato de que as discussões a respeito da ‘Educação Sexual’ têm se mostrado desgastadas. Mesmo quando é demonstrada uma preocupação em ressignificar e alargar a compreensão do que se compreende pelas discussões sobre isso, acaba-se por considerar, por Educação Sexual, como sendo sinônimo de outras concepções e entendimentos. O pensamento de Xavier Filha (2009, p. 32) ilustra bem isso: “O que se percebe, mesmo com a mudança de enunciados, termos e nomenclaturas, é que os discursos continuam os mesmos daqueles criticados outrora a respeito da expressão ‘educação sexual’”.

Segundo essa pesquisadora, a proposta de mudança da nomenclatura ou do termo, para se designar a prática/ação de educar para a sexualidade, não pode ser meramente substitutiva. É necessário que se empreenda o exercício de questionamento sobre as significações, representações e acerca da legitimação de um termo em detrimento aos outros, de modo que se evite cair no risco de assumi-los todos como sinônimos (XAVIER FILHA, 2009a; 2009b).

Ainda, na concepção de Xavier Filha, as discussões apresentadas pelo termo ‘Educação para a Sexualidade’ também se apresentam profícuas. A autora vê “como salutar a discussão, pois possibilitará e estimulará questionamentos e reflexões sobre os

objetivos e propósitos do termo ‘educação sexual’ e/ou ‘educação para a sexualidade’, entre outros, e do seu emprego” (XAVIER FILHA, 2009, p. 32).

Da mesma maneira, consideramos interessante ainda pensar na composição da expressão ‘Educação para a Sexualidade’, percebendo os elementos que conectam os termos ‘educação’ e ‘sexualidade’ como maior potencialidade. O emprego da preposição ‘para’ e do artigo ‘a’, como modo de conectar os dois termos e discussões, possibilita pensarmos na transitoriedade, no movimento que a vida expressa por meio da sexualidade, transmitindo a ideia de uma educação para a ‘vivência’ da sexualidade (XAVIER FILHA, 2009b).

A ‘Educação para a Sexualidade’ propõe-se a pensar a sexualidade como uma construção histórica e cultural, pautada em relações de saber-poder, relativizando os discursos dados como verdades absolutas, permitindo, portanto, questionarmos os discursos ditos como verdades, problematizando práticas e conhecimentos considerados como naturais. Dessa forma, ampliamos o espaço de discussão da sexualidade no campo da educação, passando a acionar outros elementos, como prazeres, desejos, erotismo, produção das identidades. De acordo com Debora Britzman (2013, p. 105),

A sexualidade não deve ser pensada como um tipo de dado natural que o poder tenta manter sob controle, ou como obscuro domínio que o conhecimento tenta gradualmente descobrir. Ela é o nome que pode ser dado a um construto histórico: não há uma realidade furtiva que é difícil de apreender, mas uma enorme superfície em forma de rede na qual as estimulações dos corpos, a intensificação dos prazeres, o incitamento ao discurso, a formação de um conhecimento especializado, o reforço dos controles e resistências estão vinculadas uns aos outros, de acordo com algumas poucas estratégias importantes de saber e poder.

Ainda sobre a construção do discurso a respeito da sexualidade, podemos nos remeter ao que Foucault anunciou em sua obra intitulada *História da Sexualidade*, ao discorrer a respeito do movimento ocorrido ao final do século XVIII, com o surgimento do que ele chamou de “novas tecnologias do sexo” (1997, p. 110). Para o autor, essas novas tecnologias vão se expressar, na sociedade Ocidental de três maneiras, a partir da pedagogia, da medicina e da economia. Interessa-nos, neste estudo, olhar mais detidamente ao que diz respeito à pedagogia. Conforme Foucault (1997, p. 110), “Através da pedagogia, da medicina e da economia, fazia do sexo não somente uma questão leiga, mas negócio de Estado; ainda melhor, uma questão em que todo o corpo social e quase cada um de seus indivíduos eram convocados a porem-se em vigilância”.

Essa vigilância, por sua vez, expressa-se por meio da pedagogia no controle dos corpos das crianças, na preocupação com o que o autor chama de “pecado de juventude”. Utilizando-se de muitos métodos, em parte já utilizados pela Igreja, a pedagogia passa a exercer maior vigilância e maior controle sobre os corpos das crianças, observando e analisando a sexualidade delas.

Ao longo do século XIX, instaura-se aquilo que Foucault passa a descrever como um dispositivo da sexualidade. Segundo ele (FOUCAULT, 1997, p. 100):

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder.

Esse dispositivo opera, sobre nossa sexualidade e sobre nossas práticas de educação, por intermédio de diversos mecanismos de poder, por meio da construção de um saber sobre nossos corpos, nosso sexo, nossos prazeres e desejos. Logo, a sexualidade se transforma em uma poderosa forma de controle e de assujeitamento. E, nessa perspectiva, a proposta constituída pela ‘Educação para a Sexualidade’ se apresenta como prática que tem, por caminho, problematizar, refletir, desconstruir discursos tidos como verdades absolutas em nossa sociedade, demonstrando seu caráter histórico e cultural.

Conforme Foucault, o dispositivo da sexualidade opera sobre os sujeitos a partir de um processo contínuo de fazer e de falar sobre o sexo. “Como se fosse essencial podermos tirar desse pequeno fragmento de nós mesmos, não somente prazer, mas saber e todo um jogo sutil que passa de um para o outro: saber do prazer, prazer de saber o prazer, prazer-saber.” (FOUCAULT, 1988, p. 75). Tal processo não assume a sexualidade sob o viés da repressão, mas sim a partir de um conjunto de práticas discursivas que tiveram, por objetivo, desde meados do século XVIII, não apenas constituir um saber sobre a sexualidade, mas também governar os corpos e torná-los úteis. Para o autor,

O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem mas que igualmente o condicionam. É isto, o

dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles. (FOUCAULT, 2000, p. 246)

Assim, dentro do dispositivo da sexualidade, concebe-se o poder não como algo repressivo, hierarquizado e verticalizado, mas sim como um poder capilar, descentralizado, o qual permeia as relações entre os sujeitos. Segundo o filósofo, o poder

[...] é o suporte móvel das correlações de força que, devido a sua desigualdade, induzem continuamente estados de poder, mas sempre localizados e instáveis. Onipresença do poder: não porque tenha o privilégio de agrupar tudo sob sua invencível unidade, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e outro. O poder está em toda a parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E ‘o’ poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de autorreprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apoia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las. (FOUCAULT, 1988, p. 89).

A partir dessa compreensão de poder, é necessário que se assuma que ele não é algo que se adquira ou que se perca; o poder, na verdade, é exercido nas múltiplas relações estabelecidas entre os sujeitos, ele se dá de forma capilar, horizontalmente, existindo sempre uma intencionalidade nessas relações. É preciso entender que sempre “onde há poder, há resistência” (FOUCAULT, 1988, p. 91). Assim, Foucault (2000) se propõe a realizar o que seria uma analítica do poder em sua relação com a sexualidade, constituindo o que ele entenderá como um dispositivo histórico, que regula e que orienta a sexualidade da sociedade ocidental.

No pensamento do filósofo, é por meio dessa compreensão de dispositivo que se constitui, a partir do século XIX, uma série de processos, os quais se estabelecerão sobre os corpos dos sujeitos, tanto para governá-los como para constituir um saber a respeito de sua sexualidade. Nessa pesquisa, entendemos que, nesse processo de governo dos sujeitos, dentre as diferentes práticas educativas que se ocuparam das questões relativas à sexualidade, a proposta da educação para a sexualidade tem se constituído como uma prática de resistência aos modelos normalizadores, que são pautados em uma proposta heteronormativa, que, em muitos momentos da história, emergiram.

Para Deleuze (2005), Foucault opera, a partir do conceito de dispositivo, com base em três grandes eixos - saber, poder e subjetividade. O eixo do saber indica a

multiplicação de discursos sobre algo; o eixo do poder aponta para as relações e os posicionamentos que se constituem a partir dos saberes produzidos a respeito de algo, já o eixo da subjetividade, aborda o sujeito que é produzido a partir das relações de poder e de saber que se estabelecem dentro de um dispositivo. Assim, por meio desses eixos que se entrelaçam, no que se compreende o dispositivo, atuam diferentes linhas, as quais se movimentam. Segundo Deleuze (2005, p. 84),

Desenredar as linhas de um dispositivo, em cada caso, é construir um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que ele chama de «trabalho no terreno». É preciso instalarmo-nos sobre as próprias linhas; estas não se detêm apenas na composição de um dispositivo, mas atravessam-no, conduzem-no, do norte ao sul, de este a oeste, em diagonal.

Dessa forma compreende-se, com base na concepção de Deleuze, o dispositivo como composto por um conjunto de linhas, de curvas e de regimes que compõem as cinco dimensões que perpassam as análises de Foucault: as curvas de visibilidade, os regimes de enunciabilidade, as linhas de força, as linhas de subjetivação e as linhas de fratura/ruptura.

Nesse estudo, interessa-nos pensar nas linhas de ruptura, nas linhas de fratura que têm atravessado o dispositivo da sexualidade, que “são linhas que produzem novas configurações de saber-poder-subjetividade e, por isso, podem suscitar e antecipar um dispositivo futuro.” (MARCELLO, 2009, p. 234). Assumindo-as como responsáveis pelos processos de reatualização de um dispositivo, permite-se, a partir do que tem se configurado enquanto campo de estudo e de discussão da educação para a sexualidade, visualizar uma outra proposta de educação, a qual se propõe a desestabilizar as relações de poder que permeiam os saberes e as práticas referentes aos corpos, aos gêneros e às sexualidades, de maneira a permitir novas possibilidades para os sujeitos na constituição de si próprios.

Portanto, podemos entender esse campo de saber como um ponto de resistência, frente a práticas educativas normatizadoras da sexualidade. No pensamento de Foucault (1997, p. 92),

É mais comum, entretanto, serem pontos de resistência móveis e transitórios, que introduzem na sociedade clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos, percorrem os próprios indivíduos, recortando-os e os remodelando, traçando neles, em seus corpos e almas, regiões irreduzíveis. Da mesma forma que a rede das relações de poder acaba formando um tecido espesso que atravessa os

aparelhos e as instituições, sem se localizar exatamente neles, também a pulverização dos pontos de resistência atravessa as estratificações sociais e as unidades individuais. E é certamente a codificação estratégica desses pontos de resistência que torna possível uma revolução, um pouco à maneira do Estado que repousa sobre a integração institucional das relações de poder.

A partir dessa analítica das relações de poder, que permeiam e que constituem o dispositivo da sexualidade, é que se entende o Videocurso Educação para a Sexualidade como um ponto de resistência, um *contraespaço*, o qual é permeado por relações distintas daquelas que se produzem entre os sujeitos, uma vez que, nos últimos anos, tem-se fortificado o movimento contrário às discussões da educação para a sexualidade em âmbito escolar.

Desde a implantação do Plano Nacional de Educação – PNE (2014), até o momento atual, com a votação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017), há um crescente retrocesso nas políticas educacionais já estabelecidas. Existe a tentativa de supressão da discussão das questões de corpos, gêneros e sexualidades nesses documentos. Ademais, movimentos religiosos têm ganhado força, nos últimos anos, defendendo o cerceamento dessas discussões no espaço da escola. Tal movimento se constitui como uma ofensiva contra o que denominam de Ideologia de Gênero. Esse termo é empregado, por grupos de oposição ao campo dos Estudos de Gênero, para designar práticas educativas que se preocupam em discutir as questões de gênero e de sexualidade nos espaços educativos. Segundo Junqueira (2017, p. 25):

[...] presencia-se a eclosão de um ativismo religioso reacionário, que encontrou no ‘gênero’ o principal mote em suas mobilizações. ‘Gênero’, ‘ideologia de gênero’, ‘teoria de gênero’ ou expressões afins são brandidas em tons alarmistas conclamando a sociedade para enfrentar um inimigo imaginário comum.

O movimento constituído sob o slogan “Ideologia de Gênero” é articulado por grupos religiosos, os quais têm, como interesse: “impedir que a diferença se prolifere e para fazer com que gênero e sexualidade sejam considerados temas não escolares” (PARAÍSO, 2018a, p. 23).

Em contrapartida, desde 2015, o Gese vem produzindo e ofertando o Videocurso Educação para a Sexualidade, pensando no fortalecimento das discussões de tais temáticas no âmbito educacional. Assim, a heterotopia que se inventou, nesse ambiente virtual de aprendizagem para a formação de profissionais da educação, tem se

constituído num movimento de resistência frente ao contexto político, econômico e cultural estabelecido no Brasil contemporâneo. Entendemos que uma proposta de educação para a sexualidade:

[...] deve extrapolar as barreiras impostas pelas disciplinas, seguindo um caminho menos rígido e hierárquico, que rompa com toda essa disciplinaridade do currículo escolar, pois a entendemos como uma temática complexa, híbrida e que não se identifica com nenhuma área de conhecimento específico. (BARROS; RIBEIRO, 2012, p. 183)

O Videocurso se propõe, dessa forma, a romper com as barreiras que têm sido impostas, tanto no espaço da escola, como no âmbito das políticas públicas voltadas para a educação. Isso permite que as discussões relativas aos corpos, aos gêneros e às sexualidades permeiem a formação de profissionais da educação e, assim, possam ser viabilizados projetos de educação para a sexualidade que tenham a intenção de promover o diálogo, a problematização e a desconstrução de discursos naturalizados, um caminho para a vivência dos corpos, dos gêneros e das sexualidades livres de tabus e preconceitos.

Logo, entende-se as heterotopias como sendo esses outros espaços, os quais são localizáveis em lugares reais, “lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos” (FOUCAULT, 2009, p. 415), ou seja, lugares que funcionam como uma forma de contestação aos demais espaços instituídos, permitindo que possamos pensar nas possibilidades educativas que permeiam a heterotopia do Videocurso Educação para a Sexualidade, motivando-nos a conhecê-lo a analisá-lo.

3. EXPERIÊNCIA DE CONTAR O VIDEOCURSO

Há algo no que fazemos e no que nos acontece, tanto nas artes como na educação, que não sabemos muito bem o que é, mas que é algo sobre o que temos vontade de falar, e de continuar falando, algo sobre o que temos vontade de pensar, e de continuar pensando, e algo a partir do que temos vontade de cantar, e de continuar cantando, porque justamente isso é o que faz com que a educação seja educação, com que arte seja arte e, certamente, com que a vida esteja viva, ou seja, aberta a sua própria abertura. (LARROSA, 2016, p. 13)

Narrar o Videocurso é esse movimento constante de continuar pensando sobre, cantando sobre essa experiência que nunca cessa. É esse fazer educação, encharcado de experiências que me atravessaram desde o momento que passei a pensar esse espaço que me proponho a assumir como um espaço permeado por elementos da heterotopia.

Para Foucault, a “época atual seria talvez de preferência a época do espaço. Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso.” (2009, p. 411). O que parece ser interessante pensar é como tal afirmação permanece tão atual. Mais do que nunca, nosso tempo presente se constitui nesse entre lugar, do aqui e do lá. As tecnologias digitais nos conectam, interligam as informações e os espaços. A vida se justapõe, estamos em muitos lugares ao mesmo tempo, temos acesso a tudo a partir de um *clic* no *smartphone*. E, nesse mundo hiperconectado, a educação se faz renovar, ressignifica-se e se transforma. Podemos tomar essa como uma das primeiras premissas que motivaram a elaboração de um curso de formação de profissionais da educação, o qual se caracteriza por ser ofertado na modalidade *online*.

Existem, porém, outros elementos que se entrelaçam a essa necessidade de se repensar os tempos e os espaços da formação inicial e continuada no âmbito da educação. A redução do tempo disponível para formações é um dos fatores que tem dificultado a participação de professores/as, gestores/as, graduandos/as em cursos de formação, bem como pode ser responsável pelos retrocessos sofridos, no campo da educação para a sexualidade, junto a documentos legais que respaldam a educação no Brasil, os quais têm colocado, em segundo plano de discussão, as questões relacionadas aos corpos, aos gêneros e às sexualidades.

Em contrapartida, o crescente índice de violência contra crianças, adolescentes e mulheres, além do aumento nos índices da homo, lesbo, transfobia, bem como do sexismo e da misoginia, tem mobilizado profissionais da educação a buscarem

aprofundamento teórico e subsídios para o enfrentamento de tais questões no espaço da escola.

É nesse contexto que a produção do “Videocurso Educação para a Sexualidade: dos currículos escolares aos espaços educativos” iniciou no primeiro semestre de 2015. O Gese, percebendo os movimentos que vinham ocorrendo continuamente, no espaço da escola e no meio acadêmico, sentiu a necessidade de buscar novas possibilidades de ofertar seus cursos. A intenção inicial, que mobilizou os esforços de elaboração desse projeto, bem como de sua produção, foi a de propor um curso que apresentasse materiais acessíveis e esclarecedores para que houvesse facilidade na compreensão das discussões propostas. Ainda, pretendia-se o desenvolvimento de formas de diálogo, de modo que, mesmo estando cursistas e professores/as à distância, fosse permitida a troca e a aprendizagem colaborativa.

Assim, entendendo o espaço virtual como um ambiente que permite a vivência de aprendizagens outras, mais flexíveis e acessíveis a todos/as, tornou-se instigante pensar como articular saberes, conhecimentos e aprendizagens, acerca das temáticas de corpos, gêneros e sexualidades, utilizando-se da internet como espaço de aprendizagem.

Considerando as características dos ambientes virtuais de aprendizagem (interação computador-aluno/a, relação individualizada e coletiva professor/a – aluno/a, autonomia do/a aluno/a quanto ao ritmo de aprendizagem e tempo, materiais que se utilizam de múltiplas linguagens, como imagem, som, texto, hipermídia), surgiu a necessidade de se apresentar materiais que fossem não apenas preocupados com a abordagem de conteúdos de forma clara e objetiva, mas também que pudessem ser atraentes a quem os acessasse e, por esse motivo, optamos pela construção de videoaulas. Esse tipo de recurso permite utilizar diferentes linguagens em sua produção, fugindo da apresentação formal de textos. O referido recurso possibilita a introdução de imagens, desenhos, organogramas, músicas e narrativas, dando mais dinamismo ao produto final.

A partir de uma breve busca pela plataforma *Google*, podemos encontrar diferentes materiais compreendidos como videoaulas. Dentre alguns modelos, existem as que são uma filmagem do/a professor/a ou apresentador/a explanando sobre um determinado assunto. Temos videoaulas que alternam a aparição do/a professor/a ou apresentador/a com momentos de narração e transmissão de imagens ou vídeos com informações. Também existem videoaulas que são compostas apenas por narração acompanhada de ilustrações com imagens, desenhos e esquemas visuais. As videoaulas

disponibilizadas no Videocurso Educação para a Sexualidade estão pautadas no terceiro exemplo indicado, conforme podemos visualizar na figura 1.

Figura 1: Imagens ilustrativas de uma videoaula.



Fonte: produção da autora, 2017.

Para cada uma, das onze videoaulas, foi elaborado um roteiro na forma de uma história contada, em que a narradora apresenta as discussões sobre o tema em questão. Acompanhado da narrativa, o vídeo é ilustrado com imagens, desenhos, diferentes esquemas visuais e organogramas. Com o uso desses recursos, permite-se que o/a cursista consiga compreender as ideias trabalhadas no vídeo. Tais vídeos têm, em média, 10 minutos e, a partir de cada um dos temas, propõe-se apresentar, de forma objetiva e clara, os principais elementos teóricos do assunto abordado. É sempre indicado ao/à cursista, após assistir à videoaula, que aprofunde seus conhecimentos a respeito dos temas discutidos a cada módulo, com leituras complementares e participação nos fóruns de discussão.

Ainda, pensando nos múltiplos sujeitos que possam vir a ter acesso ao material e ao curso, todas as videoaulas apresentam legenda e tradução em libras, com o propósito de que sujeitos surdos/as também podem acessar o material.

As videoaulas que compõem o Videocurso abordam, em suas discussões, conceitos fundamentais, como: educação para a sexualidade, diversidade, gêneros, sexualidades e corpos. Esses temas aparecem entrelaçados a outras temáticas, como *sexting*, HIV/AIDS, violências, currículo e Projeto Político Pedagógico (PPP).

Assim, da mesma forma como a constituição do Videocurso se entrelaça às minhas experiências, durante o processo doutoral, o desejo e impulso de criação desse espaço constitui-se atrelado à caminhada desenvolvida pelo Gese, em seus mais de 15 anos de existência e ação junto às discussões da educação para a sexualidade. Dessa forma, as temáticas das videoaulas surgiram das experiências vivenciadas pelo grupo, a

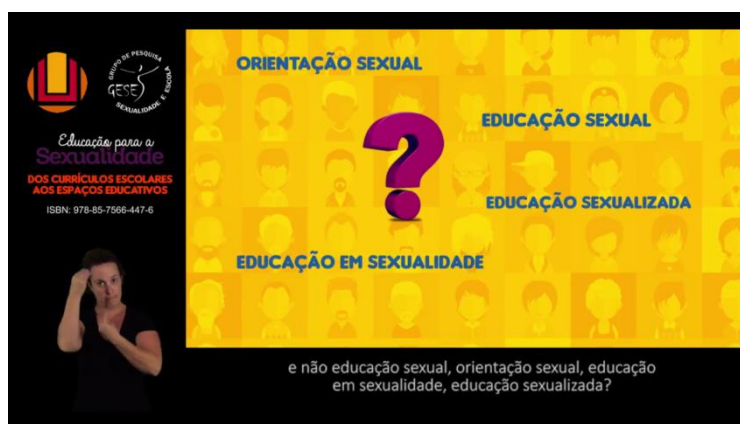
partir da compreensão de seus integrantes acerca da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão.

Cada uma das temáticas das videoaulas emergiu das pesquisas realizadas pelos/as integrantes do grupo de pesquisa, bem como em articulação às suas experiências profissionais. Compartilham, dessa caminhada de produção do Videocurso, todos/as os/as integrantes do Gese e, dentre elas, as pesquisas de Rizza (2015), Longaray (2014), Magalhães (2012), Barros (2014), Ribeiro (2002) e Kornatzki (2018).

Para organizar as discussões, o Videocurso é dividido em 4 módulos, sendo que os primeiros 3 módulos contam com 3 videoaulas; já o quarto módulo conta com duas videoaulas. Além disso, em cada módulo, é apresentado um fórum de discussões e materiais para a realização de leitura complementar.

A videoaula *Educação para a sexualidade: apontamentos teóricos e conceituais* (Figura 02) tem, por objetivo, “discutir a expressão educação para a sexualidade, adotada pelo Gese apresentando algumas definições construídas ao longo do tempo.” (VIDEOCURSO, 2017).

Figura 02: Educação para a sexualidade: apontamentos teóricos e conceituais.



Fonte: Videocurso, 2017.

A videoaula *Educação para a sexualidade: contexto histórico* (Figura 03) se propõe a “revisitar a história da educação para a sexualidade no Brasil, a fim de conhecer os movimentos históricos, sociais e culturais que ocorreram para que o debate das temáticas de corpos, gêneros e sexualidades estivesse presente no espaço escolar.” (VIDEOCURSO, 2017).

Figura 03: Educação para a sexualidade: contexto histórico.



Fonte: Videocurso, 2017.

Por fim, a *videoaula Identidade e diferença: potencialidades para o debate da diversidade* (Figura 04) pretende “problematizar o conceito de diversidade e sua interrelação com os conceitos de identidade e diferença.” (VIDEOCURSO, 2017).

Figura 04: Identidade e diferença: potencialidades para o debate da diversidade.



Fonte: Videocurso, 2017.

O segundo módulo é composto pela *videoaula Identidades de gênero: masculinidades, feminilidades e suas múltiplas possibilidades* (Figura 05), que tem, por finalidade, “discutir sobre as identidades de gênero, buscando problematizar o conceito de gênero e como essa definição vem se reconfigurando. Também são abordados alguns termos como travesti e transexual.” (VIDEOCURSO, 2017).

Figura 05: Identidades de gênero: masculinidades, feminilidades e suas múltiplas possibilidades.



Fonte: Videocurso, 2017.

Na videoaula de *Identities sexuais: refletindo sobre diferentes posições de sujeito* (Figura 06), são propostas “algumas problematizações sobre o conceito de identidade, bem como discussões sobre as identidades sexuais, isto é, a heterossexualidade, a bissexualidade, a homossexualidade e a assexualidade.” (VIDEOCURSO, 2017).

Figura 06: Identidades sexuais: refletindo sobre diferentes posições de sujeito.



Fonte: Videocurso, 2017.

Já com a videoaula *Violência de gênero: sexismo e homofobia em destaque* (Figura 07), pretende-se “ampliar nossos olhares sobre a violência de gênero. Entendemos que ela está presente nas relações de homens e mulheres e nas suas múltiplas facetas, as quais vamos destacar: o sexismo e a homofobia.” (VIDEOCURSO, 2017).

Figura 07: Violência de gênero: sexismo e homofobia.



Fonte: Videocurso, 2017.

No terceiro módulo, inicialmente, apresenta-se a videoaula *Corpos em Foco: marcadores, inscrições, subjetivações* (Figura 08). Essa videoaula pretende “falar sobre os corpos, suas marcas e como somos posicionados a partir delas. Problematizaremos os conceitos de organismo e corpo, para, assim, apresentar o conceito de corpo biossocial. Discutiremos, também, os marcadores corporais de gênero e de sexualidade e como eles são socialmente (re)produzidos.” (VIDEOCURSO, 2017)

Figura 08: Corpos em Foco: marcadores, inscrições, subjetivações.



Fonte: Videocurso, 2017.

A videoaula *Aids: entendimentos e atualizações* (Figura 09) “tem como propósito estudarmos um pouco sobre tais temáticas o HIV e Aids, seus conceitos e atualizações.” (VIDEOCURSO, 2017). Nela, é apresentada a temática de modo a serem abordados os desdobramentos vivenciados pela sociedade, a partir do desenvolvimento de novas drogas de controle e prevenção, bem como de práticas sociais que passam a configurar no cenário social contemporâneo.

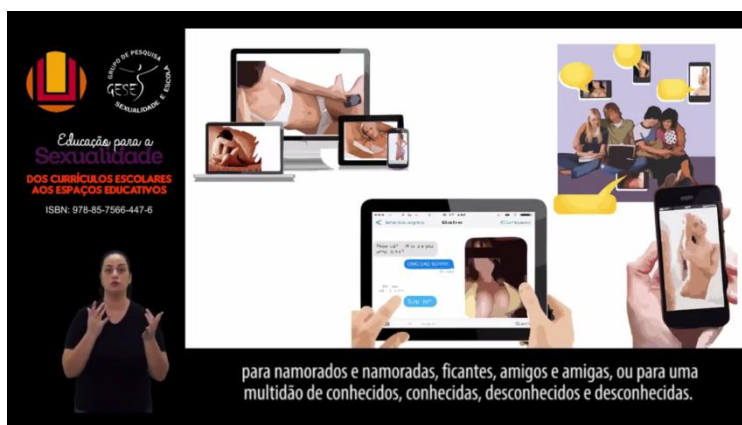
Figura 09: Aids: entendimentos e atualizações.



Fonte: Videocurso, 2017.

Já na videoaula *Sexting: algumas definições, possibilidade e discussões* (Figura 10), propõe-se a “conversar nessa videoaula sobre uma nova prática, o *sexting*, que vem sendo motivo de muita discussão na mídia em geral. Discutiremos sobre o termo, sua emergência e também como podemos abordar essa temática nos espaços educativos.” (VIDEOCURSO, 2017).

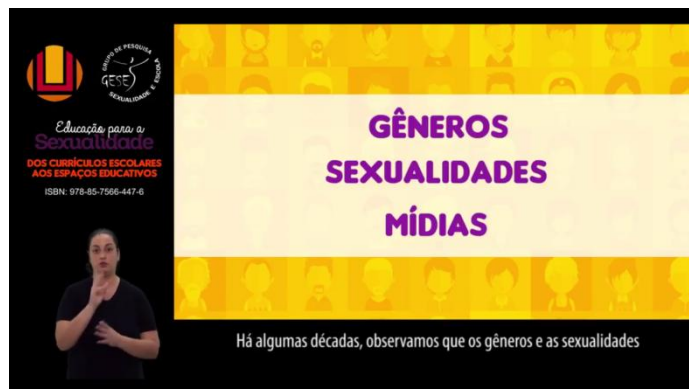
Figura 10: *Sexting*: algumas definições, possibilidade e discussões.



Fonte: Videocurso, 2017.

O quarto e último módulo apresenta a videoaula *Sexualidades, Gêneros e Mídias: discutindo os artefatos culturais como espaços educativos* (Figura 11). Com essa videoaula, pretende-se problematizar: “a forma como os gêneros e as sexualidades são representadas e (re)construídas em diferentes espaços, destacando-se as mídias. Assim, buscaremos através de diferentes artefatos culturais – vídeos, charges, desenhos, revistas, filmes, entre outros – abordar essas temáticas.” (VIDEOCURSO, 2017)

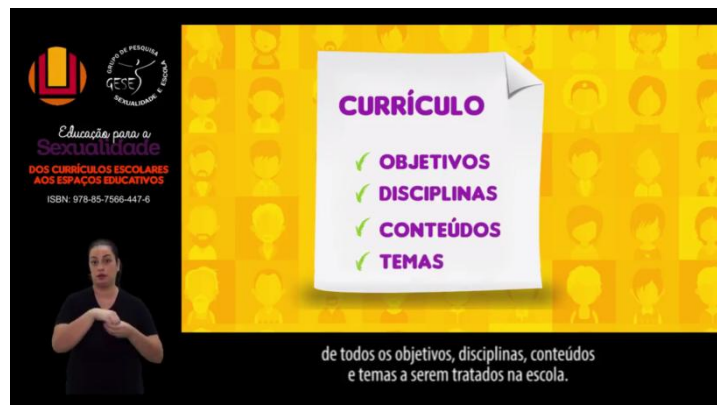
Figura 11: Sexualidades, Gêneros e Mídias: discutindo os artefatos culturais como espaços educativos.



Fonte: Videocurso, 2017.

E, por fim, temos a videoaula *Currículo, PPP e educação para a sexualidade: articulações possíveis* (Figura 12). Nessa, tem-se, por objetivo, “falar de currículo e projeto político-pedagógico, estabelecendo algumas relações com a temática do nosso curso: a educação para a sexualidade.” (VIDEOCURSO, 2017).

Figura 12: Currículo, PPP e educação para a sexualidade: articulações possíveis.



Fonte: Videocurso, 2017.

Pensando em formas de potencializar as discussões apresentadas nas videoaulas e, ainda, permitindo que os/as cursistas pudessem tirar dúvidas, contribuir com as discussões, travar diálogos com seus/suas pares e com a equipe docente do curso, foi optado pela utilização da ferramenta fórum, disponível nos ambientes virtuais de aprendizagem, como possibilidade para a interação em momentos assíncronos entre cursistas e professores/as. De acordo com Ribeiro (2012, p. 36),

Em um curso oferecido através de um ambiente virtual de aprendizagem colaborativo, o fórum pode ser definido como um espaço de discussões em torno dos temas tratados, potencializando o processo de aprendizagem entre todos/as os/as participantes, como também a problematização de pontos de vista entre sujeitos que possuem os mesmos objetivos.

Assim, ao longo de cada um dos módulos, os/as cursistas são convidados/as a participarem de um fórum de discussões. Cada fórum articula as problematizações das videoaulas do módulo em questão e seus desdobramentos, nas vivências diárias dos/as cursistas, em seus espaços de atuação. Nesse momento, todos/as somos convidados/as ao diálogo, à troca de experiências e de aprendizados, além de nos ser possibilitada a possibilidade de suprir dúvidas.

No módulo 1, o fórum tem, como enunciado:

Cursista,
 Após assistir às videoaulas, vamos discutir as temáticas abordadas – educação para a sexualidade, diversidade, identidade e diferença. Essas temáticas são carregadas de sentidos e, algumas, são usadas cotidianamente, sem que seu significado seja problematizado. Assim, neste primeiro fórum pedimos que você apresente seus apontamentos sobre as seguintes questões: - Você já fazia uso dos conceitos discutidos nas videoaulas? - Com quais significados? - E a partir das videoaulas, qual é o seu entendimento acerca de educação para a sexualidade, diversidade, identidade e diferença?
 O fórum é um espaço produtivo para que possamos discutir sobre as temáticas que serão discutidas em nosso *Videocurso*. Fique à vontade para interagir conosco e com os/as colegas.
 Boas discussões! (VIDEOCURSO, 2017)

Pensando em formas de articular as discussões presentes nas videoaulas do módulo 1 (Educação para a sexualidade: apontamentos teóricos e conceituais, Educação para a sexualidade: contexto histórico, e Identidade e diferença: potencialidades para o debate da diversidade), optou-se por centralizar as provocações do enunciado a partir da discussão dos conceitos de diversidade, de diferença e de identidade. Da mesma forma, no fórum 2, relativo às discussões do módulo 2 (Identidades de gênero: masculinidades, feminilidades e suas múltiplas possibilidades, Identidades sexuais: refletindo sobre diferentes posições de sujeito e Violência de gênero: sexismo e homofobia em destaque) optou-se por entrelaçar a discussão das três videoaulas a partir da temática da violência de gênero, é possível visualizar no enunciado 2:

Cursista,

Segundo dados da ONU, Mulheres, uma em cada três mulheres é vítima de violência física ou sexual pelo companheiro em algum momento de sua vida. No Brasil, a taxa de feminicídios é a quinta maior do mundo.

Com relação à população LGBT, de acordo com o levantamento anual realizado pelo Grupo Gay da Bahia, grupo que elabora anualmente o Relatório de Assassinatos LGBT no Brasil, em 2016 foram vítimas de assassinato 162 gays, 80 travestis, 50 transexuais femininas e 12 transexuais masculinas. (Fontes: <https://goo.gl/5morUh>, <https://goo.gl/57FTGI> e <https://goo.gl/EKMLCA>)

Considerando esses dados, como você tem percebido as violências por identidade de gênero e sexuais nos espaços sociais em que circula (família, escola, instituições religiosas, redes sociais, universidade, organizações não governamentais, movimentos sociais, entre outros) e que ações podemos desenvolver para o seu enfrentamento?

Boas discussões! (VIDEOCURSO, 2017)

No módulo 3 (Corpos em Foco: marcadores, inscrições, subjetivações, Aids: entendimentos e atualizações, e, *Sexting*: algumas definições, possibilidade e discussões...), as proposições feitas no fórum partiam da interlocução entre as temáticas de Aids e *Sexting* enquanto marcas que produzem o corpo biossocial, como podemos observar no enunciado do fórum 3:

Cursista,

Nas videoaulas desse módulo, problematizamos que os/as portadores/as do HIV e os/as praticantes de *sexting* carregam marcas nos seus corpos, que os/as posicionam em lugares marginalizados nos meios sociais.

Neste fórum, gostaríamos que você discutisse os seguintes questionamentos: Como os/as portadores/as do HIV e os/as praticantes do *sexting* são representados/as e falados/as nas diversas mídias? Que ações e medidas de enfrentamento você considera relevantes serem tomadas para que possamos minimizar o preconceito contra os/as portadores/as do HIV e os/as praticantes de *sexting*?

Boas discussões! (VIDEOCURSO, 2017)

Por fim, o quarto módulo do *Videocurso* pretende, a partir das videoaulas (Sexualidades, Gêneros e Mídias: discutindo os artefatos culturais como espaços educativos e Currículo, PPP e educação para a sexualidade: articulações possíveis), articular as questões abordadas ao longo das demais videoaulas no contexto educativo. Configurou-se como um momento de possibilitar, ao/à cursista, não apenas retomar os conceitos até então discutidos, como também colocar em prática algumas das discussões realizadas por meio da análise de artefatos culturais. Isso fica claro no enunciado que segue:

Cursista,

Nas videoaulas deste módulo, abordamos os artefatos culturais enquanto espaços educativos e o currículo e projeto político-pedagógico das escolas e suas relações com a educação para a sexualidade.

Assim, nossa proposta, neste fórum, é instigar você a perceber como as pedagogias culturais estão presentes nos diferentes artefatos que circulam na sociedade e como podemos aborda-las no espaço escolar. Para tanto, escolha um artefato cultural (revistas, charges, jornais, postagens, vídeos, propagandas, entre outros) e o analise, assim como foi apresentado na videoaula em que discutimos uma cena do filme “A Pequena Sereia”.

Nessa análise, destaque as seguintes questões: quais pedagogias estão presentes no artefato escolhido? Que significados sobre os corpos, gêneros e sexualidades estão nele apresentados? Como esse artefato poderia ser discutido nos currículos escolares?

Não se esqueça de compartilhar o link do artefato selecionado para que todos/as possam dialogar.

Boas discussões! (VIDEOCURSO, 2017)

Assim, a vivência do Videocurso, mesmo que realizada totalmente na modalidade *online*, tem, no espaço dos fóruns ambientes diferenciados, convidativos para o debate, ampliando o contato entre cursistas e equipe docente, de modo a oportunizar espaços de múltiplas conexões, de aprendizagem colaborativa e de compartilhamento de saberes (RIBEIRO, 2012).

Outra característica da proposta e do espaço do Videocurso é a realização de duas webconferências: uma na abertura das atividades do curso e outra em seu encerramento. As webconferências são realizadas via *GOOGLE Hangout* e transmitidas em tempo real, para os/as cursistas, via *YouTube*. Tais momentos do Videocurso consistem em encontros síncronos entre a equipe docente, um/a palestrante convidado/a, que proferirá sua fala, e os/as cursistas. A participação se dá em tempo real, via chat, pela plataforma do *YouTube*, na qual os/as cursistas têm a possibilidade de dialogar, de realizar perguntas e de interagir com a equipe e com o/a palestrante.

Figura 13: Cartazes de divulgação das webconferências.



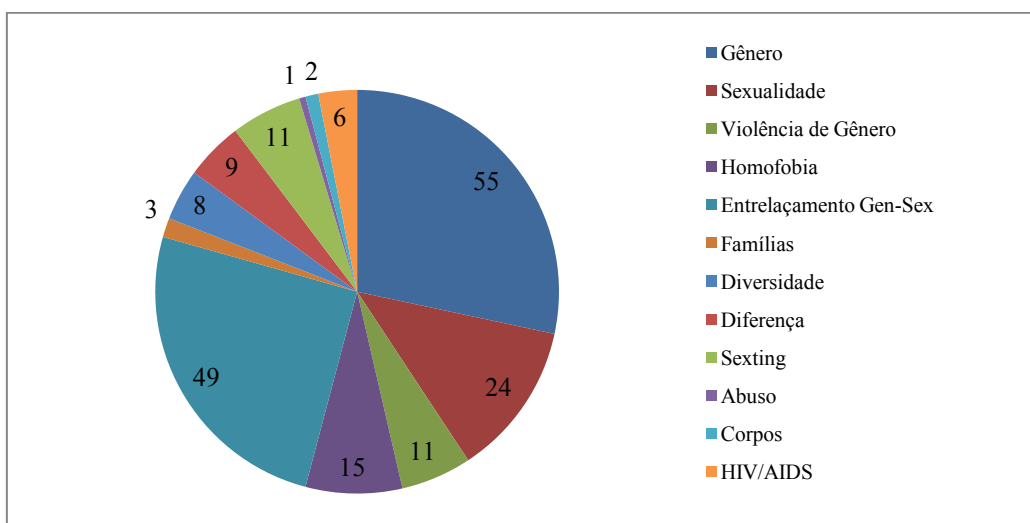
Fonte: Videocurso, 2018.

Na conclusão do Videocurso, os/as cursistas são convidados/as a realizarem um trabalho final, a construção de um Recurso Educativo Digital - RED. Essa proposta pauta-se na possibilidade de estimular os/as cursistas a desenvolverem atividades e/ou projetos de educação para a sexualidade em seus espaços de atuação, empregando, como fundamentação teórica, os aprendizados construídos a partir das videoaulas, dos fóruns, das webconferências e dos materiais de apoio disponibilizados. Além de se viabilizar a construção de materiais didático-pedagógicos, como mediadores dessas práticas, é uma forma de multiplicar propostas educativas, como a própria vivência do Videocurso.

Entendemos, como um RED, um artefato cultural produzido a partir de recursos digitais (programas de computador, plataformas de criação de *sites*, *blogs*, redes sociais, aplicativos de *tablets* e *smartphones*), o qual tenha finalidade educativa. As potencialidades dos RED incluem criatividade, aprendizagem colaborativa, aprendizado de múltiplas linguagens, entre outros.

Ao longo das 06 ofertas do Videocurso 1, foram submetidos 209⁴ RED. Para conhecermos um pouco desses materiais, eles foram organizados em 12 categorias, conforme as temáticas de discussão apresentadas pelos/as autores/as, segundo podemos observar no gráfico abaixo (figura 14).

Figura 14: Gráfico das categorias de RED.



⁴ Dentre esses trabalhos, 15 não estão mais disponíveis para acesso, por se tratarem de páginas em redes sociais, excluídas pelos/as cursistas.

Fonte: Produção das autoras.

É interessante ressaltar que as categorias anteriormente descritas foram organizadas a partir das temáticas presentes nos trabalhos. Logo, as categorias homofobia, diversidade, diferença, famílias, corpos, violência de gênero, abuso sexual e *sexting* foram organizadas com trabalhos que trataram especificamente das temáticas indicadas em sua totalidade. As categorias gênero e sexualidade são compostas por tratarem temas relacionados às discussões dos dois campos, abordando questões como a produção das identidades, a vivência das brincadeiras e brinquedos, as formas de viver os prazeres e os desejos, a produção das masculinidades e feminilidades, entre outros aspectos dos campos de estudo de gênero e sexualidade. E, por fim, a categoria entrelaçamento entre gênero e sexualidade engloba os trabalhos que apresentaram discussões entrelaçadas entre as temáticas de corpos, gêneros e sexualidade.

Concordamos com Larrosa (2016, p. 69) sobre o fato de que a “experiência não pode ser antecipada, não tem a ver com o tempo linear do planejamento, da previsão, da predição, da prescrição”. Desse modo, foi a partir da caminhada de produção e da realização das ofertas do Videocurso Educação para a Sexualidade que novas experiências e novas possibilidades emergiram, gerando novos contornos para o Videocurso.

No decorrer da primeira oferta do Videocurso (2015/2), o Gese, em trocas e diálogos junto a pesquisadores/as e parceiros/as do campo de discussão da educação para a sexualidade, recebeu, como proposta, ampliar o campo de ofertas do curso, passando, assim, a ofertá-lo em 2016, no primeiro semestre, com a parceria da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), da Universidade Federal do Pampa Gaúcho (UNIPAMPA) e junto à Coordenadoria da Mulher da Prefeitura de Bagé.

Contudo, foi no decorrer das primeiras três ofertas que cursistas e equipe docente, a partir das experiências vivenciadas junto às discussões do Videocurso, passaram a sentir a necessidade de ampliação das temáticas abordadas nas videoaulas. Nesse processo de trocas e de parcerias, surgiu, nas falas e nas trocas dos fóruns, a importância de espaços de formação para profissionais da educação nas temáticas da educação para a sexualidade.

Em função disso, o Gese, estruturou uma nova etapa do Videocurso, acrescentando 10 novas temáticas de videoaulas, trazendo, para essa parceria, pesquisadores/as convidados/as – Claudia Maria Ribeiro - Universidade Federal de

Lavras (UFLA), Juliana Ribeiro de Vargas - Universidade Luterana do Brasil (ULBRAS), Elenita Pinheiro – Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Fernando Seffner – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e Teresa Vilaça – Universidade do Minho (Braga-PT) – para escreverem algumas das videoaulas, a partir da afinidade de seus temas de pesquisa com o tema central proposto para integrar o Videocurso. Dessa forma, passaram a integrar, as discussões do curso, as seguintes temáticas: infâncias, juventudes, abuso sexual, masculinidades, gênero e ciências, feminismos, religião, famílias, saúde sexual e práticas corporais. O Videocurso 2 Educação para a Sexualidade: temas contemporâneos em discussão foi ofertado a partir de 2017, no segundo semestre, somente para os/as cursistas já certificados na primeira etapa do Videocurso, sob o nome Videocurso 2 Educação para a Sexualidade: temas contemporâneos em educação.

Apresentando a mesma estrutura, o Videocurso 2 foi organizado em 04 módulos, sendo realizado um fórum a cada módulo. O primeiro e o segundo módulos são compostos por três videoaulas cada, e o terceiro e quarto módulo são compostos, cada um, por duas videoaulas.

A primeira videoaula (Figura 15) é de autoria das pesquisadoras Cláudia Maria Ribeiro, Carolina Faria Alvarenga e Juliana Graziella Martins Guimarães, da Universidade Federal de Lavras. Essa tinha, como título: “Educação para as sexualidades e gênero: entrelaçando ludicidade e as expressões de crianças pequenas”. O objetivo dessa videoaula seria problematizar “os conceitos de infâncias, sexualidades e gênero com ênfase nas expressões das crianças pequenas.” (VIDEOCURSO, 2017).

Figura 15: Educação para as sexualidades e gênero: entrelaçando ludicidade e as expressões de crianças pequenas.



Fonte: Videocurso, 2017.

A segunda videoaula (Figura 16) é de autoria da pesquisadora Juliana Ribeiro de Vargas, da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e foi intitulada como: “Juventudes contemporâneas: vivências, experimentações e possibilidades”. As discussões propostas, nessa videoaula, objetivavam “analisar o tema “juventudes contemporâneas”, relacionando-o, principalmente, com a educação escolar. Para tanto, valemo-nos dos Estudos sobre Juventude e, ainda, dos discursos legais utilizados como demarcadores de políticas sociais/educacionais para essa população. Através da apresentação de "cenas", de situações encontradas em escolas de Educação Básica, buscou-se visibilizar a constituição de expressividades das culturas juvenis contemporâneas, contribuindo para um maior conhecimento de dimensões de suas vidas e para o fomento de práticas pedagógicas próximas ao cotidiano juvenil.” (VIDEOCURSO, 2017).

Figura 16: Juventudes contemporâneas: vivências, experimentações e possibilidades.

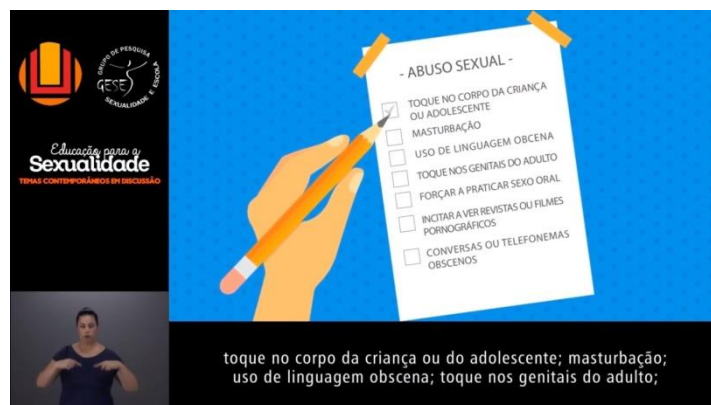


Fonte: Videocurso, 2017.

Já a terceira videoaula (Figura 17), que compõe o primeiro módulo, de autoria do Gese, foi denominada: “Pensando o abuso sexual: modalidades, legislação, nomenclaturas, rede de proteção e aspectos educacionais”. A proposta dessa videoaula era discutir “o abuso sexual em suas diferentes modalidades, enquanto um problema de âmbito social, moral, jurídico e de saúde pública. Assim, para problematizarmos acerca dessa violência que crianças e adolescentes sofrem, de forma intra e/ou extrafamiliar, apresentamos algumas discussões, tais como: diferença entre exploração sexual e abuso sexual; artifícios utilizados pelos/as abusadores/as; indicadores comportamentais e físicos que sujeitos que sofreram abuso podem apresentar; legislação que normatiza e que respalda a acusação; onde e como proceder à denúncia; rede de proteção que deve

se instaurar mediante a queixa e, por fim, o abuso nos diferentes espaços educativos. (VIDEOCURSO, 2017).

Figura 17: Pensando o abuso sexual: modalidades, legislação, nomenclaturas, rede de proteção e aspectos educacionais.



Fonte: Videocurso, 2017.

A quarta videoaula (Figura 18), apresentada pelo Videocurso 2, também de autoria do Gese, foi intitulada: “Feminismo(s) e suas potencialidades nos espaços educativos”. Com essa, teve-se o propósito de abordar “a temática dos feminismos e suas potencialidades nos espaços educativos, como um início de conversa e de abertura para a reflexão dessas questões na atualidade. Assim, apresentamos uma definição a qual alguns acontecimentos interpelaram a constituição histórica do feminismo enquanto um movimento organizado de luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres. Propomos, a partir desta trajetória trilhada pelo movimento feminista, algumas possibilidades de abordagem da temática nos espaços educativos, a fim de contribuir com uma sociedade plural e igualitária.” (VIDEOCURSO, 2017)

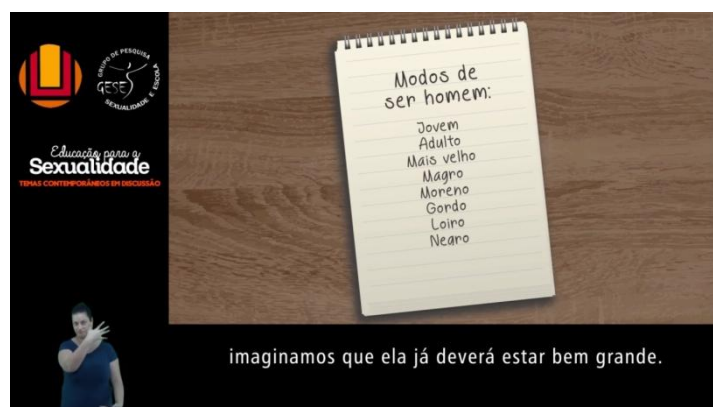
Figura 18: Feminismo(s) e suas potencialidades nos espaços educativos.



Fonte: Videocurso, 2017.

A quinta videoaula (Figura 19), escrita pelo pesquisador Fernando Seffner, teve, como título: “Pedagogias de produção das masculinidades no ambiente escolar”. Essa teve, como objetivo, tratar das múltiplas formas de produção das masculinidades, entendendo que “Há muitos modos de ser menino ou menina, com diferentes atributos, características e projetos de vida. Há muitos modos de produzir-se enquanto homem. A vida em sociedade é atravessada por diferentes pedagogias de produção das masculinidades. O ambiente escolar é um importante local para aprender sobre as possibilidades de ser menino, experimentando modos de socialização no espaço público, na transição de criança a jovem ou adulto jovem. Estes são os tópicos que vamos estudar nessa videoaula.” (VIDEOCURSO, 2017)

Figura 19: Pedagogias de produção das masculinidades no ambiente escolar.

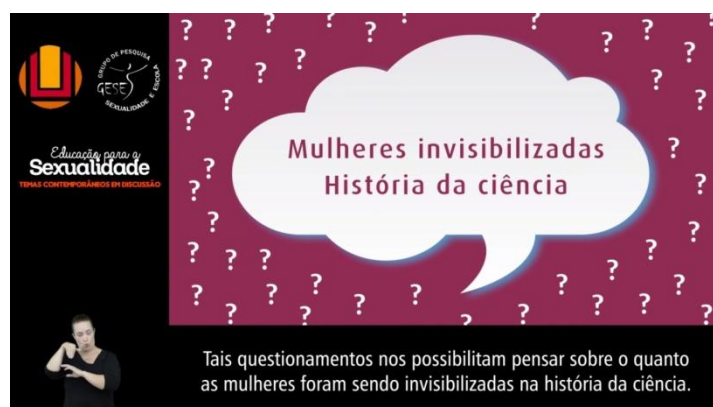


Fonte: Videocurso, 2017.

Já a sexta videoaula (Figura 20), igualmente de autoria do Gese, foi intitulada: “Gênero e ciência: uma discussão potente para a educação”. Essa videoaula teve a

finalidade de “discutir sobre Gênero e Ciência e os movimentos contemporâneos que têm possibilitado pensar essa temática no campo educacional. Apresentamos de forma breve algumas mulheres cientistas e o campo teórico da crítica feminista a ciência; abordamos alguns movimentos a favor da igualdade de gênero no campo da ciência; e problematizamos as potencialidades dessa discussão nos diferentes espaços educativos.”(VIDEOCURSO, 2017).

Figura 20: Gênero e ciência: uma discussão potente para a educação.



Fonte: Videocurso, 2017.

A sétima videoaula (Figura 21), de autoria do Gese, foi denominada de “Família ou famílias? Elementos históricos e contemporâneos”. Tal videoaula teve, por objetivo, “abordar, brevemente, elementos históricos sobre a constituição das famílias, explorando alguns dos processos de transformação e reconfiguração até os dias atuais, em que compreendemos família em suas diversas possibilidades de arranjos. Para pensarmos o conceito de famílias na contemporaneidade, apresentaremos alguns aspectos jurídicos e lutas que têm sido travadas. Por fim, apontaremos algumas possibilidades para a inserção desse debate nos espaços educativos.” (VIDEOCURSO, 2017).

Figura 21: Família ou famílias? Elementos históricos e contemporâneos.



Fonte: Videocurso, 2017.

A oitava videoaula (Figura 22), de autoria de Fátima Lúcia Dezopa Parreira Minisa Nogueira Napolitano, Marcus Vinicius Borrezi, Magno Rodrigues Borges e Lourdes Maria Campos Corrêa do Grupo de pesquisa Gênero, corpo, sexualidade e educação (GPECS) coordenado por Elenita Pinheiro, da Universidade Federal de Uberlândia, foi intitulada de: “Sexualidade, religião e educação escolar”. Com ela, teve-se o propósito de “dialogar sobre as relações entre sexualidade, religião e educação escolar, a fim de pensarmos o modo como a religião e a escola operam com as noções de sexualidade e de gênero no processo de constituição dos sujeitos.” (VIDEOCURSO, 2017).

Figura 22: Sexualidade, religião e educação escolar.



Fonte: Videocurso, 2017.

No último módulo, apresentou-se a nona videoaula (Figura 23), de autoria do Gese em parceria com a pesquisadora Elenita Pinheiro do Grupo de Pesquisa Gênero, corpo, sexualidade e educação (GEPCS) da Universidade Federal de Uberlândia. O

título dado a ela foi: “Práticas corporais contemporâneas: marcas, significados, arte, autoexpressão...”. A discussão estabelecida, nessa videoaula, teve a intenção de “discutir algumas práticas corporais que vêm marcando os corpos e produzindo subjetividades. Marcas corporais que são resultantes dos diversos modos como as pessoas colocam seu corpo como superfície para o registro de suas experiências, lembranças e sensações. Marcas que produzem significados e servem para associar, identificar, classificar, posicionar e que estão relacionadas à história de vida, a desejos, a práticas religiosas, a transgressões, à arte, à autoexpressão, entre outras possibilidades. Abordaremos que a escola tem, no corpo, o seu principal elemento de atuação, ela se depara, acolhe ou rejeita corpos carregados de marcas.” (VIDEOCURSO, 2017).

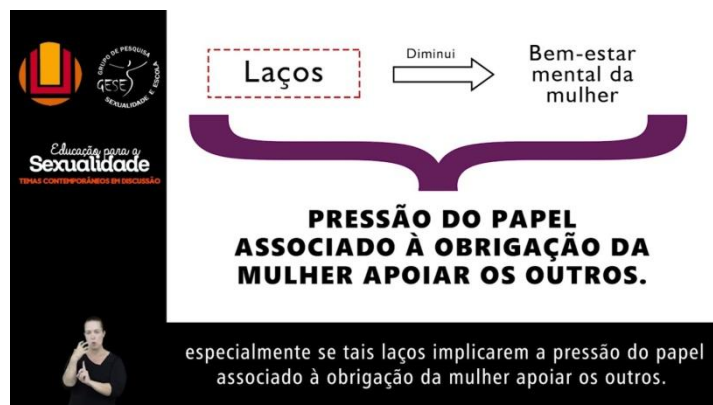
Figura 23: Práticas corporais contemporâneas: marcas, significados, arte, autoexpressão...



Fonte: Videocurso, 2017.

E a décima e última videoaula (Figura 24), do Videocurso 2, de autoria da pesquisadora, da Universidade do Minho (Braga/PT), Teresa Vilaça, recebeu o título de: “Gênero, Sexualidade, Saúde e Bem-estar”. Com ela, teve-se o objetivo de “discutir a construção dos gêneros e das identidades de gênero como uma lente de análise para a problematização da promoção da saúde sexual na visão holística da Organização Mundial de Saúde.”

Figura 24: Gênero, Sexualidade, Saúde e Bem-estar.



Fonte: Videocurso, 2017.

Da mesma forma como no Videocurso 1, em cada módulo do Videocurso 2, era proposto um fórum de discussão que articulasse o debate das videoaulas apresentadas. Assim, o primeiro módulo relacionou as discussões das videoaulas sobre infâncias, juventudes e abuso sexual e nele foram propostas, para os/as cursistas, algumas questões para serem problematizadas, conforme pode ser percebido no anunciado a seguir:

Olá Cursista!

As diferentes formas de violência sexuais sempre existiram, mas na contemporaneidade as tecnologias digitais têm potencializado o acesso a essas informações. Com isso, recentes episódios estão ganhando destaque na mídia, dentre eles: corpos de mulheres como alvo de excitação e ejaculação de homens; registro de imagem em ambiente “público”; de criança sendo abusada por um adulto; jovens que sofrem abuso por parte de professor/a em sala de aula, entre outros episódios. Para que possamos realizar um debate profícuo no fórum, questionamos:

Como nos posicionarmos, enquanto profissionais da educação, sabendo do acesso de crianças e jovens a esses casos?

Pensando nas infâncias e nas juventudes, qual o impacto dessas informações nas escolas?

E como podemos promover esse debate junto à comunidade escolar?
(VIDEOCURSO, 2017)

Para articular as discussões do segundo módulo do Videocurso 2, composto pelas temáticas de feminismos, masculinidades, gênero e ciência, o enunciado do fórum, novamente, lançou alguns questionamentos, articulando a problematização deles a partir de algumas reportagens que circularam nas mídias.

“Cientista ganhador de Nobel se desculpa por comentários machistas”

Em 2015, durante palestra na Conferência Mundial de Jornalistas Científicos, na Coreia do Sul, o cientista britânico Tim Hunt, ganhador do Prêmio Nobel de medicina e fisiologia em 2001, afirmou que, quando mulheres trabalham com homens em laboratórios, “Você se apaixona por elas, elas se apaixonam por você e, quando você as critica, elas choram”. Seguindo seus comentários, afirmou ainda “Eu realmente falei sério sobre a parte de ter problema com garotas [...] eu me apaixonei por pessoas no laboratório e pessoas no laboratório se apaixonaram por mim, e isso é muito perturbador para a ciência”.

Em resposta, a jornalista Amy Remeikis ironizou a fala de Tim Hunt: “Que bom que Marie Curie parou de chorar para descobrir (os elementos químicos) o rádio e o polônio”.

Diante dos comentários machistas de Tim Hunt, a revista feminista online Vagenta impulsionou a hashtag #distractinglysexy (“distraidamente sexy”). Cientistas de todo mundo compartilharam para criticar a fala do pesquisador. Essa ação ganhou força no twitter, com mais de 10 mil posts em apenas algumas horas.

A partir desses posicionamentos, podemos evidenciar que as questões de gêneros atravessam as diferentes instâncias sociais, produzindo formas de ser homem e mulher. A fim de problematizar esses temas e as reportagens disponibilizadas neste fórum, questionamos:

A escola e a universidade, enquanto espaços de conhecimento e saber científicos ainda se deparam com o preconceito de gênero na ciência? De que forma ou como isso é evidenciado?

Como poderíamos suscitar o debate, em sala de aula, acerca da produção das masculinidades e feminilidades?

Links das notícias:

<http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2015/06/cientista-ganhador-de-nobel-se-desculpa-por-comentarios-machistas.html>

<http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2015/06/cientistas-mulheres-postam-fotos-sexy-apos-comentario-machista-de-premio-nobel.html>

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2015/06/12/cientistas-mulheres-postam-fotos-sexy-apos-comentario-machista-de-premio-nobel.htm>

(VIDEOCURSO, 2017)

O terceiro fórum articulou as discussões entre as videoaulas sobre as temáticas de famílias e religiões. Nele, teve-se a intenção de colocar, como problematizações centrais, as seguintes questões:

Olá Cursista!

Em vários âmbitos da sociedade, entende-se a família como instância construída a partir de diferentes configurações. Entretanto, alguns grupos políticos e religiosos têm provocado discussões e embates que reforçam em seus discursos a “defesa da família brasileira”, em oposição ao reconhecimento jurídico da união civil homossexual como entidade familiar e a possibilidade de adoção por famílias homoparentais. Vemos aparecer, assim, um movimento muito forte pela perpetuação da família tradicional, conhecido por ser contra a suposta “ideologia de gênero”.

Frente a essa problematização, este fórum propõe discutir as seguintes questões:

De que forma podemos abordar, nos espaços educativos, as diferentes configurações familiares, promovendo um debate em que elas sejam reconhecidas e respeitadas?

Como você tem percebido as discussões sobre "ideologia de gênero" no espaço da escola?

Diante da laicidade do Estado, você acha possível promover um debate que articule a educação para a sexualidade e a diversidade religiosa? Como ou de que forma isso pode ser feito?
(VIDEOCURSO, 2017)

Por fim, o último fórum de discussão propôs as problematizações das videoaulas sobre práticas corporais e as questões relacionadas à saúde do corpo. Ele teve, como foco, em seu enunciado, não apenas realizar uma retomada das discussões que perpassaram as videoaulas anteriores, como também fazer um novo aprofundamento a respeito das questões já discutidas na primeira etapa do Videocurso, como a construção dos corpos e a vivência dos gêneros e sexualidades. A partir desse fórum, foram abordadas novas articulações para o espaço da escola, como podemos visualizar no enunciado que segue:

Olá Cursista!

Ao longo do tempo, em diferentes culturas, as práticas corporais têm assumido diferentes significados, ou seja, podem ser vistas: como marcador identitário de uma determinada tribo urbana; para contar histórias de vida; buscar uma individualidade; por algumas pessoas como um distúrbio ou transtorno; como embelezamento; como prática saudável; ou até mesmo como um modo de vida. Assim, essas práticas possuem múltiplos significados na sociedade contemporânea.

Sabemos que a escola é uma instância onde essas práticas corporais estão presentes, assim questionamos:

Crianças, jovens e adultos têm buscado construir seus corpos a partir de diferentes práticas corporais. Como a escola, enquanto espaço de socialização, pode promover o diálogo sobre essas práticas?

As práticas corporais podem borrar a fronteira entre um corpo saudável e um estilo de vida? Como isso pode ser evidenciado?

A Organização Mundial da Saúde (OMS) tem nos provocado a pensar como homens e mulheres são educados/as e interpelados/as pelo discurso da saúde. Assim, de que forma podemos possibilitar na escola o debate sobre a saúde reprodutiva e sexual?
(VIDEOCURSO, 2017)

Ainda, fizeram parte do espaço de discussão apresentado, no Videocurso 2, a realização de uma webconferência (Figura 25), com a participação de pesquisadores/as convidados/as para discutir as novas questões presentes nas videoaulas, em sua

articulação com as constantes demandas da sociedade contemporânea e do espaço da escola.

Figura 25: Cartazes de divulgação das webconferências.



Fonte: Videocurso, 2018.

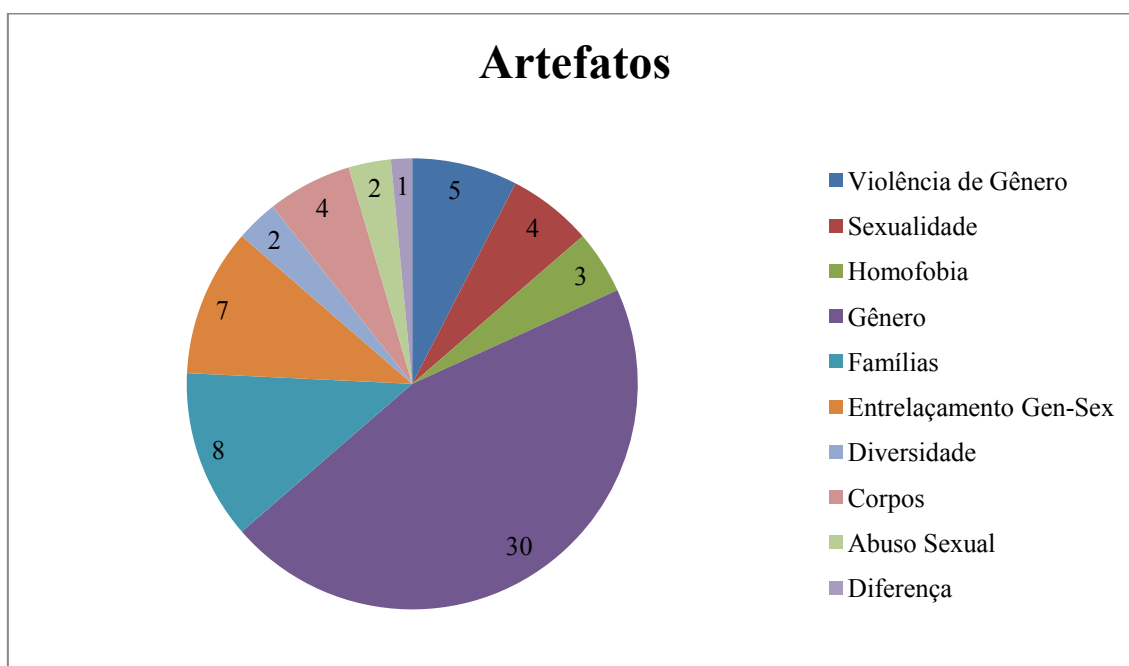
E, ao final de cada oferta, era feita a solicitação de produção de um trabalho final semelhante à proposta prevista no Videocurso 1. No Videocurso 2, foi solicitada a produção de um artefato cultural, diferindo do RED, por não ter a exigência de ser produzido em meio digital. A proposta era de que esse artefato foi mais lúdico, conforme podemos constatar no enunciado a seguir:

No Videocurso 2, nosso objetivo é a produção de um artefato cultural é proporcionar a criação de um recurso didático-pedagógico que tenha como finalidade discutir as questões da educação para a sexualidade, de modo a fomentar práticas educativas e projetos junto a crianças, jovens e adultos para o debate de temas como violência, abuso, gêneros, sexualidades, feminismos, masculinidades, infâncias, juventudes, famílias, saúde, religião, gênero e ciência, entre tantos outros assuntos que permeiam os diferentes espaços educativos que transitamos.

Assim, propomos que você produza um artefato cultural que contemple as temáticas que discutimos nas videoaulas apresentadas no Videocurso 2 a partir das seguintes possibilidades: história em quadrinhos, propaganda, vídeo, poema, crônica, música, esquete, paródia, livro de literatura infanto-juvenil. (VIDEOCURSO, 2017)

Ao longo das duas ofertas já realizadas do Videocurso 2, foram submetidos 66 artefatos produzidos pelos/as cursistas. Essas propostas de trabalho foram organizadas a partir das categorias já utilizadas para organizar os RED e seguem apresentados na figura 26.

Figura 26: Gráfico das categorias de Artefatos Culturais.



Fonte: Produção das autoras.

As experiências vivenciadas, ao longo da produção da segunda etapa do Videocurso, mostraram nosso amadurecimento em relação à proposta de construção de um curso online, tanto na organização dos roteiros das videoaulas como na produção delas e na finalização do material para início da oferta do curso. Tal processo não apenas proporcionou a ampliação de discussões presentes no Videocurso Educação para a Sexualidade, como também nos permitiu retomar as videoaulas da primeira etapa do curso e perceber novas nuances e possibilidades para enriquecimento do material e das discussões a serem realizadas junto aos/às cursistas futuros.

Outra oportunidade que se concretizou, ao longo do ano de 2017, trazendo, para o espaço do Videocurso, novas possibilidades, foi a parceria com profissionais do Instituto Federal de Santa Catarina – Campus Palhoça Bilingue (IFSC). Tal parceria resultou na tradução de todo o material das 21 videoaulas para libras, a fim de garantir a acessibilidade dos sujeitos surdos às aulas. Esse movimento demonstrou a amplitude de possibilidades presentes no espaço do Videocurso, que ainda podem e precisam ser exploradas.

Portanto, em cada uma das etapas de elaboração do ambiente virtual de aprendizagem do Videocurso, das videoaulas, dos fóruns, do planejamento dos trabalhos finais, foi possível vivenciar uma experiência de aprendizagem impar,

apaixonante. Segundo Larrosa (2011), “A experiência supõe, em primeiro lugar, um acontecimento ou, dito de outro modo, o passar de algo que não sou eu.” E, nesse sentido, “O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada” (LARROSA, 2016, p. 22).

Minha experiência, com o Videocurso, foi esse choque, essa injeção de energia que me fez parar; parar e sentir. O *contraespaço* produzido, para esse curso de formação de profissionais da educação, nas temáticas da educação para a sexualidade, tem, assim, interpelado-me a pensar sobre suas possibilidades educativas, seus desdobramentos para os diferentes espaços educativos.

Constituiu-se, assim, a partir desse ambiente, o corpus de análise da tese aqui proposta. Propõe-se realizar três movimentos distintos de análise, permitindo que se considere o Videocurso Educação para a Sexualidade um espaço de criação de possibilidades na formação de profissionais da educação. Espaço esse permeado por elementos heterotópicos para fomentar práticas de educação para a sexualidade nos diferentes espaços educativos.

Para Larrosa (2016, p. 07),

A experiência, em primeiro lugar, é um passo, uma passagem, um percurso. Se a palavra experiência tem o *ex* de exterior, tem também esse *per* que é um radical indo-europeu para palavras que têm a ver com travessia, com passagem, com caminho, com viagem. A experiência supõe, portanto, uma saída de si para outra coisa, um passo para outra coisa, para esse *ex* de que falamos antes, para esse *isso* de “*isso* que me passa”.

É na experiência de inventar possibilidades, instigadas a partir do que Foucault nos apresenta serem as heterotopias, de pensar espaços outros para a formação de profissionais da educação, em educação para a sexualidade, que se tem caminhado pelas páginas dessa tese e por todas as experiências vivenciadas ao longo do processo de criação, desenvolvimento e vivência do Videocurso. Nesse estudo, são apresentadas minhas incursões pelos caminhos da pesquisa, minhas tentativas de fazer meu canto soar e atravessar o tempo e o espaço da educação, chão que tenho percorrido ao longo de toda minha formação docente.

4. EXPERIÊNCIA INVESTIGATIVA: PRODUZINDO A TESE

A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimental). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indo-europeia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a ideia de travessia, e secundariamente a ideia de prova. Em grego há numerosos derivados dessa raiz que marcam a travessia, o percorrido, a passagem: *peirô*, atravessar, *pera*, mais além; *peraô*, passar através, *perainô*, ir até o fim; *peras*, limite. Em nossas línguas há uma bela palavra que tem esse *per* grego de travessia: a palavra *peiratês*, pirata. O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. (LARROSA, 2016, p. 26).

Assumindo a posição, não apenas de autora, como também de sujeito da experiência que é aqui narrada, foi aceito o desafio de travessia da pesquisa. Os perigos por mim enfrentados não foram limitantes, mas sim inspiradores. A realização do processo de análise do material empírico da tese é, assim, o movimento que se constitui nessa terceira parte da tese, em meio às minhas experiências de investigação, de análise e de problematizações.

Foram delimitados como objetivos, nesta tese, discutir o espaço do Videocurso Educação para a Sexualidade, enquanto um espaço permeado por elementos heterotópicos, que possibilitam a formação de profissionais da educação em educação para a sexualidade; analisar o Videocurso Educação para Sexualidade como um *contraespaço* entrelaçado aos elementos das heterotopias de Foucault, a fim de discutir as estratégias de resistência aos avanços da frente contra “ideologia de gênero”, bem como ao enfrentamento diante do contexto de retrocessos no campo de investimentos na Educação; e discutir a produção de Recursos Educativos Digitais (RED) e de Artefatos Culturais (AC), propostos no âmbito do Videocurso Educação para a Sexualidade, enquanto estratégias de educação menor, possibilitando que os/as cursistas criem espaços permeados por heterotopias para promoção do debate da educação para a sexualidade no âmbito educacional. As análises dos dados foram realizadas em três artigos.

No primeiro artigo, são realizados o estudo e o aprofundamento das proposições do filósofo Michel Foucault acerca do conceito de heterotopia, para que se possa estabelecer as relações de análise do espaço do Videocurso Educação para a

Sexualidade enquanto um espaço permeado por elementos das heterotopias. Esses elementos permitem a criação de um outro espaço, o qual tem possibilitado a formação de profissionais da educação nos temas da educação para a sexualidade.

É a partir dos movimentos realizados, no primeiro artigo apresentado nessa tese, que surge a inquietação de pensar nesse *contraespaço* permeado por elementos heterotópicos, enquanto forma de resistência na formação de profissionais da educação. Isso proporciona a discussão e o aprofundamento das questões da educação para a sexualidade, quais sejam: os corpos, os gêneros e a sexualidade, compreendido o contexto político educacional brasileiro, em que se nota crescer um grande movimento conservador, que objetiva frear as discussões desses temas no âmbito educacional.

Por fim, a partir dos movimentos realizados ao longo dos artigos 1 e 2, apresentados no corpo dessa tese, passamos a investigar como o movimento de resistência que tem se constituído no *contraespaço* do Videocurso, a partir da vivência dos elementos das heterotopias as quais permeiam esse espaço, tem se feito multiplicar nos currículos escolares. Em função disso, propomos a investigação dos Recursos Educativos Digitais (RED) e dos Artefatos Culturais (AC) produzidos como trabalho final do Videocurso e do Videocurso 2, como práticas de educação menor, a partir do conceito cunhado por Silvio Gallo.

Permito-me nesse processo, tornar-me pirata, aventureira, navegando por mares perigosos, fascinantes, de modo a suscitar novos acontecimentos, a partir de minhas experiências como doutoranda, pesquisadora, aluna e professora. Proponho-me a produzir, a partir das experiências que têm me atravessado, ao longo da caminhada pelo doutorado, possibilidades outras de se pensar a formação de profissionais da educação junto às discussões e às problematizações da educação para a sexualidade.

4.1 Artigo 1 - Heterotopias: espaços de criação de possibilidades na formação de profissionais da educação em educação para a sexualidade

Resumo

O presente artigo tem, por objetivo, discutir o Videocurso Educação para a Sexualidade enquanto um espaço permeado por elementos heterotópicos que possibilitam a formação de profissionais da educação em educação para a sexualidade. Pautado nos estudos foucaultianos, propõe-se, na presente pesquisa, realizar o estudo teórico do conceito de heterotopia desenvolvido por Michel Foucault e, posteriormente, realizar a análise do espaço do Videocurso. Conclui-se ser o Videocurso um espaço permeado por elementos das heterotopias pensadas por Foucault. Percebe-se, nele, a justaposição de espaços distintos entre si, permitindo o diálogo, bem como a troca de experiências e de vivências dos/das cursistas que participam do curso. Além disso, esse se configura um espaço de desvio, ao que tem se instituído, na educação no Brasil, o qual cria possibilidades para o aprendizado e a discussão da educação para a sexualidade, fazendo multiplicar a promoção de uma educação pautada nas diferenças e no combate às violências.

Palavras-chave: Educação para a sexualidade. Heterotopia. Formação de profissionais da educação. Resistência.

Abstract

The aim of this article is to discuss the Videocurso Educação para a Sexualidade as a space permeated by heterotopic elements that enable the formation of education professionals in sexuality education. Based on Foucaultian studies, it is proposed, in this research, to conduct the theoretical study of the concept of heterotopia developed by Michel Foucault and, subsequently, to perform the analysis of the Videocourse space. It is concluded that the Videocourse is a space permeated by elements of the heterotopes thought by Foucault. It is noticeable, in it, the juxtaposition of distinct spaces between them, allowing the dialogue, as well as the exchange of experiences of the course participants. In addition, this is a space of deviation from what has been established in education in Brazil, which creates possibilities for learning and discussion of sexuality education, making the promotion of an education based on differences and fight against violence.

Keywords: Sexuality education. Heterotopia. Formation of education professionals. Resistance.

Ações, reações e motivações...

Como interromper os ataques que os currículos e os temas gêneros e sexualidades, estão sofrendo, hoje, no Brasil? Como introduzir nesse processo uma resistência que não somente “diga não”, mas que crie possíveis, nestes tempos de políticas reacionárias que querem, entre inúmeros retrocessos, impedir qualquer discussão de gênero no currículo escolar? (PARAÍSO, 2018, p. 07)

Tempos difíceis são vividos por nós e por todos/as aqueles/as que assumem, como perspectiva teórica e educativa, a discussão, o estudo e a prática pedagógica da abordagem dos temas que compõem o escopo do campo de conhecimentos da educação para a sexualidade, nomeadamente as questões de corpos, gêneros e sexualidades. Percebemos, desde meados de 2014, intitulados sob o slogan “Ideologia de Gênero”, o crescimento de movimentos reacionários que têm realizado, nos últimos anos, diversos ataques diretos àqueles/as que defendem e realizam a discussão de tais temáticas no currículo e no espaço da escola (JUNQUEIRA, 2017).

Frente aos avanços e às conquistas, nos currículos escolares, obtidos junto às políticas públicas, em Educação no Brasil, a partir do crescente fortalecimento e compreensão da importância e da legitimidade das discussões da educação para a sexualidade, que vimos crescer o desconforto, em algumas parcelas da população, em relação à abordagem das temáticas de gênero e de sexualidade. Em função disso, fortalece-se, em todo o país, um movimento intitulado contra “Ideologia de Gênero”.

Sob a bandeira de defesa da moral e dos bons costumes da família tradicional brasileira (heterossexual, nuclear), apoiados por uma bancada de políticos conservadores, dentro das câmaras de deputados e no senado, esse movimento tem realizado diversas investidas contra os avanços já adquiridos no campo das políticas educacionais e nas demais instâncias sociais. Assim, como muito bem questionou Marlucy Paraíso (2018b), na passagem que inicia esse texto, passamos a nos questionar: de que maneira podemos enfrentar os ataques e os retrocessos que estamos vivendo junto às políticas públicas e educacionais no Brasil?

Em meio a esse contexto de disputas e de enfrentamentos no campo curricular, junto às temáticas da educação para a sexualidade, surgiu, em um Grupo de Pesquisa, a preocupação sobre essa temática e a necessidade de investir na produção de novos espaços para a formação de profissionais da educação nessa área. A redução de investimento por parte dos governos, em cursos de formação, bem como a pouca disponibilidade e liberação dos/as profissionais do espaço da escola, atrelado ao crescente discurso de que temas como gênero e sexualidade não seriam conteúdo escolar, passaram a mobilizar pessoas.

Justamente em meio a este contexto que se constituiu o Videocurso Educação para a Sexualidade, um curso de formação ofertado totalmente *online*, voltado para profissionais da educação. Esse tem, por interesse, apresentar e debater questões

relacionadas aos corpos, aos gêneros e às sexualidades no espaço dos currículos escolares e demais espaços educativos.

Desenvolvido por um Grupo de Pesquisa, o referido videocurso está pautado no entendimento de que os corpos, os gêneros e as sexualidades são constructos históricos, sociais e culturais. Dessa maneira, sua proposta é discutir e problematizar tais questões em articulação com as dimensões étnico-raciais, geracionais, de classe, de nacionalidade, entre outras, com o propósito de:

[...] contribuir com a formação de profissionais da educação, através de videoaulas que tratam das temáticas de corpos, gêneros e sexualidades nas escolas e nos diversos espaços educativos, fomentando discussões que visem à promoção, o respeito e a valorização da diversidade sexual e de gênero, colaborando assim, para o enfrentamento da violência sexista e homofóbica. (VIDEOCURSO, 2017).

O material pedagógico do curso é composto pelas videoaulas, pela midiateca, com livros e vídeos produzidos pelo Grupo de Pesquisa, com indicações de leituras para aprofundamento teórico e materiais de apoio à prática pedagógica. Ainda, são feitas indicações de artefatos midiáticos, de livros infantis e de propostas de atividades e oficinas para o embasamento de aulas e de projetos pedagógicos. Para a realização das discussões sobre o conteúdo teórico apresentado no material pedagógico do curso (videoaulas), são realizados fóruns de debate.

Ademais, é proposto, para cada cursista, a produção de um trabalho ao final de cada parte do Videocurso, sendo, respectivamente, solicitada a construção de um recurso educativo digital e a produção de um artefato cultural. Esses devem ter, por objetivo, fomentar práticas e discussões relacionadas à educação para a sexualidade nos diferentes espaços de atuação dos/as cursistas. Também, durante o curso, são realizadas webconferências com palestrantes convidados/as – pesquisadores/as da área – que têm sua fala transmitida ao vivo, proporcionando um momento de debate entre cursistas, equipe docente e palestrante, via transmissão *online* pelo *YouTube*.

Toda a proposta do Videocurso, desde suas videoaulas até a escolha dos temas e dos materiais, é fruto das pesquisas de mestrado e de doutorado de integrantes do Grupo de Pesquisa, bem como de sua experiência e sua trajetória, no ensino superior e na formação continuada, de profissionais da educação através de outros cursos de formação.

O Videocurso tem sido realizado semestralmente, desde 2015 e, a partir dessa experiência, temos sido mobilizadas a pensar como tem se constituído esse espaço, tanto para nós, professores/as, tutores/as, como para os/as cursistas que têm participado de cada uma das ofertas do curso. As trocas e as aprendizagens realizadas nos fóruns, assim como os materiais produzidos pelos/as cursistas, têm nos mostrado que, mesmo em tempos de slogan “Ideologia de Gênero” é possível criar possibilidades para o debate e para a formação sobre as temáticas da educação para a sexualidade. Conforme explicita Paraíso (2018, p. 09),

A “guerra” travada por grupos reacionários contra os currículos e contra as conquistas recentes no Brasil – em que os temas gênero e sexualidade haviam ganhado status de temas dignos e necessários de serem trabalhados nas escolas – está começando a ter como efeito que professores/as tenham aceitado entrar nessa “guerra” [...].

Notamos, no espaço do Videocurso, essa vontade de lutar, de resistir, de fazer acontecer uma educação pautada na valorização das diferenças, no respeito e na multiplicação de práticas educativas permeadas pelas questões de corpos, de gêneros e de sexualidades. Percebemos, nesse movimento constituído pelo Videocurso, vestígios daquilo que Foucault nomeia como heterotopias (2009; 2013), espaços outros, que fazem proliferar possibilidades, experiências, invenções (GALLO, 2015).

Assim, nesse artigo, pretendemos discutir o espaço do Videocurso Educação para a Sexualidade enquanto um espaço permeado por elementos heterotópicos, que possibilitam a formação de profissionais da educação em educação para a sexualidade. Nesse sentido, a proposta é compreender que o movimento de criação do Videocurso, bem como sua oferta e realização junto aos/às profissionais da educação, no momento atual em que vivemos, acuados pelo ataque e pela repreensão das discussões de tais temas no espaço da escola, poderá ser importante. Isso se dará por pensarmos o espaço do Videocurso como um lugar de criação de possibilidades, permeado por elementos das heterotopias, no campo da educação, “para contestar o slogan ideologia de gênero e criar formas outras de fazer com que gênero e sexualidade estejam presentes nos currículos escolares” (PARAÍSO, 2018, p. 09).

A proposta de discussão desse artigo encontra-se estruturada em duas partes. Inicialmente, será realizado um estudo teórico e detalhado do conceito de heterotopia, a partir da obra de Michel Foucault. Posteriormente, será apresentado o exercício de análise por nós empreendido, buscando evidenciar, a partir das características do

Vídeocurso, bem como por meio de algumas falas de cursistas, presentes nos fóruns de discussão dele, aproximações teóricas entre os elementos que são indicados pelo filósofo como características das heterotopias, e aquilo que se encontra e se vivencia junto ao espaço do Vídeocurso.

Espaços e *contra*espaços: por que pensar em heterotopias no Vídeocurso?

O espaço do Vídeocurso é um ambiente virtual de formação de profissionais da educação que nos permite estabelecer o diálogo com diversas pessoas, localizadas em diferentes lugares, de modo a realizar trocas e aprendizagens com os múltiplos sujeitos que participam do curso. Esses, por sua vez, compartilham suas trajetórias de vida, suas experiências e seus saberes construídos. Além disso, o referido curso tem se constituído em um espaço que resiste aos avanços da mobilização contra “Ideologia de Gênero” e faz acontecer e se multiplicar, no âmbito educacional, o debate da educação para a sexualidade.

Assim, propomos olhar para o Vídeocurso e entendê-lo a partir do conceito de heterotopia pensado por Foucault, em função das experiências vividas por nós enquanto docentes, nesse espaço, percebendo assim algumas das características descritas por esse teórico em seus estudos. Segundo pontuado pelo próprio Foucault, pensar nos espaços foi uma de suas grandes obsessões. Sobre tal questão, o autor afirma, em entrevista publicada na obra *Microfísica do Poder*:

Reprovaram-me muito por essas obsessões espaciais, e elas de fato me obsecaram. Mas, através delas, creio ter descoberto o que no fundo procurava: as relações que podem existir entre poder e saber. Desde o momento em que se pode analisar o saber em termos de região, de domínio, de implantação, de deslocamento, de transferência, pode-se apreender o processo pelo qual o saber funciona como um poder e reproduz os seus efeitos. (FOUCAULT, 2000, p. 158)

Muitas são as passagens, em sua obra, que têm, como propósito, analisar os múltiplos espaços nos quais vivemos e convivemos. Em seu livro *Vigiar e Punir* (2013), é possível visualizar o empreendimento de análise dos espaços realizado pelo filósofo, com o intuito de delinear aquilo que constituiu, posteriormente, seu estudo sobre o conceito de poder e as relações que advêm entre saber e poder. Para o filósofo, “O espaço é fundamental em qualquer forma de vida comunitária; o espaço é fundamental

em todo o exercício de poder” (FOUCAULT, 2018, s/p) e, nesse sentido, fazer aparecer “essa interface, [...] a interface do saber e do poder, da verdade e do poder.” (FOUCAULT, 2012, p. 224).

Logo, para Foucault, “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (2014, p. 31). E todas essas relações, todos esses múltiplos posicionamentos, acontecem a partir dos diferentes espaços nos quais transitamos. Para o filósofo,

Seria preciso fazer uma “história dos espaços” – que seria ao mesmo tempo uma “história dos poderes” – que estudasse desde as grandes estratégias da geopolítica até as pequenas táticas do habitat, da arquitetura institucional, da sala de aula ou da organização hospitalar, passando pelas implantações econômico-políticas. É surpreendente ver como o problema dos espaços levou tanto tempo para aparecer como problema histórico-político: ou o espaço era remetido à “natureza” – ao dado, às determinações primeiras, à “geografia física”, ou seja, a um tipo de camada “pré-histórica”, ou era concebido como local de residência ou de expansão de um povo, de uma cultura, de uma língua ou de um Estado. Em suma, analisava-se o espaço solo ou como ar; o que importava era o substrato ou as fronteiras. (FOUCAULT, 2000, p. 212).

Assim, a problemática que se constitui nessa incessante preocupação com os espaços. Ela é destacada em mais de uma passagem, nos escritos do teórico, e aparece na forma de um exercício ao demonstrar como as transformações sociais ocorridas, a partir do século XVIII, com a evolução da arquitetura, a partir do crescimento e da aglomeração em cidades, articulam-se à preocupação com questões de ordem de saúde, política e de controle populacional. É nesse processo que nos aproximamos de “uma história foucaultiana dos espaços, mais precisamente, da espacialização do poder” (FOUCAULT, 2013, p. 51).

Tais aproximações, entre espaço, poder e saber, são aqui invocadas, novamente, quando nos debruçamos a respeito do estudo das heterotopias, ou seja, esses *contraespaços* descritos, por Foucault, em poucas passagens de sua obra.

O conceito de heterotopia é apresentado, na obra do filósofo, em três momentos distintos. Inicialmente, é abordado, pelo autor, no prefácio da obra *As palavras e as Coisas*, publicado em 1966. O termo é, nesse momento, empregado para discutir como “a linguagem se entrecruza com o espaço” (FOUCAULT, 2013, p. 36). Nesse prefácio, Foucault articula o conceito de heterotopia para pensar a estranheza causada pela enciclopédia chinesa, inventada por Borges, a qual apresenta uma classificação, para os

animais, bastante diferente da que conhecemos usualmente. Para Foucault, a leitura de tal texto lhe causa um misto de riso e mal-estar,

Talvez porque no seu rastro nascia a suspeita de que há desordem pior que aquela do incongruente e da aproximação do que não convém; seria a desordem que faz cintilar os fragmentos de um grande número de ordens possíveis na dimensão, sem lei nem geometria, do heteróclito; e importa entender esta palavra no sentido mais próximo de sua etimologia: as coisas aí são “deitadas”, “colocadas”, “dispostas” em lugares a tal ponto diferentes, que é impossível encontrar-lhes um espaço de acolhimento, definir por baixo de umas e outras um lugar-comum. (FOUCAULT, 2007, p. XII).

Foucault busca encontrar um espaço, como uma folha de papel em branco, em que a classificação apresentada na enciclopédia chinesa, inventada por Borges, tenha um lugar, um espaço para se pensar esse heteróclito. Dessa forma, ao indicar como uma oposição às utopias, lugares imaginados, sem um lugar real, ele nos apresenta, pela primeira vez, o conceito de heterotopia. Nas palavras de Foucault (2007, p. XIII):

As heterotopias inquietam, sem dúvida, porque solapam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto ou aquilo, porque arruinam de antemão a “sintaxe”, e não somente aquela que constrói as frases – aquela, menos manifesta, que autoriza “manter juntos” (ao lado e em frente umas das outras) as palavras e as coisas. Eis por que as utopias permitem as fábulas e os discursos: situam-se na linha reta da linguagem, na dimensão fundamental da fábula; as heterotopias (encontradas tão frequentemente em Borges) dessecam o propósito, estancam as palavras nelas próprias, contestam, desde a raiz, toda possibilidade de gramática; desfazem os mitos e imprimem esterilidade ao lirismo das frases.

Posteriormente à publicação de *As Palavras e as Coisas*, Foucault (2013) realiza, alguns meses depois, uma transmissão radiofônica na qual volta a falar do conceito de heterotopia. Porém, se inicialmente a indicação do conceito era pertinente a uma análise dos discursos, nesse momento, passou a se constituir uma preocupação com a análise dos espaços. Nessa transmissão, Foucault preocupa-se em pensar que lugares são essas heterotopias na sociedade do século XX e, por fim, apresenta o que seria um estudo dos espaços, denominado, pelo autor, de heterotopologia.

As heterotopias são lugares reais, espaços outros que coexistem com os espaços instituídos, que fogem ao controle dos espaços-tempo dos demais lugares. Para descrever essas heterotopias, Foucault se utilizou de alguns exemplos, indicando que podemos entender, como heterotopias, as bibliotecas, os jardins e os navios, por serem

espaços que têm uma localização real, mas que nos remetem para outros lugares, outros tempos.

De acordo com Foucault,

Há regiões de passagem, ruas, trens, metrô; há regiões abertas de parada transitória, cafês, cinemas, praias, hotéis, e há regiões fechadas de repouso e moradia. Ora, entre todos esses lugares que se distinguem uns dos outros, há os que são *absolutamente* diferentes: lugares que se opõem a todos os outros, destinados, de certo modo, a apagá-los, neutralizá-los ou purificá-los. São como que *contraespaços* (Grifos do autor). (FOUCAULT, 2013, p. 19).

Essas heterotopias são as utopias localizadas, lugares reais, os quais, mesmo no interior desses lugares que vivemos, têm, por característica, serem diferentes de todos esses outros espaços em que se encontram. É nessa proposta de análise dos espaços que, inicialmente, Foucault se propõe a pensar o que nomeou de heterotopologia.

O interesse despertado por essa passagem, na rádio, fez Foucault ser, tempos depois, chamado para dar uma conferência acerca do tema para o Circulo de Estudos Arquiteturais de Paris. Isso ocorreu em março de 1967. Nesse momento, o autor volta a revisar o conceito de heterotopia na conferência, intitulada *Outros Espaços*, autorizada para a publicação apenas em 1984, quando passou a integrar o volume três de sua obra *Ditos e Escritos* (2009).

Na proposta apresentada em *Outros Espaços*, Foucault retoma suas inquietações sobre os espaços: “creio que a inquietação de hoje se refere fundamentalmente ao espaço, sem dúvida muito mais que ao tempo; o tempo provavelmente só aparece como um dos jogos de distribuição possíveis entre elementos que se repartem no espaço” (FOUCAULT, 2009, p. 413). Acreditamos que assumimos diferentes posicionamentos em nossas relações, a partir dos diferentes espaços em que transitamos. Desse modo, aquilo que, para Foucault, seriam os espaços de fora se constituem para onde somos atraídos para fora de nós mesmos. Esses espaços são constituídos, bem como passíveis de descrição, a partir da análise do conjunto de relações que se dão neles, os múltiplos posicionamentos que assumimos (FOUCAULT, 2009).

Existem os posicionamentos que se dão no conjunto de relações, os quais se estabelecem nos lugares de passagem, como ruas e ônibus; nos lugares de parada provisória, como bares e cafês; nos lugares de repouso, como quartos e casas. E, dentre todos esses posicionamentos que assumimos, existem espaços que “têm a curiosa

propriedade de estar em relação com todos os outros posicionamentos, mas de um tal modo que eles suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações que se encontram por eles designadas, refletidas ou pensadas” (FOUCAULT, 2009, p. 414).

É pensando nesses espaços, nessas heterotopias, que Foucault reafirma sua proposta de análise como uma proposta de descrição sistematizada, que teria, então, por objeto, “o estudo, a análise, a descrição, a ‘leitura’, como se gosta de dizer hoje em dia, desses espaços diferentes, desses outros lugares, uma espécie de contestação simultânea mítica e real do espaço em que vivemos” (FOUCAULT, 2009, p. 416) - a heterotopologia e seus cinco princípios.

O primeiro princípio é o de que, em todas as diferentes sociedades e culturas, existem heterotopias, sendo essas uma constante. Essas, por sua vez, assumem diferentes formas. É possível, entretanto, dividi-las em duas grandes categorias: as heterotopias de crise e as heterotopias de desvio (FOUCAULT, 2009).

As heterotopias de crise são lugares destinados aos sujeitos considerados, em relação à sociedade, como que vivendo em momento de crise, seriam, por exemplo, os velhos, as mulheres de resguardo, os espaços de recolhimento de doentes temporários. É interessante assinalar que essa heterotopia vem perdendo espaço em nossa sociedade, já foram os tempos em que, por determinado período da vida, os sujeitos eram afastados do espaço social por se considerar que passavam por um momento em que eles precisavam ser escondidos, separados dos demais, como a defloração das mulheres na noite de núpcias. Outros ainda perduram, como o serviço militar para os rapazes, não sendo esse, contudo, obrigatório a todos como fora anteriormente. Já as heterotopias de desvio, são destinadas aos espaços próprios para os sujeitos que se desviam daquilo que é dado como normal na sociedade. A título de exemplo desses, temos os hospitais de internação psiquiátrica, as casas de repouso, as prisões. Em parte, pode-se localizar que alguns desses espaços vivem entre as heterotopias de crise e desvio (FOUCAULT, 2009).

O segundo princípio indica que, a partir dos desdobramentos de sua história, uma sociedade pode atribuir diferentes significados para uma mesma heterotopia. É exemplo dado, por Foucault, para esse princípio, a constituição dos cemitérios na sociedade ocidental, que mudou sua localização no decorrer do tempo. Inicialmente, eles eram construídos no centro das cidades, ao lado das igrejas. Entretanto, à medida que as sociedades constituíram-se em estados laicos, o ordenamento dos cemitérios mudou de localização, passando para as extremidades das cidades. Assim, esses espaços

ganharam um viés de culto aos mortos, além de começar a ocorrer uma crescente preocupação com a higienização desses lugares por medo de doenças. Tal transição vivida pelos cemitérios pode ter relação com a forma como se encara a morte e a preocupação com a vida na sociedade contemporânea (FOUCAULT, 2009).

O terceiro princípio indica que uma heterotopia pode sobrepor diferentes espaços num mesmo espaço real. Ilustram esse princípio os teatros e os cinemas, que, no espaço do palco ou da tela, apresentam vários outros espaços, histórias e acontecimentos. Os jardins zoológicos também são exemplos desse princípio, nos quais a fauna de diferentes partes do mundo se encontra num mesmo ambiente (FOUCAULT, 2009).

O quarto princípio assume que, de modo geral, as heterotopias estão vinculadas a momentos singulares do tempo, algo que Foucault chama de heterocronias. As heterotopias ocorrem em recortes de tempo, “se põe a funcionar plenamente quando os homens se encontram em uma espécie de ruptura absoluta com seu tempo tradicional” (FOUCAULT, 2009, p. 418). Exemplo desse princípio são as bibliotecas, os museus, locais que sobrepedem, em seu espaço, muitos outros espaços e tempos. As feiras sazonais que ocorrem apenas em determinado tempo e depois são desfeitas também ilustram esse princípio. (FOUCAULT, 2009).

O quinto princípio indica que o acesso a essas heterotopias não é livre como num espaço público, elas têm um sistema de abertura e de fechamento. Existem heterotopias que Foucault pontua que são de acesso compulsório, como as prisões; outras que são de purificação ou rituais e outras, ainda, as quais são aquelas que parecem, inicialmente, que podem ser acedidas, mas que não passam de uma ilusão e, mesmo que se considere dentro dessas, está-se de fora, como os motéis, onde sujeitos se abrigam para vivenciar suas práticas de sexualidade e se constituem em espaços fora da sociedade, por abrigarem tais práticas de forma escondida (FOUCAULT, 2009).

E, por fim, como sendo o último vestígio dessas heterotopias, Foucault indica que esses espaços têm, em cada sociedade, uma função distinta em relação aos demais espaços. Elas se constituem, de acordo com o autor, em dois extremos:

Ou elas têm o papel de criar um espaço de ilusão que denuncia como mais ilusório ainda qualquer espaço real [...]. Ou, pelo contrário, criando um outro espaço, um outro espaço real, tão perfeito, tão meticuloso, tão bem-arrumado quanto o nosso é desorganizado, mal-disposto e confuso. Isso seria a heterotopia não de ilusão, mas de compensação. (FOUCAULT, 2009, p. 420)

Os exemplos apresentados por Foucault, tanto em sua passagem pela rádio, como na conferência realizada ao grupo de arquitetos, muito se assemelham. Cabe aqui considerar o período em que o autor discorreu sobre tal conceito e, mesmo que muitos dos exemplos dados estejam em transformação em nossa sociedade, a proposta, em si, ainda é atual. E é justamente o caráter atual que perpassa as ideias apresentadas por Foucault a respeito das heterotopias que nos instigou a realizar algumas aproximações com o espaço do Videocurso.

Certa vez, numa entrevista concedida pelo filósofo, esse falou sobre o seu processo de fabricação das ferramentas que usava para realizar suas análises e seus estudos. Segundo ele, “Não se podem fabricar ferramentas para não importa o quê; é preciso fabricá-las para um fim preciso, mas saber que serão, talvez, ferramentas para outros fins.” (FOUCAULT, 2003, p. 266).

Logo, é possível perceber que, quando o conceito de heterotopia fora pensado, estavam em questão outros entendimentos e desejos. Porém, também sentimos que, em tempos de slogan “Ideologia de Gênero” e com o crescente cerceamento dos espaços de discussão das questões de gênero e de sexualidade no âmbito educacional, faz-se necessário acionarmos a potência de conceitos como o de heterotopia. Eles podem nos ajudar a pensar e a criar outras possibilidades nos mesmos espaços em que nos vemos impedidos de agir. Aventuramo-nos, dessa forma, a fazer das heterotopias de Foucault outros fins.

Possibilitar espaços outros na formação de profissionais da educação sobre educação para a sexualidade

Pensar em heterotopia e pensar no Videocurso é um exercício constante de problematização desses espaços e das relações de saber, bem como de poder, que permeiam sua constituição. É também se aventurar a pensar nas relações que nesses espaços se estabelecem e no que elas possibilitam.

Durante o empreendimento aqui assumido, questionamo-nos: seria possível considerar o Videocurso como uma dessas formas extraordinárias indicadas por Foucault? Poderíamos considerá-lo como um *contraespaço* para a formação em educação para a sexualidade? Alguns dos elementos que encontramos, no espaço do Videocurso, poderiam ser pensados como elementos das heterotopias descritas pelo

filósofo? O que permeia o espaço constituído pelo Videocurso e as relações que nele se dão que nos instigou a realizar tais problematizações?

Heterotopia, junção de *hetero* – outro – e *topia* – espaço, outro espaço é um termo deslocado do campo da medicina, por Foucault (2009; 2013), para pensar espaços que, mesmo presentes no contexto social em que vivemos, têm a potência de nos mobilizar, desalojar-nos, transportar-nos para fora de nós mesmos e, ao mesmo tempo, para fora do próprio espaço em que estamos inseridos fisicamente. Conforme Paraíso (2018, p. 09), são as heterotopias os espaços que “criam formas outras de fazer e viver no próprio espaço do modelo instituído”. Seria, pensando a partir dos próprios exemplos elaborados por Foucault, como estar em uma biblioteca, espaço de silêncio e de tranquilidade, entretanto, ao mesmo tempo, ser transportado pelas páginas de um livro para o alvoroço e para a comoção dos dias do Festival de Woodstock, em agosto de 1969, por exemplo. Igualmente, seria como estar fisicamente dentro de um cinema, mas, ainda assim, correndo por uma floresta, fugindo de dinossauros ferozes. Seria, talvez, no contexto da educação, produzir possibilidades outras, fora do que se constitui o atual currículo escolar da educação para a sexualidade no Brasil. E quem sabe, por isso mesmo, por essa possibilidade de criação e de invenção que se encontra presente no conceito de heterotopia que somos remetidas a pensar na validade e na importância do Videocurso.

Como já mencionado, vivemos em um momento em que a educação para a sexualidade tem sofrido retrocessos devido a movimentos conservadores, os quais defendem a ideia de que cabe à família trabalhar as temáticas inerentes ao campo de estudos da educação para a sexualidade, pressionando, dessa forma, a retirada das discussões de gênero e de sexualidade de documentos legais relacionados a políticas públicas para a educação. É anunciado, por esses grupos religiosos e fundamentalistas, apoiados por políticos, que os referidos temas da educação para a sexualidade, quando debatidos no espaço da escola, afrontam a inocência das crianças e têm, por interesse, a “destruição da família” tradicional nuclear.

De acordo com Junqueira (2018), tais movimentos têm, em sua maioria, conferido especial atenção e interesse de controle dos campos voltados aos direitos à educação e à saúde da população brasileira. Na concepção dele, “[...] é na educação onde, em geral, eles têm tido mais facilidade para obstruir propostas inclusivas, antidiscriminatórias, voltadas a valorizar a laicidade, o pluralismo, a promover o

reconhecimento da diferença e garantir o caráter público e cidadão da formação escolar.” (2018, p. 186).

Assim, constatamos que as “estratégias de controle do currículo com gênero e sexualidade são divulgadas nos mais diferentes espaços, numa evidente obstinação em impedir que continuem como um tema escolar.” (PARAÍSO, 2018, p. 24). Isso é feito a partir da circulação de uma série de reportagens, vídeos, cartilhas e materiais, produzidos por simpatizantes e defensores do anunciado movimento contra “Ideologia de Gênero”, os quais apresentam informações desencontradas, em uma tentativa de revogarem o status de ciência aos estudos de gênero, de educação para a sexualidade, aos estudos Queer, entre outras áreas.

É nesse contexto de embates e disputas, no âmbito educacional, que, durante o período das discussões para aprovação do Plano Nacional de Educação (PNE), em 2014, vivenciamos os primeiros ataques às discussões voltadas às temáticas de gênero e de sexualidade nos currículos e nos espaços escolares. Isso fez tais temáticas terem sua presença questionada junto à educação escolar brasileira (PARAÍSO, 2018b).

Posteriormente, na votação do PNE, palavras como “gênero”, “sexualidade”, “orientação sexual”, “educação sexual” e suas correlatas passaram a ser caçadas por deputados e por vereadores nas câmaras quando da votação dos Planos Estaduais de Educação (PEE) e Planos Municipais de Educação (PME). Em muitos casos, inclusive, ocorreu a completa assepsia de tais termos em muitos dos PEE e PME. Tal processo culminou com a votação da versão final da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que teve removida de seu texto a indicação das referidas temáticas.

Imersas nesse contexto, sentimo-nos, enquanto Grupo de Pesquisa, impelidas a pensar e a construir outros caminhos para continuarmos no nosso fazer de professoras e de pesquisadoras junto à formação de profissionais da educação. É justamente porque os trabalhos e as discussões dos campos temáticos da educação para a sexualidade ganharam espaço e legitimidade, junto aos currículos educacionais brasileiros, que os “grupos reacionários querem frear, parar e impedir, nos tempos atuais do Brasil, qualquer discussão sobre gênero e sexualidade na escola” (PARAÍSO, 2018b, p. 25).

Dessa forma, lançamo-nos ao desafio de inventar outros espaços e outros tempos para formações nas temáticas de corpos, de gêneros e de sexualidades. Sabendo da pouca abertura para a discussão desses temas, no espaço da escola, bem como da falta de tempo e de disponibilidade para formações presenciais dos diversos profissionais que

atuam no âmbito educacional, os quais enfrentam inúmeras demandas, criamos novos possíveis, como diria Paraíso (2016; 2018a) e, desse contexto, emergiu o Videocurso.

Acreditamos que as heterotopias sejam esses espaços outros, como proposto por Foucault (2009; 2013), localizados dentro dos espaços em que vivemos e nos quais convivemos. Essas, por sua vez, têm capacidade de possibilitar a nós vivências outras, experiências distintas daquelas pensadas, de maneira a nos provocar a acionar algumas de suas características, por identificarmos, no Videocurso, semelhanças com elas.

Parece apropriado pensar que, em tempos de “Ideologia de Gênero”, o Videocurso Educação para a Sexualidade constitui-se como um espaço de desvio para aqueles/as que procuram a formação para discutir esses temas, uma vez que sua constituição se dá juntamente ao momento em que vemos as discussões relacionadas aos corpos, aos gêneros e às sexualidades retrocederem no âmbito educacional. O Videocurso cria possíveis outros espaços de discussão para a educação para a sexualidade no espaço do currículo instituído, o qual está presente em muitos documentos norteadores da educação.

Em muitos momentos, emergem, nas discussões nos fóruns do Videocurso, o posicionamento dos/as cursistas sobre a falta ou acerca da pouca formação nos cursos de formação inicial. Ainda, é questionado por eles, muitas vezes, a necessidade de maior formação e aprofundamento a respeito da temática da educação para a sexualidade, como foi colocado por esse/a cursista:

“Nós, futuros professores, precisamos de mais conhecimentos além daqueles que o curso oferece, claro que são muitos, mas esse é um dos que deveria ser essencial. Precisamos ir para a sala de aula sabendo lidar com os alunos sobre esse tema, que aborda principalmente a diferença de gênero.”⁵”.

Logo, criar um “espaço que, propositalmente, quer colocar em questão as normas de gênero” e de sexualidade, pensando na formação continuada desses temas, faz-nos acreditar que, para muitos dos/as cursistas que procuram o Videocurso, esse se

⁵ As provocações e as problematizações que permeiam os movimentos realizados, nesse artigo, são fruto, em grande parte, das experiências vivenciadas ao longo das sete ofertas realizadas do Videocurso Educação para a Sexualidade. Foram colocadas, em muitas passagens e depoimentos dos/as cursistas que realizaram as atividades, discussões, indagações e colocações que nos instigaram a pensar a partir do conceito de heterotopia. Dessa forma, são muitas as passagens localizadas no material empírico da tese que fazem emergir vestígios daquilo que nos propomos a entender como elementos das heterotopias. Com o intuito de ilustrar a experiência e as relações que permeiam esse espaço, utilizamo-nos de alguns excertos extraídos dos fóruns realizados ao longo das ofertas do curso, que ocorreram, semestralmente, em 2015/02, 2016, 2017 e 2018.

constitui um “‘espaço outro’ que é desviante em relação às normas de gênero” (PARAÍSO, 2018, p. 20). Como podemos observar, ao comentarem nos fóruns sobre a existência do Videocurso, a respeito de como tem se configurado o currículo de tais temas, nos espaços escolares:

“[...] eu acho que essa iniciativa de formação é fundamental, pois, além de suprir uma carência da formação (como minha graduação, por exemplo), permite-nos atuar na contramarcha dos movimentos que vêm se apoderando da escola para fecha-la às discussões e separá-la da realidade do mundo da vida.”

“Realmente a formação é fundamental para se abordar estas temáticas com propriedade em sala de aula, principalmente em um momento histórico onde o pensamento fundamentalista religioso e neoconservador vem ganhando força na sociedade brasileira.” (VIDEOCURSO 1, 2017).

É desviando desse contexto de enfrentamento, vivenciado por todos nós, profissionais da educação, que encontramos, no espaço do Videocurso, formas de abrir outros caminhos. Por meio das durezas dos embates diários, criamos possibilidades, nesse *contraespaço*, de se multiplicarem as relações, as amizades e os afetos daqueles/as que assumem, como tarefa diária, construir uma prática educativa permeada pelos enfrentamentos às violências, às discriminações e aos preconceitos relacionados aos gêneros e às sexualidades.

Enfrentamento pensado como reaglutinação estratégica de forças para contrapor-se aos efeitos de tormentas desencadeadas no espaço público brasileiro por grupos conservadores que, em defesa de uma suposta ‘moral’, de um determinado tipo de ‘família’ (heteronormativa, universal e atemporal) e de um determinado tipo de sujeito (heterossexual), combatem o que se convencionou chamar de ‘ideologia de gênero’. Ideologia que, de um ponto de vista dogmático, inconsistente e autoritário, seria promovido e veiculado, em grande medida, pelos feminismos, pelos estudos de gênero, pelos estudos gays e lésbicos e pelas teorizações queer. (MEYER, 2018, p. 09)

Assim, é no espaço coletivo, de diálogo aberto, possibilitado pelo Videocurso, que se criam possíveis pontes, possíveis redes, possíveis parcerias. Detectamos essa ideia na fala de outro/a cursista:

“sobretudo, para diminuir a solidão e buscar em conjunto estratégias para romper com os silêncios e os preconceitos neste espaço. Poder debater, escutar e ser escutada (ainda que virtualmente) por pessoas

com preocupações similares é um conforto.”. (VIDEOCURSO 1, 2016).

Percebemos, no *Videocurso*, essa possibilidade de conexão entre outros lugares, no qual professores/as e cursistas travam diálogos, debates, discutem temas e compartilham saberes. Isso se confirma no seguinte depoimento:

“para uma educação de qualidade, a escola tem que ser um lugar vivo, onde o professorado está envolvido, as e os funcionários se implicam, as famílias participam e as e os estudantes têm protagonismo. Isso requer um projeto educativo comum. [...] por isso creio que o curso educação para a sexualidade e as pessoas aqui envolvidas, com suas diferentes experiências e práticas, podem contribuir para a construção dessas estratégias na minha escola e na de quem quiser.”. (VIDEOCURSO 1, 2018).

São professores e professoras de diferentes cidades, atuantes das redes públicas municipais e estaduais de educação, são graduandos e graduandas de diversos cursos de formação de universidades públicas de todo o país, são pós-graduandos e pós-graduandas que têm, como interesse, aprofundar saberes e conhecimentos sobre a educação para a sexualidade, em muitos casos, para dialogar com suas pesquisas, conforme relato:

“Considero esse curso de extrema relevância porque mostra que a "vontade de conhecer o tema" está cada vez mais presente. O próprio fórum é um importante espaço de formação, aqui aprendemos com os colegas, trocamos nossas experiências, sugestões de documentos onde se pode aprender mais... tudo isso mostra que, todos que aqui estamos, temos essa vontade de aprender bastante latente.”. (VIDEOCURSO 1, 2015)

É nesse espaço do Videocurso que são justapostos esses múltiplos lugares dos quais cada um/a dos/as cursistas encontra-se fisicamente. Além disso, os diálogos possibilitados pelos fóruns, para compartilharem suas experiências e vivências, mostram-nos esse ‘outro espaço’, criado, pelos cursistas, como um espaço permeado por elementos das heterotopias, as quais têm, por capacidade, propiciar a constituição de “um espaço-tempo do compartilhar experiências, memórias e narrativas” (PÉREZ, 2007, p. 135).

Ao longo do curso, aparecem, frequentemente, nos fóruns, o compartilhamento dessa importância de o Videocurso ser um espaço de trocas e de aproximações. Isso é explicitado por outro/a cursista:

“Acredito que temos mesmo que aproveitar a tecnologia a nosso favor. Este curso em EaD foi excelente! Pessoas distantes puderam compartilhar tantas coisas que não seria possível presencialmente. Além de poder assistir esta maravilhosa conferência na própria casa!”. (VIDEOCURSO 1, 2015)

Nenhum desses sujeitos habita o mesmo espaço, mas todos/as travam diálogos por meio do espaço do *Videocurso*. Igualmente, são remetidos para outros espaços através das diferentes experiências compartilhadas nos fóruns.

É, dessa forma, pensando nas justaposições apontadas por Foucault (2009; 2013), em suas análises sobre a heterotopia do cinema, que percebemos, nesse retângulo que é a tela de um computador ou de dispositivo móvel, quando abertas na página inicial do *Videocurso*, que apenas um *clic* de distância separa as possibilidades de justaposição de múltiplas outras telas, de múltiplos outros espaços. E é nesse processo “variado e em movimento – que se conjuga uma luta política, uma estratégia pedagógica, que há indícios de comoção, de respiro, de raiva, de amor, de inspiração, de investimento em si mesmas, etc. Por fim, compreendemos que esse ‘espaço outro’ de estudo”, como descrito por Paraíso (2018, p. 21), ao mencionar um Grupo de Estudos de professoras na cidade Belo Horizonte, em Minas Gerais, é aquilo que nos faz acreditar na relevância do estudo do Videocurso e de sua proposta de formação.

As videoaulas, os materiais para leitura complementar, as discussões nos fóruns, a midiateca, são espaços, dentro do Videocurso, que abrem portas para os/as participantes conhecerem outros espaços. Nos diálogos realizados entre cursistas e equipe docente, na troca de links de reportagens, charges, imagens e informações que estão circulando pelas mídias sociais e que têm relação com as videoaulas abordadas, é demonstrada a multiplicidade de possibilidades que permeiam o espaço do Videocurso e, mais uma vez, fazem-nos pensar nas heterotopias.

Aparece presente, nos comentários dos fóruns, passagens que indicam a relevância dos materiais e das aprendizagens que são apresentados, compartilhados neles:

“A cada videoaula, eu relacionava os temas com os trabalhos voltados às questões de gênero e diversidade, que estamos fazendo junto à Instituição em que atuo. Com certeza o trabalho de vocês terá multiplicadores, pois acredito que todos nós que tivemos a oportunidade de participar de um curso com tamanha relevância, teremos agora a missão de repassarmos isso aos nossos grupos. É dessa forma que podemos entender que essas ações podem ter uma dimensão enorme... Iremos atingir e sensibilizar muitas e muitas pessoas, e assim contribuir para uma sociedade mais democrática, pacífica e que promova o RESPEITO em todas as relações.”. (VIDEOCURSO 1, 2017)

Para Silvio Gallo “Na lógica da heterotopia, trata-se de não criar modelos novos, mas simplesmente formas outras de fazer e de viver, no contexto mesmo daquele modelo instituído. Transformar o modelo micropoliticamente (microfisicamente, diria Foucault).” (GALLO, 2015, p. 86). Desse modo, pensar no Videocurso, a partir do conceito de heterotopia, é entender esse espaço, constituído no âmbito educacional brasileiro, como um lugar de formação institucional, dentro de uma plataforma de aprendizagem *online*, como tantos outros cursos, mas possibilitar nele um espaço outro de vivência, de experimentação e de criação. Isso se dá ao se articular, em sua proposta, a discussão de temas como os gêneros e as sexualidades e, assim, fazer multiplicar essas temáticas.

Ademais, trata-se de compreendê-lo como um lugar que nos inquieta e, até mesmo, de certo modo, subverte-nos como são também as heterotopias. Quem sabe, mais do que tudo, pensar no Videocurso, quando provocadas pelo conceito de heterotopia, signifique pensar nesse espaço como um local de resistência, como pontua outro/a cursista:

“Uma das formas de promover a educação para a sexualidade e a diversidade seria promover o estudo de gênero dentro desses espaços, o que aos poucos já está ocorrendo, mas estão tentando impedir. Por isso, precisamos inicialmente resistir e lutar para que esse retrocesso não ocorra e devemos, também, nos capacitar para cada vez mais ampliarmos os debates dentro desses espaços, respeitando sempre a diversidade.”. (VIDEOCURSO 1, 2018)

E buscar a formação, nos temas da educação para a sexualidade, em tempos de slogan “Ideologia de Gênero”, assim como querer tratar dessas temáticas, no espaço da escola, é, antes de mais nada, estar inquieto/a com o contexto educacional do Brasil e querer subverter a ordem que tem se tentado estabelecer a partir dos ataques aos documentos norteadores da educação, mas, principalmente, significa resistência. Assim,

possibilitar espaços que se constituam permeados por heterotopias, para a formação de profissionais da educação, nesses temas, compreende possibilitar a criação de outras práticas de educação para a sexualidade, práticas de resistência, as quais permitam romper com a lógica de uma educação que se faz reprodutora de normas e de práticas, possibilitando o multiplicar das singularidades (PÉREZ, 2007).

Portanto, pensar nas possibilidades de resistências, a partir dos espaços de formação permeados por heterotopias, é encontrar caminhos possíveis, é dizer não a todos os retrocessos que são impostos no campo das discussões de gênero e de sexualidade, significa, como Paraíso (2016, p. 407) defende:

Resistir a toda essa tentativa de controle dos currículos, de cerceamento a gênero e a sexualidade e a criminalização docente, produzindo o novo, demanda improvisação e criação, colocando como matéria do ensinar/aprender o que professoras e alunos/as vivem.

Nesse contexto, percebemos, no espaço do Videocurso, um caminho possível, buscado por aqueles/as que desejam falar sobre assuntos considerados, atualmente, no contexto brasileiro, marginais ao campo da educação. São profissionais de diversas áreas vinculadas ao campo da educação, que, por força e desejo de criação, pela vontade de possibilitar uma educação pautada nas diferenças de gênero e sexualidade, encontram, nesse *outro* espaço, constituído pelo Videocurso, um espaço para resistir e para criar possibilidades.

Desde a constituição do Videocurso e a cada semestre em que é ofertado, bem como a partir do movimento de ampliação do escopo de discussões com o desenvolvimento de novas videoaulas, entendemos que se torna possível: “Cavar, inventar e fazer funcionar um espaço tão importante” de invenção e troca, mas mais do que isso nos faz “[...] perceber as soluções criativas que todos/as somos capazes de encontrar se não estivermos tomados/as demais pelos modelos, pelas formas, pelas paralisias.” (PARAÍSO, 2018, p. 21).

É todo esse movimento de criação, de invenção e de possibilidade que permeia o espaço, as vivências e as relações que se dão nas ofertas do Videocurso Educação para a Sexualidade. Isso tem sido fonte de energia, força e resistência aos avanços enfrentados no campo educacional que nos moveram pelas análises, pelas aproximações e pelas problematizações das heterotopias de Foucault.

Na criação e na experimentação desse espaço outro, que permite discutir, conversar, ler, debater, trocar informações e falar sobre suas próprias experiências e vivências, partilhando inseguranças, desejos, sonhos e esperanças, que nos aventuramos a pensar que estamos possibilitando heterotopias na formação de profissionais da educação para aqueles/as que se deixaram tocar pela experiência, que são afetados/as por esse outro espaço e se lançaram no desafio de multiplicar os temas da educação para a sexualidade nos espaços em que foram cerceados, nas brechas do instituído, suscitando novos acontecimentos. Isso pode ser percebido a partir do retorno de um/a cursista, a respeito dos desdobramentos que o Videocurso tem produzido em sua prática pedagógica:

“Quero agradecer pela minha inscrição no curso de Educação para a Sexualidade [...]. Foi muito produtivo para mim. De modo importante, as videoaulas e as discussões no Fórum foram úteis para a fundamentação teórica das orientações para as/os alunas/os do projeto de extensão que submeti [...]. Nos encontros presenciais, é que fiz a reformulação da fundamentação teórica, tendo em vista as videoaulas e os textos. Com efeito, o projeto já está em andamento e as videoaulas estão sendo assistidas pelas/os participantes nos encontros presenciais no Laboratório de Formação de Educadores. Além disso, criei uma biblioteca no Google Drive com os textos disponíveis no curso. Acessei os livros e cortei, através de editor de PDF, os capítulos e organizei pastas para os diferentes temas a partir de diferentes fontes [...]. Por fim, abri uma conta no Instagram em que eu e as/os participantes temos postado as fotos dos nossos encontros semanais. Pela importância dos assuntos, vou solicitar a renovação do projeto, que finaliza em novembro deste ano. Isso porque, neste momento, estou produzindo um recurso didático para abordar os assuntos.”. (VIDEOCURSO 1, 2017)

A partir das palavras do/a cursistas, notamos como as vivências de formação do Videocurso estão pautadas em uma proposta de diálogo e na troca de conhecimentos e de aprendizados outros, os quais escapam ao currículo instituído e destoam, inclusive, do que foi proposto inicialmente dentro do próprio espaço do Videocurso, uma vez que esse se ramificou por muitos outros caminhos, de muitas outras formas, ultrapassando os limites de formação de seu espaço.

Percebendo esse movimento de criação e de multiplicação que permeia o Videocurso, conseguindo-se detectar que ele pode vazar para outros espaços e outros tempos, somos instigadas a perceber, nesse processo, elementos das heterotopias. Criar heterotopias, no espaço institucionalizado da escola, segundo Gallo, é “engendrar novos espaços-tempos, que instituem relações pedagógicas diferenciadas. E que suscitem

acontecimentos” (2015, p. 85). Para nós, nos preâmbulos desse artigo, o conceito de heterotopia foi acionado para investigar o espaço em que se constitui o Videocurso Educação para a Sexualidade e dele as relações que se constituem. Nosso entendimento é que ele se configura como um espaço que tem suscitado acontecimentos e tem possibilitado a vivência de relações pedagógicas diferenciadas.

Desse modo, entendemos que se “[...] fazer heterotopia na escola hoje é praticar uma educação voltada para a vida, não apenas para o aprender. Uma educação além da vigilância e da disciplina que pode transformar o espaço panóptico em um espaço de criação e formação, um local de experimentação⁶” (GALLO, 2015, p. 95). Logo, é possível ampliar essa discussão e sinalizar que fazer heterotopia, na formação de profissionais da educação, pode significar oportunizar discussões relacionadas à educação para a sexualidade e, assim, permitir a transformação de práticas educativas, muitas vezes, pautadas na normatização dos corpos e na regulação dos gêneros e sexualidades, possibilitando propostas que priorizem “conhecer a si mesmo e aprender sobre si mesmo. Uma escola além da subjetivação, onde cada pessoa seria capaz de pensar por si mesma e aprender a viver por si mesma⁷.” (GALLO, 2015, p. 95).

Diante de todo o caminho trilhado por nós, no presente artigo, a partir das aproximações realizadas entre o conceito de heterotopia e aquilo que tem se constituído no espaço de formação do Videocurso Educação para a Sexualidade, consideramos instigador e profícuo pensar nesse instrumento como um espaço permeado por elementos das heterotopias. E esse espaço, por sua vez, tem se produzido imerso a um contexto de disputas e de embates no campo de atuação da educação para a sexualidade nos diferentes espaços educativos.

Em tempos de “Ideologia de Gênero”, em que notamos crescer uma frente conservadora e ofensiva, que tem, como proposta, cercear os estudos e as práticas que tenham, como temas, as questões de gênero e sexualidade, encontramos, no espaço do Videocurso, a possibilidade de enfrentamento, de resistência e, principalmente, a constituição de outros caminhos possíveis à formação e ao aprofundamento de tais temáticas junto a profissionais da educação. Esses profissionais se propõem, em suas

⁶ Tradução da autora: “je dirais que faire hétérotopie à l’école aujourd’hui, c’est pratiquer une éducation orientée à la vie, pas simplement vers le savoir. Une éducation au-delà de la surveillance et de la discipline, qui puisse transformer l’espace panoptique en un espace de création et de formation, un lieu d’expérimentation” (GALLO, 2015, p. 95)

⁷ Tradução da autora: “où il serait possible de se connaître soi-même et d’apprendre le souci de soi. Une école au-delà de la subjectivation, où chaque personne serait capable de penser par soi-même et d’apprendre à vivre par soi-même.” (GALLO, 2015, p. 95)

práticas pedagógicas, a tratar dos referidos assuntos, por estarem preocupados/as em desenvolver propostas diferenciadas, as quais incluam a valorização das diferenças e o combate às violências.

Nas heterotopias e no Videocurso, percebemos a possibilidade não apenas de criação, mas também de multiplicação. Ao se constituir nesse *contraespaço* para a formação de profissionais da educação, nas temáticas da educação para a sexualidade, em tempos difíceis, como os vivenciados nos últimos anos, no âmbito educacional brasileiro, vemos presente, nas passagens dos/as cursistas pelos fóruns do Videocurso, multiplicarem-se encontros, ideias, resistências, movimentações, intenções, ações, reações e desejos. É possível se perceber, igualmente, os/as cursistas produzirem heterotopias a partir de suas trocas e de suas experiências no Videocurso “Afinal, além da invenção de lugares, de existências, elas estão, também fazendo a crítica à sociedade atual e demandando a gestação de uma nova sociedade.” (PARAÍSO, 2018a, p. 25).

Portanto, arriscamos afirmar, com base no processo de análise e de investigação presente nesse artigo, a compreensão de ser o Videocurso Educação para a Sexualidade um espaço permeado por elementos da heterotopia e um espaço de criação de possibilidades, permitindo aos/às cursistas produzirem outras heterotopias a partir da multiplicação de sua vontade e seu desejo do ‘fazer’ e ‘falar’ sobre os temas da educação para a sexualidade.

Referências

GALLO, Sílvio. Educação Menor: produção de heterotopias no espaço escolar. *In*: GRUPO TRANSVERSAL (Org.). **Educação Menor**: conceitos e experimentações. Curitiba: Appris, 2015a. p. 75-88.

GALLO, Sílvio. La production des hétérotopies à l'école: souci de soi et subjectivation. *In*: **Le Télémaque**. n. 47, p. 87-95, 2015b. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-le-telemaque-2015-1-page-87.htm>>. Acesso em: 27 fev. 2016. DOI: <https://doi.org/10.3917/tele.047.0087>.

MEYER, Dagmar. Gênero e educação: teoria e política. *In*: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 11 -29.

PARAÍSO, Marluce Alves. A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência. **Currículo sem fronteiras**, v. 16, p. 388-415, 2016. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss3articles/paraiso.pdf>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2018.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo: invenção política *com* gênero e sexualidade em tempos do *slogan* “ideologia de gênero” *In*: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2018a. p. 23-52.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Gênero, sexualidade e heterotopia: entre esgotamentos e possibilidades nos currículos. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa. *et al.* **Corpo, gênero e sexualidade**: resistência e ocupa(ações) nos espaços de educação. Rio Grande: Ed. da FURG, 2018b. p. 07-27.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. A lógica e o sentido da formação: heterotopias, acontecimentos e sujeitos. **Rev. Dep. Psicol.**, UFF, Niterói, v. 19, n. 1, p. 127-143, 2007. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232007000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 de março de 2016.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-80232007000100010>.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça” à família natural”? *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (orgs). **Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017. p. 25-52.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Políticas públicas de educação: entre o direito à educação e à ofensiva antigênero. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa. *et al.* **Corpo, gênero e sexualidade**: resistência e ocupa(ações) nos espaços de educação. Rio Grande: Ed. da FURG, 2018. p. 179 -210.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 223-240. (Ditos e escritos; IV).

FOUCAULT, Michel. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422. (Ditos e escritos; III).

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico; As heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 15. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção Tópicos).

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. Espaço, saber e poder. Entrevista concedida a Paul Rabinow. **Revista Punkto**, 2015, v. 4, s.p. Disponível em:
<https://www.revistapunkto.com/2015/04/espaco-saber-e-poder-michel-foucault_88.html>. Acesso em: 10 de março de 2018.

VIDEOCURSO Educação para a sexualidade. Disponível em:
www.videocursoeducacaosexualidade.furg.br. Acesso em: 07 de junho de 2017.

4.2 Artigo 2 - Resistências na formação em educação para a sexualidade: criando possibilidades a partir das heterotopias

Resumo:

Temos como objetivo, nesse artigo, analisar o Videocurso Educação para Sexualidade como um *contraespaço* entrelaçado aos elementos das heterotopias de Foucault a fim de discutir algumas estratégias de resistência aos avanços da frente contra “ideologia de gênero”. As análises realizadas, no artigo, estão articuladas aos conceitos de resistência e de heterotopia, pautadas nos estudos foucaultianos, buscando articular o videocurso aos elementos das heterotopias, com o intuito de discutir os pontos de resistência localizados nesse espaço. Notou-se, após análises, ser o Videocurso um espaço de formação de profissionais da educação em educação para a sexualidade, permeado pelos elementos das heterotopias. Esse instrumento permite a criação de possibilidades outras para a realização de projetos e de práticas relacionados aos temas corpos, gêneros e sexualidades no âmbito dos currículos educacionais, constituindo-se, assim, em formas de resistência aos avanços da frente conservadora, a qual tem por objetivos cercear tais discussões no campo educacional, propagando a ideia de esses saberes se configurarem como não legítimos ou não científicos.

Palavras-chave: Heterotopia. Resistência. Formação inicial e continuada. Educação para a sexualidade.

Abstract

The aim of this paper is to analyze the Videocurso Educação para a Sexualidade as a counter space intertwined with the elements of Foucault's heterotopies in order to discuss some strategies of resistance to the advances of the front against “gender ideology”. The analyzes performed in the article are linked to the concepts of resistance and heterotopia, based on Foucaultian studies, seeking to articulate the Videocurso to the elements of heterotopy, in order to discuss the points of resistance located in this space. It was noted, after analysis, that the Videocourse is a space for formation of education professionals in sexuality education, permeated by the elements of heterotopias. This instrument allows the creation of other possibilities for the realization of projects and practices related to the themes bodies, genders and sexualities within the educational curriculum, thus constituting forms of resistance to the advances of the conservative front, which has as its objective aims to curtail such discussions in the educational field, propagating the idea that this knowledge is configured as not legitimate or unscientific.

Keywords: Heterotopia. Resistance. initial and continuing formation. Sexuality education.

Vivemos tempos de muitos embates políticos no campo da Educação. Nos últimos quatro anos (2015-2019), vimos movimentações de especialistas da área, de políticos, de professores/as, bem como de teóricos/as do campo acadêmico debruçados/as em torno do desenvolvimento, da revisão e da aprovação de alguns documentos basilares da educação brasileira que estiveram em foco, como o Plano

Nacional de Educação (PNE), os Planos Estaduais de Educação (PEE), os Planos Municipais de Educação (PME) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Uma das pautas correntes, nas discussões, deu-se em torno dos temas que compõem o escopo da educação para a sexualidade, sendo esses as questões relacionadas aos corpos, aos gêneros e às sexualidades. De modo especial, a temática de gênero passou a receber grande atenção e preocupação, muito influenciada por movimentos conservadores, que têm, na última década, ganhado espaço no cenário nacional, sob o slogan “ideologia de gênero”. Segundo Junqueira (2018, p. 183):

Em agosto de 2011, religiosos brasileiros começaram a falar em ‘ideologia de gênero’ e, em março de 2014, o sintagma evidenciou-se de modo ostensivo no país, no curso das mobilizações de fundamentalistas e ultraconservadores pela exclusão das menções a gênero e orientação sexual dos planos nacionais, estaduais e municipais de Educação.

Assim, permeando a arena educacional, passamos a notar, em muitas redes municipais e estaduais de ensino, a crescente preocupação com a legitimidade das discussões de tais temáticas nos currículos escolares, tendo em vista a construção de um pânico moral disseminado entre a população. Nesse processo, foi atribuído, ao campo das discussões da educação para a sexualidade, o caráter de ser um movimento ideológico, o qual tem, como interesse, a destruição da família (entendida por eles como família aquele modelo nuclear e natural), bem como a negação da materialidade biológica do corpo, ensinando as crianças o fato de que podem “escolher” seu sexo e, dessa forma, inventarem seu gênero.

No contexto de disputa política que se estabelece em torno da aprovação dos planos e da base, “setores engajados em ofensivas contra a adoção da perspectiva de gênero nas políticas públicas – especialmente na educação – mostram-se interessados em medidas que comprometem a institucionalidade democrática e precarizam direitos sociais e a vida” (JUNQUEIRA, 2018, p. 180). Logo, na sequência aos processos de aprovação dos planos, surgem, em muitas câmaras de vereadores de municípios de diferentes regiões do Brasil, Projetos de Lei⁸ que têm, como propósito, vetar a abordagem dos temas gênero e sexualidade no espaço da escola e, em alguns casos,

⁸ Dentre alguns Projetos de Lei, estão: PL 2731/2015 – Deputado Federal Eros Biondini (PTB-MG), PL 7180/2014 e PL 7181/2014 – Deputado Federal Eriavelton Santana (PSC/BA), PL 867/2015 e PL 1859/2015 – Deputado Federal Izalci Lucas Ferreira (PSDB/DF), PL 10577/2018 – Deputado Federal Cabo Daciolo (PATRI/RJ), PL 051/2017 – Vereador Caca Gadelha (PSDB/PB), PL 131/2017 – Deputado Estadual Mecias de Jesus (PRB/RR), PL 136/2017 – Vereador Júlio Cesar Pereira da Silva (PMDB/RG).

pretendem criminalizar a ação docente daqueles/as que incluírem, em suas práticas, tais questões (PARAÍSO, 2016).

E é justamente em meio a esse período histórico vivenciado pela educação, no Brasil, atrelado aos constantes cortes de investimento do governo federal na Educação, como a PEC 241, e frente aos avanços da ofensiva antigênero no currículo, que é perceptível que os espaços para a formação nos temas da educação para a sexualidade tornaram-se reduzidos. Para evidenciar essa diminuição, tem-se o fim do curso de formação ofertado pelo MEC em todo o Brasil, Gênero e Diversidade na Escola – GDE, extinção da Secretaria Continuada de Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI, diminuição dos editais que fomentavam pesquisas e produção de materiais, entre outros acontecimentos.

Neste mesmo contexto de ataques e de retrocessos, emergiu, em 2015, como espaço de formação para as temáticas da educação para a sexualidade, o Videocurso Educação para a Sexualidade, proposto por um Grupo de Pesquisa. Assim, propõe-se no âmbito de discussões desse artigo analisar o Videocurso como um *contraespaço* entrelaçado aos elementos das heterotopias de Foucault de modo que se possa discutir algumas estratégias de resistência aos avanços da frente contra “ideologia de gênero”

O Videocurso Educação para a Sexualidade trata-se de curso de formação para profissionais da educação, ofertado totalmente na modalidade *online*, o qual preconiza fomentar discussões em vistas à promoção de uma educação que respeite e que valorize as diferenças, possibilitando o enfrentamento às múltiplas formas de violência (VIDEOCURSO, 2015).

O espaço do Videocurso constitui-se em um ambiente virtual de aprendizagem (AVA), organizado para proporcionar trocas de experiências, aprendizagens e discussões a partir dos temas que perpassam os materiais indicados no curso. Seu desenvolvimento é organizado em dois cursos – Videocurso 1, denominado Educação para a Sexualidade: dos currículos escolares aos espaços educativos, e Videocurso 2, intitulado Educação para a Sexualidade: temas contemporâneos em discussão.

Desde o início de seu desenvolvimento, em 2015, foram realizadas sete ofertas dos cursos, sendo cinco ofertas do Videocurso 1 e duas ofertas do Videocurso 2, iniciado a partir do segundo semestre de 2017. Ao longo dessa caminhada de trocas, de experiências e de aprendizagens, pode-se perceber, no curso, a constituição de um espaço outro para a formação nos temas da educação para a sexualidade. Ele foi procurado por diferentes profissionais atrelados à área da educação (professores/as,

assistentes sociais, enfermeiros/as, psicólogos/as, graduandos/as, pós-graduandos/as), todos/as interessados/as em fundamentar sua prática profissional de modo a tratar as questões relacionadas aos corpos, aos gêneros e às sexualidades em seus ambientes de atuação profissional.

Nesse movimento de constituição e de desenvolvimento do Videocurso e o tomando como material de análise dessa tese, fomos suscitadas a analisar o Videocurso Educação para Sexualidade como um *contraespaço* entrelaçado aos elementos das heterotopias de Foucault, a fim de discutir as estratégias de resistência aos avanços da frente contra “ideologia de gênero”, bem como ao enfrentamento diante do contexto de retrocessos no campo de investimentos na Educação.

Contraespaços como caminhos possíveis para a formação

Os caminhos percorridos, ao longo do processo de análise que perpassa este artigo, constituem-se, principalmente, pela aproximação à discussão realizada por Foucault em dois textos: “Outros Espaços”, publicado na coletânea *Ditos e Escritos* (2009); e “As heterotopias”, divulgado, em um primeiro momento, em uma revista de arquitetura e, posteriormente, em um livro de mesmo nome (2013). Em ambas passagens, o filósofo apresenta uma outra proposta de análise dos espaços, e é nesse caminho de análises anunciado que o estudo presente se articula.

Se olhar os espaços, para Foucault, significou pensar na “dupla articulação do poder sobre o corpo do indivíduo e do saber ao poder” (DEFERT, 2013, p. 46), pensar nos *contraespaços* que podem se constituir em meio ao que se encontra instituído - como as escolas, as igrejas, os hospitais, os quartéis -, seria, então, possibilitar a construção de “um lugar que não acaba, ideia-força que ressoa na memória” (PÉREZ, 2007, p. 128). Dessa maneira, concebemos as heterotopias no espaço de análise desse artigo, como espaços de possibilidade, de multiplicação de caminhos para se pensar, se discutir e se construir práticas de formação voltadas à educação para a sexualidade e seus temas.

De acordo com Foucault, as heterotopias podem ser encontradas em muitos lugares, como nas bibliotecas, nos cinemas e nos museus. Além disso, conforme bem pontua o filósofo, são as crianças que sabem perfeitamente onde localizar esses *contraespaços*, em meio às suas brincadeiras e às suas invenções, como nos momentos de bagunça e de diversão vivenciados na grande cama dos pais:

É nessa grande cama que se descobre o oceano, pois nela se pode nadar entre as cobertas; depois, essa grande cama é também o céu, pois se pode saltar sobre as molas; é a floresta, pois se pode nela esconder-se; é a noite, pois ali se pode virar fantasma entre os lençóis; é, enfim, o prazer, pois no retorno dos pais se será punido. (FOUCAULT, 2013, p. 20).

É da mesma forma que as crianças fazem, brincando e inventando na cama de seus pais, que também fomos inventando e constituindo o espaço do Videocurso. Cursistas e professores/as, ao acessarem esse ambiente, transitam por outros espaços, criam outras possibilidades, imaginam outras formas, aprendem novas vivências. Enfim, constroem outros espaços-tempos de saberes sobre os corpos, os gêneros e as sexualidades, de modo a permitirem-se pensar e problematizar propostas educativas relacionadas à prática de uma educação que tenha, como perspectiva, pensar nos sujeitos para além de uma visão binária e normatizadora. Seriam espaços-tempos pautados no diálogo e na produção de práticas que acionem elementos como prazer e desejo.

Foucault delineou alguns elementos característicos desses *contraespaços*, os quais nos possibilitam perceber e localizar os espaços de heterotopia. Segundo o filósofo, são as heterotopias espaços que se constituem como formas de desvio ao que se encontra no espaço instituído. Ao serem uma constante em todas as sociedades, as heterotopias que antes existiram podem se diluir ou se transformar no curso da história. Outro elemento apontado, por Foucault, como sendo característico de uma heterotopia, é sua capacidade de justapor, em um mesmo lugar, vários espaços, os quais são, de certa forma, incompatíveis. Ainda, é característico desses espaços constituírem-se em recortes de tempo, ou mesmo de acumularem, em um mesmo espaço, diferentes tempos. Por fim, as heterotopias possuem “um sistema de abertura e fechamento que, simultaneamente, as isola e as torna penetráveis.” (FOUCAULT, 2009, p. 420).

Assim, as heterotopias são “a contestação de todos os outros espaços” (FOUCAULT, 2013, p. 28), espaços outros que se constituem para criar possíveis lugares dentro do que está posto e instituído, que têm, por capacidade, justapor lugares distantes, tempos distintos, criando algo parecido com uma dobra no tempo, como são os museus, as bibliotecas e os cinemas. Em função disso, é possível passar a localizar, no espaço constituído pelo Videocurso, alguns aspectos, alguns elementos representantes das heterotopias, permeando as discussões da educação para a

sexualidade. Localizaram-se, nas temáticas das videoaulas, nos fóruns de discussão e nos materiais de apoio que compõem o espaço do Videocurso, possibilidades que fazem ressoar outras práticas, outras propostas educativas. Essas, por sua vez, vêm permitindo aos/às cursistas resistir às dificuldades que permeiam o campo discussão da educação para a sexualidade atualmente.

Os profissionais das diferentes áreas da educação, ao escolherem participar de um curso de formação com esse tema; ao assumirem para si a importância de estudar e de compreender tais discussões; ao defenderem que esse é um tema que permeia a prática educativa nos diferentes espaços, e que é necessário que se desenvolvam propostas e projetos educativos que tratem de questões relativas aos corpos, aos gêneros e à sexualidade, encontraram, no espaço do Videocurso, uma possibilidade de resistência, de criação e de invenção.

Marlucy Paraíso (2016; 2018a; 2018b) defende, em suas vivências como formadora em um curso realizado com professoras com a possibilidade de falarem sobre o tema, estudarem e pensarem em práticas educativas voltadas para a discussão das questões de gênero e de sexualidade, que esses espaços são, em sua medida, força motriz para criação e para resistência, um espaço de heterotopias que pode fazer ressoar outros possíveis nos currículos:

Lado a lado com o currículo instituído, portanto, cria-se um espaço heterotópico para entender suas brechas e experimentar saídas. Isso ocorre exatamente quando o slogan “ideologia de gênero” tenta operacionalizar várias estratégias para controlar os currículos e impedir qualquer menção a gênero e sexualidade nesse espaço. (PARAÍSO, 2016). Trata-se de atitude da maior importância nestes tempos sombrios politicamente em que vivemos, porque se trata da criação de um “espaço outro” para se cuidar, lutar e não se deixar tomar pela tristeza e apatia. (PARAÍSO, 2018, p. 24).

Logo, é nessa potência possibilitada pelos elementos das heterotopias que percebemos o espaço do Videocurso como resistência ao que tem se constituído frente ao campo educacional brasileiro, em suas disputas curriculares. Assumimos como proposta, nesse artigo, estabelecer o diálogo entre os elementos da heterotopia os quais permeiam o espaço do Videocurso em sua articulação ao conceito de resistência delineado por Foucault em sua obra.

Se “resistir é também provocar contraposicionamentos, inventar outros espaços, implodir posicionamentos e suas histórias temporais.” (PASSETTI, 2013, p. 114), da

mesma forma, é possível se compreender que possibilitar espaços outros na formação de profissionais da educação, no qual possam falar e aprender sobre educação para a sexualidade, significa também possibilitar resistências.

São, dessa forma, esses contrapositionamentos, essas heterotopias, espaços de possibilidade, de resistência, de invenção, de criação de possíveis caminhos para enfrentar as práticas de autoridades que tentam sedimentar a vida, normatizando vivências, experiências, saberes. Isso é ilustrado na fala de Foucault:

[...] lá onde há poder há resistências [...]. Elas não podem existir senão em função de uma multiplicidade de pontos de resistência que representam, nas relações de poder, o papel de adversário, de alvo, de apoio, de saliência que permite a apreensão. Esses pontos de resistência estão presentes em toda a rede de poder. (1997, p. 91).

Portanto, é fundamental que sejam observadas, nas relações de poder, os pontos de resistência que se produzem nessa trama e que têm sua condição de existência atrelada ao poder. Dessa forma, deve-se compreender que “[...] a natureza de um espaço heterotópico deve ser expressa a partir da maneira pela qual formas, comportamentos e significados se combinam de modo atípico para formar espacialidades distintas daquelas previstas pela lei e pelos hábitos politicamente aceitos” (VALVERDE, 2009, p. 17).

A partir disso, pode-se acreditar que os elementos heterotópicos que permeiam o Videocurso são pontos de resistência às várias formas de normatização da educação dos sujeitos e de seus corpos, dos gêneros e das sexualidades. Outro aspecto que permeia o Videocurso, o qual se traduz como se faz resistência, é a proposta de se pensar a partir de sua proposta teórica e dos materiais disponibilizados (videoaulas, vídeos, livros, teses, dissertações, artigos, textos, filmes, entre outros) uma prática de educação para a sexualidade que rompa com as propostas pautadas no viés unicamente biológico para o controle de infecções sexualmente transmissíveis, métodos anticoncepcionais e a gravidez na adolescência, por exemplo.

É justamente nos espaços, permeados pelos elementos das heterotopias, que se torna possível encontrar formas de renovação, a partir da produção de arranjos outros de organização sócioespacial, compreendendo que, nesses espaços, prescinde-se “da mediação político-social oferecida pelas instituições formais, se renovando continuamente a partir das estratégias que cada indivíduo ou grupo social exerce.” (VALVERDE, 2009, p. 17). Desse modo, a formação de profissionais da educação, como é proposta no Videocurso, pensada sob o olhar da heterotopia e de seus

elementos, torna perceptível, nas práticas que se constituem nesse espaço, “deslocamentos do lugar, no próprio lugar, agora ressignificado como espaço de resistência.” (PÉREZ, 2007, p. 134).

O encontro e diálogo de diferentes profissionais da educação, no espaço de formação possibilitado pelo Videocurso, em busca de conhecimentos, trocas e debates, pode demonstrar o potencial de renovação que permeia esse espaço, uma vez que os/as cursistas podem acessar materiais e estabelecer discussões diferentes a partir do diálogo com a equipe e colegas, abrindo possibilidades em sua caminhada profissional. O interesse e participação de cada um/a dos/as cursistas que escolhem realizar o curso permite que seus/suas participantes desenvolvam estratégias político-sociais de enfrentamento, reinvenção e de resistência junto a esse jogo de relações de poder que permeia e que constitui o campo educacional brasileiro, na produção e na concretização do currículo escolar para os temas da educação para a sexualidade.

O excerto abaixo apresenta as discussões que são propostas nesse artigo, pensando nos enfrentamentos que têm se estabelecido no espaço dos currículos escolares frente às propostas de discussão da educação para a sexualidade. A fala da cursista apresenta o que muitos/as de nós, profissionais da educação preocupados/as em abordar as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades, temos sentido, bem como vivenciado nos últimos anos.

Boa noite a todos os cursistas e professores tutores, fui silenciada ano passado por falar de concepções de identidade e de gênero na escola. Chegou uma normativa a escola que trabalhava que naquele momento, momento em que a cidade de Uberaba estava a cerca de uma discussão sobre uma cartilha intitulada "cultura de gênero", não era a melhor época para se tratar tal assunto. Me senti amordaçada, pois a todo momento essas questões principalmente ligadas ao preconceito, ou talvez o que é diferente a heteronormatividade, iam e vinham durante as aulas. Naquele ano, resisti, ou silencieei-me parcialmente, mesmo diante da normativa, combinei com os alunos, que entre uma aula e outra falaríamos sim, diante de um planejamento fake, sobre as questões que giram em torno dessa palavra tão curiosa, intitulada sexualidade. A partir de então, tenho feito a seguinte pergunta? Será que as escolas, no caso, de Uberaba, têm falado em identidade, sexualidade e gênero entre seus muros? De que forma? Quais relações de poder os políticos querem estabelecer diante do silenciamento destas questões na cidade? (FÓRUM, VIDEOCURSO 1, 2017).

Essa postagem, assim como tantas outras que já preencheram os fóruns de discussão do Videocurso, fazem-nos pensar nos movimentos que esse *contraespaço*,

constituído pelo Videocurso, tem possibilitado. Configura-se como um espaço que tem criado possibilidades na formação de profissionais da educação em educação para a sexualidade com o intuito de, assim, localizar os pontos de resistência que têm emergido desses processos de formação.

Em uma de suas obras, Foucault explicita que “para compreender as relações de poder, talvez devêssemos investigar as formas de resistência e as tentativas de dissociar essas relações” (FOUCAULT, 2010, p. 276). Logo, a partir da observação de diferentes relações de oposição (homem – mulher, pais – filhos/as), Foucault estabelece elementos para se pensar no que se constituem esses movimentos de resistência que permeiam as redes de poder. O autor indica os seguintes elementos: os processos de resistência são movimentos transversais; seus objetivos são diretamente relacionados aos efeitos desse poder; são movimentos de enfrentamento imediato; questionam o estatuto dos indivíduos; constituem-se em oposição “aos efeitos de poder relacionados ao saber, à competência e à qualificação” (FOUCAULT, 2010, p. 277); e, por fim, segundo ele, esses movimentos de resistência têm, como objetivo central, mais do que atacar uma instituição ou um grupo de poder, eles pretendem atacar uma forma de poder (FOUCAULT, 2010).

A partir de tais elementos, Foucault defende ser necessário fugir de análises e de questionamentos unilaterais. Não basta olhar para as relações de poder apenas a partir dos pontos em que ela constrói sua rede, mas analisar tal emaranhado também a partir das oposições que permeiam tais relações. Poder e resistência estão em dupla articulação.

Nessa mesma medida, o autor indica que, a fim de que possamos analisar as relações de poder, é importante que sejam estabelecidos alguns pontos específicos. Segundo ele, é necessário que se tenha em vista o sistema de diferenciações que permite que uns tenham direito de ação sobre outros e, nessa relação, quais os objetivos daqueles que detêm a ação, a partir do uso de quais instrumentos, de que forma tais ações se institucionalizam e, por fim, qual a eficácia de tal racionalização (FOUCAULT, 2010).

Assim, é perceptível, nas relações de poder que permeiam e se estabelecem a partir dos documentos legais que gerem o campo curricular educacional no Brasil, processos e embates de enfrentamento e de regulação do que tem se constituído como proposta educativa para tratar dos temas de corpos, gêneros e sexualidades. Porém, no âmbito das discussões aqui apresentadas, não nos interessa olhar para as estratégias de

poder adotadas pelo movimento antigênero. No caminho contrário disso, o que se procura é analisar os pontos de resistência que o espaço do Videocurso potencializa ao se constituir como um *outro* espaço de formação para profissionais da educação em educação para a sexualidade. Ele se constitui num ambiente que tem possibilitado resistir às estratégias de poder acionadas por uma frente conservadora, presente nas bancadas das câmaras de vereadores dos municípios, na câmara de deputados e no senado brasileiro.

Essas bancadas têm, incessantemente, a partir de algumas estratégias de poder que empregam, desestabilizar os/as profissionais da educação que se propõem a assumir, como parte de seus currículos, nos diferentes espaços educativos, os temas da educação para a sexualidade. Dentre essas estratégias empregadas, estão: a multiplicação, a distorção, a tradução e o amedrontamento (PARAÍSO, 2016). Isso é realizado a partir da *multiplicação* de um discurso pautado em informações desencontradas e meias verdades na forma de vídeos, folders, propagandas e outros artefatos da mídia. Articulado com a multiplicação desse discurso, existe a intenção de acessar outras camadas da população, com a *tradução* desse discurso para uma linguagem bastante visual e de fácil compreensão, diferentemente do discurso acadêmico, que, muitas vezes, está presente no campo da educação. Por fim, permeiam essas estratégias de poder adotadas pelo movimento a *distorção* do discurso científico dos estudos de gênero e de sexualidade e geram o *amedrontamento* da população por intermédio uma linguagem alarmante e atemorizadora (PARAÍSO, 2016).

Em função disso, nos últimos quase cinco anos, o movimento contra Ideologia de Gênero tem multiplicado de forma distorcida e amedrontadora aspectos consagrados e defendidos pelos estudos de gênero e, por consequência, pelos estudos da educação para a sexualidade, como: a destruição das famílias (entendidas pelo movimento como família nuclear heterossexual), a ideia de que se ensinariam as crianças a fazerem sexo, de que as crianças poderiam trocar de sexos se abordadas questões de gênero em sala de aula, entre outros aspectos.

Surgindo nesse contexto de disputas de poder, o Videocurso, ao adotar como perspectiva teórica a educação para a sexualidade⁹, passa a figurar, no contexto político

⁹ Entende-se por educação para a sexualidade uma proposta conceitual e pedagógica que tem, por objetivo, acionar outros elementos, que fujam de uma visão binária e normatizadora da sexualidade, tratando de questões como o prazer e o desejo, bem como assumindo as identidades em seu caráter transitório. Ainda nessa proposta, pretende-se denunciar as formas de violência que permeiam a sociedade.

educacional atual, como uma forma de resistência. Como explicitou a cursista, no excerto que inicia este tópico, fomos silenciados “*por falar de concepções de identidade e de gênero na escola*” e, ao possibilitar esse outro espaço, para além do instituído espaço da escola, para tratar de tais temas, na formação de profissionais da educação, discutindo e propondo a permanência da educação para a sexualidade no currículo das escolas, está claro que se está fazendo resistência.

Propõe-se, nas discussões desse artigo, articular o conceito de resistência, aqui entendido na perspectiva foucaultiana, como “o outro termo nas relações de poder; [...] às vezes provocando o levante de grupos ou indivíduos de maneira definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento.” (FOUCAULT, 1997, p. 92), de modo a localizar esses pontos de resistência, discutidos pelo teórico como elementos dos movimentos de resistência, buscando articular o *contraespaço* do Videocurso. Assim, propõem-se pelos caminhos de análise desse artigo localizar esses os possíveis pontos de entrelaçamento entre o material empírico de análise que nos permitam identificar esses movimentos do corpo, da vida, dos comportamentos dos sujeitos que tem participado do Videocurso.

Resistências pelo *contraespaço* do Videocurso

[...] meu interesse neste curso veio nesse sentido, me sentir mais potente como educadora para conseguir trabalhar seriamente tais temáticas. Seguimos! Educando e resistindo. (FÓRUM, VIDEOCURSO 2, 2018)

Assim como o fragmento anterior, existem outras postagens, semelhantes, que reafirmam a importância da formação nas temáticas da educação para a sexualidade como forma de resistência. Talvez pelo contexto em que este tenha emergido, em meio a relações de poder em torno do currículo da educação para a sexualidade, é que o *contraespaço* do Videocurso faça ressoar as resistências.

[...] a resistência ocorre onde existe poder, pois ela é inseparável das relações de poder. A um tempo só, a resistência funda as relações de poder sendo, também, o resultado dessas mesmas relações. Assim, na medida em que as relações de poder estão disseminadas por todo o tecido social e político, a resistência afigura-se como a possibilidade de fazer irromper espaços de luta, dando origem a infinitas possibilidades de transformação. Daí que a análise da articulação entre as relações de poder e os núcleos de resistência seja realizada em

função do estudo de *estratégias* e de *táticas*, como se o movimento de um servisse como ponto de apoio para um *contra-movimento* de outro. (VILELA, 2006, p. 117).

Nesse sentido, retomando algumas das estratégias de poder adotadas pelo movimento contra “Ideologia de Gênero”, como a multiplicação de informações, atrelada à utilização de um vocabulário simplificado, permeado pela distorção de conhecimentos científicos, que amedrontam e alarmam as pessoas, é possível notar, a partir do espaço do Videocurso, aquilo que Vilela intitula de contra-movimento.

Acionando diferentes pontos de resistência para o enfrentamento das estratégias adotadas pelo movimento, como o estudo teórico dos temas corpos, gêneros e sexualidades, pautados no conhecimento científico, em uma perspectiva pós-estruturalista, o Videocurso busca fomentar a formação dos profissionais da educação. Outro ponto de resistência adotado é o de solicitar aos/às cursistas a produção de artefatos culturais para embasarem propostas de discussão da educação para a sexualidade no espaço dos currículos escolares. Nesse contexto, cabe ressaltar, dentro do recorte teórico adotado pelo Videocurso, a organização de seus materiais e escolhas dos assuntos das videoaulas. Em sua estrutura, o curso busca problematizar questões que são multiplicadas de forma desencontrada pelo movimento “ideologia de gênero”, como a heteronormatividade, o binarismo de gênero, a produção das famílias e as práticas de controle e de normalização dos sujeitos.

Ao se entender resistência na perspectiva foucaultiana, entende-se, nos caminhos de análise desse artigo, como “uma multiplicidade de pontos de resistência que representam, nas relações de poder, o papel de adversário, de alvo, de apoio, de saliência que permite a apreensão.” (FOUCAULT, 1997, p. 91). Surge, então, como primeiro aspecto, a constituição do Videocurso Educação para a Sexualidade como um desses pontos de resistência, o qual permeia a rede de poder estabelecida no contexto educacional brasileiro e permite aos/às cursistas agirem, em seus espaços de atuação profissional, segurando os avanços da frente conservadora, que busca acabar com o desenvolvimento de políticas públicas no âmbito da educação relativo às questões de gênero e sexualidade. Tal proposta vem permitindo que tais temáticas sejam trabalhadas pelos/as cursistas nos diferentes espaços educativos, como pode ser notado na fala de uma cursista:

Gostaria de parabenizar o curso de formação promovido pelo GRUPO na sua segunda edição que conta com ótimas videoaulas e um excelente material de apoio. Ainda mais em momentos tão delicados como os que estamos vivendo atualmente se faz de extrema importância, enquanto professores e professoras que estamos de certo modo "armados" teoricamente para irmos contra ao que dizem ser "ideologia de gênero". (FÓRUM, VIDEOCURSO 2, 2018)

As palavras da cursista expressam o que muitos de nós, preocupados/as em trabalhar a educação para a sexualidade no âmbito escolar, sentimos e procuramos. Para evitar a multiplicação de informações falsas e equivocadas, é necessário “armar-se” de conhecimentos e de saberes, de modo a possibilitar, e inclusive defender, a presença dos temas corpos, gêneros e sexualidades no currículo escolar.

Desse modo, um dos pontos de resistência, que perpassa o espaço do Videocurso, está diretamente ligado às temáticas das videoaulas que são apresentadas durante ele. Os temas abordados, além de emergentes na sociedade, articulam, na contramão do que é defendido pelo movimento contra “Ideologia de Gênero”, a discussão do gênero como uma construção histórica e cultural, extrapolando uma visão binária e entendendo que crianças, adolescentes, homens e mulheres se constituem em múltiplas e diferentes masculinidades e feminilidades. Nessa perspectiva, a compreensão do gênero não deve ser considerada forma reducionista, atrelada apenas ao sexo biológico. É preciso considerar que não existe uma única maneira de ser homem ou mulher, todavia muitas formas. De acordo com Paraíso (2016, p. 402):

Sabemos, e esses grupos também o sabem, que o conceito de “gênero” foi produzido e é discutido no meio acadêmico com base em todos os parâmetros autorizados de produção de saberes científicos contemporâneos. Trata-se de um conceito usado para identificar, compreender e analisar os processos históricos e culturais que nos posicionam como homens e mulheres, que criam sentidos para as diferenças percebidas em nossos corpos e que hierarquizam pessoas, limitando possibilidades de algumas e aumentando as possibilidades de outras. Trata-se de um conceito usado para mostrar como as normas conformam, ordenam e hierarquizam os corpos masculinos e femininos por meio de repetições e citações infundáveis, produzindo e reproduzindo relações de poder que dividem, hierarquizam e incluem/excluem.

E justamente pela potência articulada ao conceito de gênero, para desestabilizar as bases heteronormativas que perpassam as linhas do dispositivo da sexualidade, acionadas pelas práticas educação para a sexualidade, pautadas no controle e

disciplinamento dos corpos dos sujeitos, que se vê crescer a onda de ataques de movimentos antigênero. A bandeira levantada por esses grupos busca, de forma amedrontadora e alarmante, distorcer as bases científicas da discussão do conceito de gênero, alardeando ser a proposta da discussão de gênero, na escola, algo baseado em teorias que ensinam às crianças que elas podem mudar de gênero (aqui compreendido diretamente em relação ao sexo biológico), podendo meninos se transformarem em meninas e vice-versa.

Configura-se como resistência, frente aos ataques às discussões de gênero e ao teor científico de tal discussão, quando se propõe, no Videocurso Educação para a Sexualidade, apresenta, em suas videoaulas, assuntos como “Identidade de Gênero: masculinidades e feminilidades e suas múltiplas possibilidades”. Com videoaulas como essas, propõe-se a discussão teórica, a problematização e reconfiguração do conceito de gênero, articulando temas como a travestilidade e a transexualidade. Ainda, na mesma perspectiva de discussão, podem ser citadas as videoaulas “Violência de Gênero: sexismo e homofobia em destaque”, “Pedagogias de produção das masculinidades no ambiente escolar” e “Gênero e ciência: uma discussão potente para a educação”.

Da mesma forma, ao se propor, no espaço de discussão das videoaulas, abordar questões emergentes, tais como as diferentes configurações familiares, outras práticas sexuais, como o *sexting*, ou mesmo a reatualização das discussões e de questões relacionadas ao HIV/AIDS também se está mostrando resistência. Isso, igualmente, ocorre quando se abordam propostas que procuram pensar o corpo para além de sua biologia, vendo a produção cultural e social que se inscreve sobre esse, a qual é defendida em meio à rede de poder que permeia o currículo da educação para a sexualidade.

Paraíso defende que “A ideologia de gênero trata-se de uma tentativa de tapar os vazamentos produzidos pelos mapas culturais atuais” (2016, p. 392), os quais têm, como caminho, a afirmação da diferença. Nesse contexto, o Videocurso, ao acionar outras questões, abordando temas como as relações de gênero em uma perspectiva histórica e cultural, que foge de uma visão biológica, e ao abordar estudos a respeito da transexualidade, ou seja, questões relacionadas ao campo dos estudos gays e lésbicos, traz, para o espaço do currículo da escola, a reafirmação da diferença, produzindo novos vazamentos no contexto social brasileiro.

Outra temática relevante às discussões nesse contexto de transformações, nos mapas culturais, está presente na videoaula “Identidade e diferença: potencialidades

para o debate da diversidade”. Essa tem, como prerrogativa, a abordagem do conceito de diversidade, presente em diferentes documentos norteadores da educação brasileira, bem como sua inter-relação com os conceitos de identidade e de diferença.

Entendemos, dessa forma, conforme a visão de Pérez, que pensar a formação de profissionais da educação, a partir dos elementos da heterotopia, “é pensá-la/praticá-la como um espaço de produção de devir – que se desdobra num espaço de resistência [...]” (2007, p. 137). Logo, pensar-se em outras possibilidades teóricas, trazendo outra perspectiva para se pensar um espaço educacional preocupado em tratar dessas temáticas, como a proposta da educação para a sexualidade, é resistir, é lutar contra práticas de educação instauradas em currículos engessados, preocupados em regular os corpos dos sujeitos, normalizando a sexualidade heterossexual compulsória, fazendo do desejo homossexual, por exemplo, uma prática desviante, tornando, assim, as vivências trans abjeções. Na concepção de Junqueira,

A heteronormatividade está na ordem das coisas e no cerne das concepções curriculares; e a escola se mostra uma instituição fortemente empenhada na reafirmação e na garantia do êxito dos processos de heterossexualização compulsória e de incorporação das normas de gênero, colocando sob vigilância os corpos de todos/as. (JUNQUEIRA, 2016, s/p).

Portanto, o Videocurso vai na contramão de tal perspectiva, ao se pautar no campo da educação para a sexualidade, assumindo, como proposta, “pensar como essas possibilidades podem acionar questões como prazer, troca, curiosidade, busca, respeito, erotismo, além de se pensar na constituição da perspectiva como dispositivo histórico” (XAVIER FILHA, 2009, p. 97). Exemplos disso aparecem nas discussões que perpassam as temáticas das videoaulas sobre infância e juventude, no momento em que propõem problematizar tais discussões a partir dos conceitos de gênero e de sexualidade em meio às relações de poder que se estabelecem, assumindo serem as infâncias e juventudes construções sócio, históricas e culturais.

No pensamento de Foucault, os movimentos de resistência constituem-se em lutas que têm por objetivo questionar a forma como o saber funciona e circula, como é acionado para determinar e hierarquizar os sujeitos a partir das relações de poder. Dessa forma, essas lutas, esses movimentos de resistência,

Não só enfrenta o poder, mas recusa seu funcionamento administrativo e dá vazão a um saber menos comprometido com o

potencial reativo e regulador do poder, um saber que se conecta à outra linha de força, aquela linha fantasma que assombra o poder: a linha vital da criação resistente. (ALVIM, s/d, p. 29).

E essa possibilidade de criação não apenas perpassa a proposta da educação para a sexualidade, bem como perpassa o Videocurso, suas videoaulas, seus fóruns de discussão e, principalmente, o espaço destinado aos cursistas elaborarem o Trabalho Final. Esse trabalho consistia em pensarem e realizarem práticas educativas pautadas nas discussões da educação para a sexualidade. Ao se instigar os/as cursistas a elaborarem um material que tivesse, por objetivo, fomentar a prática educativa junto a crianças e adolescentes, para discutir questões da educação para a sexualidade no âmbito escolar, propõe-se mais do que fazer resistência, mais do que dizer não ao avanço da frente conservadora antigênero, a qual quer controlar os currículos. Propõe-se criar, propõe-se fazer, propõe-se multiplicar outra visão das questões relacionadas aos corpos, aos gêneros e à sexualidade, uma visão pautada na celebração das diferenças.

Os materiais que foram produzidos, muitas vezes, apresentam, em sua constituição, relação direta com o espaço da escola. As propostas vêm permeadas de preocupação em abordar questões que movimentam o cotidiano das salas de aula. A título de exemplo, tem-se os assuntos brincadeiras e brinquedos ditos de meninos e meninas, o cuidado e respeito com os diferentes tipos de corpos, a vivência da sexualidade e suas práticas, para além das relações heterossexuais, o respeito e promoção das questões dos direitos de Lésbicas, Gays Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBT+, a relação entre a sexualidade e o uso das mídias como meio de paquera, sedução e violência. As imagens a seguir ilustram isso (figura 27 e 28):

Figura 27: Capa do livro elaborado com a temática de *Sexting*.



Fonte: Videocurso 1, 2015.

Figura 28: Parte de história sobre configurações familiares.



Fonte: Videocurso 2, 2017.

Muitos são os temas e propostas apresentados pelos/as cursistas, em sua grande maioria, tendo, como público-alvo, crianças e adolescentes. Diversas propostas apresentadas, inclusive, já estão sendo realizadas dentro dos espaços de atuação dos/as profissionais, em forma de projetos, de dinâmicas, de rodas de conversa, de oficinas. A figura 27 trata-se de um livro de literatura juvenil, que tem, como proposta, a discussão da temática do *sexting*, tão presente atualmente em nossa sociedade devido ao crescente uso das tecnologias digitais. Na proposta do livro, a abordagem da temática do *sexting* foge ao discurso que tem permeado a prática no contexto da escola, em que, frequentemente, acontece a culpabilização da vítima e o enaltecimento do agressor (BARROS, 2014). A história demonstra a preocupação de não apenas discutir a temática do *sexting*, como também possibilitar que a abordagem do assunto, no espaço da escola, possa incluir abordagens como as diferenças de tratamento dado às vítimas e aos agressores a partir do seu gênero.

Na figura 28, é apresentada a proposta de discussão das configurações familiares, outro tema emergente devido às discussões atreladas ao movimento antigênero. Tal movimento tem, como bandeira de defesa, a família tradicional, nuclear e heterossexual. No material apresentado, o cursista busca explicitar as diferentes configurações familiares que podem ser encontradas, permitindo que seja problematizada a visão de família pautada apenas na consanguinidade e nos laços de afeto somente heterossexuais.

São perceptíveis, em toda essa produção realizada pelos/as cursistas, pontos de resistência. Ao acionarem os saberes e as discussões apresentados no *contraespaço* do Videocurso, é feito, dessa formação, combustível para novas práticas, novos projetos, fazendo multiplicar, na mesma intensidade, na contramão do slogan “ideologia de gênero”, “fazendo com que os extratos do saber se voltem contra os poderes.” (ALVIM,

s/d, p. 22). Nesse sentido, é fundamental que possa ser compreendido que os discursos não são apenas parte das estratégias de poder somente, mas que fazem parte de um complexo jogo, em que “pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permiti barrá-lo”. (FOUCAULT, 1997, p. 96).

Assim, é justamente nos *contraespaços* criados pelos/as cursistas, a partir dos artefatos produzidos como trabalho final do Videocurso, que pode ser observado esse jogo complexo do discurso no entrelaçar das estratégias de poder acionadas pelo movimento antigênero. Com isso, foi possível distorcer e ampliar as discussões do campo da educação para a sexualidade, e o enfrentamento imediato e cotidiano, produzido pelos trabalhos dos/as cursistas, como pontos de resistência, pontos múltiplos que permanecem como obstáculos nos currículos que norteiam a educação brasileira.

Paraíso (2016, p. 405) pontua que “Resistir demanda liberar a vida lá onde ela é prisioneira, onde quer que ela seja prisioneira. Liberar a vida é enfrentar os intoleráveis e dizer do jeito que conseguimos: basta!”. Resistir, no contexto atual da educação, significa dar um basta às distorções multiplicadas pelo slogan contra “ideologia de gênero”, fazendo de espaços, como o *contraespaço* do Videocurso Educação para a Sexualidade, uma possibilidade de criação e de invenção de caminhos, formas outras de fazer falar e aprender sobre as questões de corpos, de gêneros e de sexualidade.

Ao assumirmos, nesse artigo, a intenção de analisar, o Videocurso, compreendido por nós como um espaço permeado por elementos das heterotopias, espaço esse que tem possibilitado vivências e aprendizagens outras na formação de profissionais da educação, um caminho teórico para estudos da educação para a sexualidade, o intuito é de se perceber, nos pontos de resistência acionados por esse espaço de formação, pontos de partida para o enfrentamento as estratégias de poder utilizadas pelo movimento “ideologia de gênero”.

De acordo com Foucault, realizar esse movimento:

[...] consiste em usar essa resistência como um catalisador químico de modo a esclarecer as relações de poder, localizar sua posição, descobrir seu ponto de aplicação e os métodos empregados. Mais do que analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, consiste em analisar as relações de poder através do antagonismo das estratégias. (FOUCAULT, 2010, p. 276).

No âmbito das análises desse artigo, aventuramo-nos a realizar, a partir do espaço do Videocurso e dos movimentos de (re)ação causados nos/as cursistas (a partir das postagens e de relatos presentes nos fóruns, nos trabalhos finais e nos comentários nas webconferências) que vivenciaram esse espaço, aproximações entre os elementos das heterotopias que permeiam o espaço do curso e os pontos de resistência as quais são acionadas em contraposição às estratégias de poder utilizadas pelo movimento contra “ideologia de gênero”.

Videocurso Educação para a Sexualidade: possibilidades para as resistências

O Videocurso Educação para a Sexualidade tem se constituído, ao longo dos últimos cinco anos, desde sua criação e desenvolvimento e, posteriormente, ao longo de suas ofertas e, em decorrência disso, sua ampliação, um *contraespaço* para a formação de profissionais da educação nos temas pertinentes à educação para a sexualidade. Múltiplas foram as trocas, as aprendizagens e as problematizações.

Foi possível vivenciar, nesse ambiente virtual de aprendizagem, nessa rede de conexões proporcionada pela internet e pelo ciberespaço, aspectos daquilo que Foucault indica como serem as heterotopias e seus elementos (FOUCAULT, 2009; 2013). Puderam ser notados o potencial de criação, de invenção e de produção presente nos fóruns de discussão do Videocurso, nas videoaulas, nos trabalhos produzidos pelos/as cursistas e nos feedbacks recebidos nos espaços das webconferências. Junqueira afirma que o desenvolvimento de propostas, como a do Videocurso, podem fomentar práticas de educação pautadas na promoção dos direitos sexuais, na igualdade de gênero e no reconhecimento às diferenças, tendo, assim, um “potencial transformador que ultrapassa os limites da escola, lançam as bases para uma nova agenda pública e uma nova modalidade de pactuação social e contribuem de maneira marcante para a construção de um novo padrão de cidadania.” (2013, p. 59).

Desse modo, a proposta de formação apresentada pelo Videocurso tem feito emergir e ganhar visibilidade as discussões da educação para a sexualidade, abrindo brechas e espaços para outra forma de pensar os corpos, o gênero e as sexualidades. Trata-se de uma visão que vai além do binarismo de gênero e da heterossexualidade. E, nesse mesmo processo de promoção de uma educação para a sexualidade pautada no reconhecimento da diversidade de gênero e sexualidade, vemos o desdobramento de tais

discussões e avanços permearem o âmbito das políticas sociais, de saúde e dos direitos civis.

Assim, ao ser proposto, nesse artigo, pensar-se nos pontos acionadas pelo espaço do Videocurso Educação para a Sexualidade como formas de resistência às estratégias de poder articuladas pelo movimento contra “Ideologia de Gênero”, foi possível, a partir da caminhada desenvolvida em estudos anteriores, baseados na compreensão das discussões apresentadas por Foucault sobre sua concepção de espaço, entender, no conceito de heterotopia, a possibilidade de produzir espaços outros para a formação de profissionais da educação. É no entrelaçamento dos elementos da heterotopia os quais permeiam o Videocurso que vemos surgir brechas, que percebemos o fazer vazar, um espaço de respiro e de criação para os/as cursistas que buscam a formação do curso.

Se o movimento contra “ideologia de gênero” busca multiplicar um discurso distorcido, traduzindo, para a população, de forma equivocada e desencontrada, saberes e estudos científicos do campo dos estudos de gêneros e sexualidade, buscando amedrontrar a população, o Videocurso promove o contrário. Ele busca, na contramão disso, acionar pontos de resistências que possibilitem a problematização das questões dos corpos, dos gêneros e da sexualidade sob o viés histórico e cultural, fomentando a formação dos/as profissionais da educação que se lançam ao desafio de desenvolver, em suas práticas, a discussão da educação para a sexualidade. Conforme Paraíso (2016, p. 408),

A resistência possui um potencial de crescimento, florescimento e transformação que necessitamos para habitar a terra, para operar no campo curricular e para impedir o controle dos currículos e o silenciamento das questões de gênero e sexualidade na escola. Ela possibilita criar espaços de combate, de lutas, de insubordinação, de insurreição. A resistência é a criação de possíveis.

O *contraespaço* do Videocurso tem, nesse sentido, constituído-se, para muitos dos/as cursistas, bem como para a equipe docente, nesse espaço de potência de criação e de crescimento, permitindo as discussões do campo da educação para a sexualidade se multiplicarem, não apenas em seus fóruns e nas videoaulas, mas em suas propostas de artefatos culturais e, principalmente, em seus espaços de atuação profissional, através de projetos pedagógicos e de oficinas, fazendo ressoar, nos currículos escolares, práticas educativas com base no respeito às diferenças e no combate às múltiplas violências.

Por fim, fazemos nossas as palavras de uma cursista do Videocurso: “*Resistir e insistir é nosso refrão. Força para todas e todos!*”. O espaço do Videocurso tem se constituído, para o Grupo de Pesquisa que o desenvolve, assim como para os/as cursistas que o procuram, nossa forma de resistência e de insistência. Resistência aos avanços e ao enfrentamento a uma educação reguladora e disciplinadora dos corpos, dos gêneros e da sexualidade. Insistência de fazer falar e permanecer nos currículos escolares, gerando movimento, problematização, mudança.

Referências

ALVIM, Davis Moreira. Foucault e o primado das resistências. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, n. 20, p. 22-30, 11. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/55955>>. Acesso em: 21 de março de 2018.

BARROS, Suzana Conceição de. **Sexting na adolescência**: análise da rede de enunciações produzida pela mídia. Rio Grande, 2014. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande. Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. Rio Grande, 2014.

DEFERT, Daniel. Heterotopia: tribulações de um conceito entre Veneza, Berlim e Los Angeles. In: FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico; As heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013. p. 33-55.

FOUCAULT, Michel. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422. (Ditos e escritos; III).

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. 12. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L; RABINOW, Paul. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2. Ed., ver. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 273-295.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico; As heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Escola e enfrentamento à homofobia: pelo reconhecimento da diversidade sexual como fator de melhoria da educação de tod@s. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira. (orgs). **Corpos, gêneros e sexualidades**: questões possíveis para o currículo escolar. 3.ed. Rio grande: Ed. da FURG, 2013. p. 49 -60.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Escola, homofobia e heteronormatividade**. 2016. Disponível em: <<http://www.coletiva.org/index.php/artigo/escola-homofobia-e-heteronormatividade/>>. Acesso em: 22 de agosto de 2017.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Políticas públicas de educação: entre o direito à educação e à ofensiva antigênero. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa. *et al.* **Corpo, gênero e sexualidade**: resistência e ocupa(ações) nos espaços de educação. Rio Grande: Ed. da FURG, 2018. p. 179 -210.

PARAÍSO, Marlucy Alves. A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência. **Currículo sem fronteiras**, v. 16, p. 388-415, 2016. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss3articles/paraiso.pdf>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2018.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo: invenção política *com* gênero e sexualidade em tempos do *slogan* “ideologia de gênero” *In*: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2018a. p. 23-52.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Gênero, sexualidade e heterotopia: entre esgotamentos e possibilidades nos currículos. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa. *et al.* **Corpo, gênero e sexualidade**: resistência e ocupa(ações) nos espaços de educação. Rio Grande: Ed. da FURG, 2018b. p. 07 -27.

PASSETTI, Edson. Heterotopia, anarquismo e pirataria. *In*: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. (orgs.). **Figuras de Foucault**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013. p. 109-118.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. A lógica e o sentido da formação: heterotopias, acontecimentos e sujeitos. **Rev. Dep. Psicol.**, UFF, Niterói, v. 19, n. 1, p. 127-143, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232007000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 de março de 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-80232007000100010>.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

VALVERDE, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe. Sobre espaço público e heterotopia. **Geosul**, Florianópolis, v. 24, n. 48, p. 7-26, jan. 2009. ISSN 2177-5230. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2009v24n48p7>>. Acesso em: 10 de julho de 2016. doi:<https://doi.org/10.5007/2177-5230.2009v24n48p7>.

VIDEOCURSO Educação para a sexualidade. Disponível em: www.videocursoeducacaosexualidade.furg.br. Acesso em: 07 de junho de 2017.

VILELA, Eugénia. Resistência e acontecimento. As palavras sem centro. *In*: KOHAN, Valter Omar; GONDRA, José. (orgs.). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 107 -127.

XAVIER FILHA, Constantina. Educação para a sexualidade: carregar água na peneira? *In* RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Méri Rosane Santos da; GOELLNER, Silvana Vilodre. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: composições e desafios para a formação docente. Rio Grande: FURG, 2009b. p. 85-103.

4.3 Artigo 3 - Educação menor como caminho possível para a articulação da educação para a sexualidade na escola: possibilitando heterotopias.

Resumo

Este artigo tem como proposta, discutir a produção de Recursos Educativos Digitais (RED) e de Artefatos Culturais (AC), propostos no âmbito do Videocurso Educação para a Sexualidade, enquanto estratégias de educação menor, possibilitando que os/as cursistas criem espaços permeados por heterotopias para promoção do debate da educação para a sexualidade no âmbito educacional. Assim, durante as discussões, serão acionados os conceitos de heterotopia, delineado por Michel Foucault, e o de educação menor, discutido por Silvio Gallo para analisar os trabalhos dos/as cursistas. A partir das análises, assumimos serem os AC e os RED produzidos no *contraespaço* de formação do Videocurso possibilidades de aberturas no currículo instituído das escolas, práticas de educação menor. Tais práticas permitem a discussão de uma educação para a sexualidade, a qual compreende os corpos, os gêneros e as sexualidades enquanto constructos históricos e culturais, possibilitando a desterritorialização de propostas curriculares que tenham, como viés, a normalização dos sujeitos em uma visão heteronormativa e binária, fazendo, assim, das referidas práticas potencial político para o enfrentamento de todas as formas de violência e de discriminação.

Palavras-chave: Heterotopias. Educação menor. Educação para a sexualidade. Recursos Educativos Digitais. Artefatos Culturais.

Abstract

This article aims to discuss the production of Digital Educational Resources (DER) and Cultural Artifacts (CA), proposed in the scope of the Videocurso Educação para a Sexualidade, as minor education strategies, enabling students to create spaces permeated by heterotopias to promote the debate on sexuality education in the educational field. Thus, during the discussions, the concepts of heterotopia, outlined by Michel Foucault, and the concept of minor education, discussed by Silvio Gallo will be triggered to analyze the works of the students. From the analysis, we assume that the CA and DER produced in the counter-space of Videocourse possibilities of openings in the established curriculum of schools, practices of minor education. Such practices allow the discussion of an education for sexuality, which comprises the bodies, genders and sexualities as historical and cultural constructs, allowing the deterritorialization of curricular proposals that have, as bias, the normalization of subjects in a heteronormative view. Thus making these practices political potential for confronting all forms of violence and discrimination.

Keywords: Heterotopias. Minor education. Sexuality education. Digital Educational Resources. Cultural Artifacts.

Contornos e caminhos do currículo permeado pela educação para a sexualidade.

Os embates, no âmbito da Educação, têm constantemente movimentado o panorama curricular brasileiro. Os avanços obtidos desde 1996, com os Parâmetros

Curriculares Nacionais e a proposta dos Temas Transversais, que traziam, para o campo educacional, a discussão da Orientação Sexual e, posteriormente, com o Plano Nacional de Educação (2004-2014), o qual tinha, dentre suas metas, a preocupação com as discussões de gênero e de sexualidade, entre outras políticas públicas educacionais, sofreram alguns retrocessos nos últimos cinco anos.

O novo Plano Nacional de Educação (2014 – 2024) passou por uma série de interdições. Em função disso, termos como gênero, sexualidade e orientação sexual foram retirados desse documento. Tal processo se prolongou por estados e municípios, gerando novas alterações nos Planos Estaduais e Municipais de Educação. Posteriormente, essas temáticas voltaram a sofrer interdições junto à estruturação e à aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

São movimentos como esses que, mais uma vez, reafirmam o contexto de disputa política e de embates teóricos que permeiam o espaço dos currículos brasileiros e que, neste trabalho, mobilizam-nos a pensar quais têm sido os possíveis desdobramentos nos espaços escolares no que se refere às discussões que perpassam a educação para a sexualidade. Segundo Paraíso e Caldeira:

Currículo é território político, ético e estético incontrolável que, se é usado para regular e ordenar, pode também ser território de escapes de todos os tipos, no qual se definem e constroem percursos inusitados, caminhos mais leves, trajetos grávidos de esperança a serem percorridos. (PARAÍSO; CALDEIRA, 2018, p. 14).

Nesse sentido, frente às diversas demandas que complexificam o currículo escolar, é que entendemos que a formação de profissionais da educação, no âmbito das temáticas da educação para a sexualidade, configura-se como caminho possível para adentrar nos currículos escolares, possibilitando práticas outras, as quais sejam pautadas na produção de uma educação que acolha as diferenças de corpos, de gêneros e de sexualidades.

[...] em um currículo sempre há espaço para encontros que escapam à regulação. Trabalho com a compreensão de que um currículo é um espaço de ensino e de aprendizagem incontrolável. Talvez por isso mesmo ele seja objeto de tantas cobiças, de tantos poderes. Aqui quero argumentar que há sempre possibilidade de que um currículo se abra para a novidade e que é a abertura de corpos e pensamentos que pode criar heterotopias. (PARAÍSO, 2018b, p. 08).

Acreditando na importância de se criar espaços, nos currículos escolares brasileiros, para a discussão da educação para a sexualidade, um Grupo de Pesquisa, preocupado em fomentar discussões e estudos nesse campo, produziu o curso de formação continuada. Esse foi intitulado “Videocurso Educação para a Sexualidade” e visa ao debate e ao aprofundamento de questões teóricas relacionadas aos assuntos corpos, gêneros e sexualidades, bem como, objetiva a promoção de possibilidades e de ações didático-pedagógicas para o enfrentamento das múltiplas violências e preconceitos.

Desse modo, ao longo das ofertas que foram realizadas nos últimos quatro anos, vimos o espaço do Videocurso proporcionar aos/às cursistas e à equipe docente, elementos do que Foucault nomeou como sendo as heterotopias (2009; 2013), em oposição às utopias. Esses espaços, diferentemente das utopias, as quais são espaços ilusórios, são reais, criados dentro dos espaços que já conhecemos e nos quais circulamos, mas que têm, como característica singular, serem lugares de contestação, ou mesmo de denúncia da realidade em que vivemos. Foucault (2009; 2013), com sua proposta sobre o conceito de heterotopia, delineou alguns elementos, de modo a possibilitar, não uma ciência, mas um estudo sistemático desses espaços, uma forma de “ler” esses lugares e de descrevê-los. Seria esse estudo, para ele, a heterotopologia.

Para exemplificar esses outros espaços e os elementos que os compõem, Foucault (2009; 2013) apresentou muitos exemplos. Para o autor, é fundamental que se compreenda como esses outros espaços, as heterotopias, posicionam-nos diferentemente dos posicionamentos que assumimos do que ele indica como sendo os demais espaços instituídos.

Vejamos o que quero dizer. Não se vive em um espaço neutro e branco; não se vive, não se morre, não se ama no retângulo de uma folha de papel. Vive-se, morre-se, ama-se em um espaço quadriculado, recortado, matizado, com zonas claras e sombras, diferenças de níveis, degraus de escada, vãos, relevos, regiões duras e outras quebradiças, penetráveis, porosas. Há regiões de passagem, ruas, trens, metrô; há regiões abertas de parada transitória, cafés, cinemas, praias, hotéis, e há regiões fechadas de repouso e moradia. Ora, entre todos esses lugares que se distinguem uns dos outros, há os que são *absolutamente* diferentes: lugares que se opõem a todos os outros, destinados, de certo modo, a apagá-los, neutralizá-los ou purificá-los. São como que *contraespaços*. (FOUCAULT, 2013, p. 19)

Assim, é possível acreditar que heterotopias signifiquem pensar em “lugares reais e efetivos, politicamente ressignificados, transformando os espaços instituídos em espaços outros, ressignificando-os em seu uso cotidiano enquanto lugar de origem.” (PÉREZ, 2007, p. 130). E justamente, no *contraespaço* do Videocurso, é possível se reconhecer a ressignificação política das discussões dos temas da educação para a sexualidade, visando à possibilidade de produção de práticas educativas nos currículos escolares, as quais busquem fugir da visão binária da constituição dos gêneros e das sexualidades, entendendo a transitoriedade das identidades dos sujeitos. Isso, por sua vez, pode promover a desconstrução de normas e de padrões baseados na heteronormatividade.

Portanto, o espaço de formação proposto e vivenciado pelos/as cursistas, no âmbito do Videocurso Educação para a Sexualidade, possibilita não apenas o estudo e a aproximação com os assuntos da educação para a sexualidade, como também pode, a partir dos elementos das heterotopias¹⁰, fazer multiplicar experiências e vivências da educação para a sexualidade no âmbito da escola, criando aberturas no currículo escolar que tem se delineado nos últimos anos, no Brasil, a partir do crescente cerceamento das discussões de gênero e de sexualidade nas políticas de fomento à Educação.

Ao assumirmos o caráter de disputa política que permeia o campo educacional, tanto em torno das políticas públicas quanto em relação ao âmbito curricular, compreendemos que criar espaços possíveis, ao debate e à discussão da educação para a sexualidade, pode representar fazer resistência. Trata-se de uma educação preocupada em problematizar a construção dos corpos, dos gêneros e das sexualidades sob o viés histórico, social e cultural, um ensino que acione questões como os desejos e os prazeres, problematizando o binarismo de gênero e a produção da heterossexualidade compulsória. Isso implica fazer resistência aos currículos que tentam normatizar os sujeitos.

O Videocurso Educação para a Sexualidade surgiu, inicialmente, em 2015, como uma proposta de formação para profissionais da educação. Foi pensando totalmente na modalidade *online*, tendo em vista a falta de tempo e não liberação desses/as profissionais de seus espaços de trabalho, atrelado ao corte de verbas e a outros incentivos destinados a ofertas de cursos presenciais e semipresenciais.

¹⁰ Para Foucault (2009; 2013), existem alguns elementos que podemos observar a respeito das heterotopias: esses espaços estão presentes em todas as sociedades, podendo sumir ao longo do tempo ou mesmo serem transformados, tais espaços têm a capacidade de justapor muitos espaços num mesmo lugar, estão ligados a recortes ou a acúmulos de tempo e possuem um sistema de abertura e fechamento.

O “Videocurso 1 – Educação para a Sexualidade: dos currículos escolares aos espaços educativos”, está organizado em onze videoaulas, quatro fóruns de discussão e uma webconferência. As videoaulas abordam temas como: educação para a sexualidade, diversidade, diferença e identidade, identidades sexuais e de gênero, violência de gênero, corpos, *sexting* e AIDS, bem como artefatos culturais, PPP e currículo.

Em 2017, foi oferecida a segunda etapa do curso, intitulada “Videocurso 2 – Educação para a Sexualidade: Temas contemporâneos em discussão”. Nessa etapa, foram ofertadas 10 videoaulas com temáticas, como abuso sexual, religião e sexualidade, infâncias e juventudes, feminismos, masculinidades, gênero e ciência, saúde, práticas corporais, famílias. Além das videoaulas, durante esse ano, foram organizados quatro fóruns de discussão e uma webconferência.

Em cada uma das ofertas do curso (Videocurso 1 e 2), foi solicitado ao/à cursista que desenvolvesse um trabalho final no qual articulasse as discussões e as temáticas abordadas ao longo da formação. No Videocurso 1, solicitou-se a produção de um Recurso Educativo Digital (RED), ou seja, a elaboração de um recurso didático-pedagógico totalmente digital, que abordasse alguma questão relativa aos corpos, aos gêneros e à sexualidade, o qual pudesse ser empregado como meio de formação ou de divulgação dessas questões no âmbito educacional.

Por meio dessa atividade, os/as cursistas foram estimulados/as a produzirem jogos, histórias em quadrinho, vídeos, apresentações de slides, entre outros recursos, que fossem produzidos digitalmente, utilizando programas, sites e aplicativos de celular ou de computador. O intuito de tal produção é que pudesse ser acionada para mobilizar formações e debates sobre as temáticas citadas, tanto entre os profissionais da educação, como também entre crianças, adolescentes e adultos.

Já no Videocurso 2, foi solicitada a produção de um Artefato Cultural (AC), contudo, dessa vez, não existindo a necessidade de ser um material somente por meio digital, mas que, necessariamente, contivesse, em seu objetivo, uma proposta lúdica, constituindo-se como um recurso didático-pedagógico mobilizador das discussões das temáticas abordadas no Videocurso. Isso foi solicitado com o intuito de que os/as cursistas desenvolvessem materiais que pudessem ser acionados em seus espaços de atuação profissional, bem como em projetos e em atividades junto a crianças e adolescentes sobre os assuntos que permeiam as discussões da educação para a sexualidade.

Assumimos, dessa forma, como objetivo nesse artigo, discutir a produção dos Recursos Educativos Digitais (RED) e dos Artefatos Culturais (AC), propostos no âmbito do Videocurso Educação para a Sexualidade, enquanto estratégias de educação menor, possibilitando que os/as cursistas criassem espaços permeados por heterotopias, para a promoção e o debate da educação para a sexualidade, nos diferentes espaços educativos.

A partir da compreensão de ser o espaço do Videocurso um espaço permeado por elementos das heterotopias, que tem o intuito de fazer multiplicar as discussões da educação para a sexualidade no campo da educação, a partir da formação de profissionais da educação, é possível entender que os RED e os AC produzidos, pelos/as cursistas, a partir da solicitação presente no trabalho final do Videocurso 1 e 2, configuram-se como ramificações das discussões presentes no Videocurso, aquilo que Silvio Gallo conceitua como sendo práticas de educação menor.

Na concepção desse autor, “Gosto de chamar de educação menor esse jogo de ‘suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapam ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos’, citando novamente a entrevista de Deleuze.” (GALLO, 2015, p. 84). A proposta do autor é feita a partir do deslocamento de um conceito cunhado por Deleuze e Guattari para o campo da educação.

É, desse modo, a partir da experiência vivenciada ao longo das ofertas do Videocurso que foi possível se perceber, nesse espaço de formação, a criação de possibilidades para o debate da educação para a sexualidade. Se são as heterotopias, “multiplicidades, na medida em que justapõem, num único lugar, vários espaços distintos, podemos pensar na possibilidade de criação de heterotopias no tópico, isto é, a criação de espaços outros de relações instituintes e criativas, no espaço instituído (tópico)” (GALLO, 2013b, p. 10). Tudo isso nos instiga a pensar que, a partir de seus elementos, em meio à justaposição de telas, trocas e de aprendizagens, nos espaços do Videocurso, multiplicamos as possibilidades heterotópicas também. Isso se dá na vivência de outros espaços-tempo nos currículos instituídos das escolas, as quais são habitadas pelos/as cursistas que dialogam no Videocurso.

Se os topos da escola moderna é aquele do poder assimétrico, da normalização dos corpos pela disciplina e da planificação social pela biopolítica, ousar a justaposição de espaços outros, de um poder simétrico exercido como jogo, de relações experimentais e libertárias,

em que ensinar e aprender sejam aventuras do pensamento. (GALLO, 2013b, p. 10).

São, então, essas experiências, apresentadas pelos/as cursistas, por meio de sua participação no Videocurso, que nos mobilizam a pensar que, da mesma forma como vemos, no espaço do Videocurso, os elementos das heterotopias, podemos ver esse mesmo jogo de relações de poder ser acionado a partir de práticas pedagógicas, como as pensadas pelos/as cursistas nos materiais produzidos dentro das propostas do RED e do AC nos Videocursos 1 e 2. Tais atividades, por sua vez, podem ser entendidas como práticas de educação menor.

Aproximações entre heterotopia e educação menor

Destaco que para uma escola mais plural, o currículo tem que possibilitar borrar as fronteiras das certezas e da estabilidade. A escola tem que enxergar o que realmente se apresenta nela, enxergar as diferentes formações familiares, dar voz a tod@s. (FÓRUM VIDEOCURSO 1, 2016).

A postagem anterior, retirada de um fórum de discussão, possibilita-nos pensar sobre o potencial que perpassa o currículo. É a partir dele que muitos/as dos/as cursistas indicam como espaço para borrar as fronteiras dos conhecimentos pautados no disciplinamento e normalização dos sujeitos, para se possibilitar outras práticas, outras propostas. Nesse sentido, compreendemos que essas possibilidades precisam ser cavadas dentro do próprio currículo já instituído das escolas. Isso deve ser feito a fim de que haja potência de criação e seja resistência, seja um espaço de heterotopia dentro dos espaços instituídos.

Na lógica da heterotopia, trata-se de não criar modelos novos, mas simplesmente formas outras de fazer e viver, no contexto mesmo daquele modelo instituído. Transformar o modelo micropoliticamente (microfísicamente, diria Foucault). Não uma crise de paradigmas e uma revolução paradigmática, mas transformações sintagmáticas, que processam novas conjunções e transformam o instituído de dentro, lentamente, sem criar um novo modelo, sem tê-lo predefinido. Experiência e invenção passam a ser as palavras-chave. (GALLO, 2015, p. 86).

Logo, da mesma forma como é possível se notar, no *contraespaço* do Videocurso, a constituição deste na formação das temáticas da educação para a

sexualidade, que se propõe a abrir espaço à discussão de temas como as múltiplas configurações familiares, a constituição das masculinidades e feminilidades para além da binaridade. Trata-se de outras práticas de vivência das sexualidades, as diferentes práticas de constituição dos corpos, entre outros temas, na perspectiva da heterotopia, de modo a abrir espaço para a experimentação e invenção.

Todo esse processo de cavar possibilidades outras no currículo instituído nos permite visualizar, dentro do espaço do Videocurso, com base nos muitos trabalhos produzidos pelos/as cursistas, brechas para a discussão da educação para a sexualidade. São propostas de atividades pensadas para fazer vazar a vida que perpassa o currículo, pois um “currículo é, por natureza, rizomático, porque é território de proliferação de sentidos que mudam a natureza. Apesar de todos os poderes que fazem o controle em um currículo, tudo vaza e escapa.” (PARAÍSO, 2018a, p. 41). É cavar no espaço da escola diálogos e práticas que fujam à norma, que abram espaço para a proliferação da diferença.

Ao longo de cada uma das ofertas do Videocurso, é possível se entrar em contato com muitas experiências e vivências narradas pelos/as cursistas, as quais, no espaço de discussão desse artigo e da pesquisa do qual ele faz parte, instigam-nos a analisar a produção dos trabalhos finais dos/as cursistas, de modo a reconhecer, neles, vestígios da proliferação dos elementos das heterotopias em práticas de educação menor nos currículos.

O conceito de educação menor foi desenvolvido por Silvio Gallo, a partir das teorizações de Gilles Deleuze e Felix Guattari a respeito do conceito de literatura menor, para nomear a essas práticas que podem permear o espaço da escola, permitindo a criação de outros espaços e de outras vivências no próprio espaço instituído da escola. De acordo com Deleuze e Guattari, ao misturar elementos do tcheco e iídiche à língua alemã, Kafka tenciona sua literatura, cria rupturas, transforma a língua alemã numa língua de experimentações (GALLO, 2013a; 2013b). Para os filósofos, uma literatura menor poderia ser analisada a partir de três características: a desterritorialização da língua, a ramificação política e o valor coletivo.

Assim, a partir dessas três características propostas por Deleuze e Guattari (1975), em suas análises, Gallo propõe um deslocamento para o campo da educação, de maneira a se pensar, com base nesses três princípios, as práticas educativas que permeiam os espaços de heterotopia como uma educação menor.

Conforme o autor, a educação menor é a criação de novos caminhos, novas possibilidades dentro do próprio espaço da educação maior¹¹, entendida como a educação instituída do currículo e das leis. Assim, é possível entender que:

Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância. (GALLO, 2013a, p. 64).

Dessa maneira, por intermédio dos elementos de heterotopia que permeiam o *contraespaço* do Videocurso, tem-se possibilitado, para os/as cursistas, criarem espaços de resistência singulares, através do desenvolvimento de projetos e de ações pautados nos aprendizados e nas trocas realizados durante o curso. Uma de nossas propostas é localizar, nos RED e AC, vestígios da “Proliferação de experiências outras, invenção de heterotopias.” (GALLO, 2015, p. 86), que, aqui, pretendemos explorar por meio da articulação entre o conceito de heterotopia e as três características da educação menor: a desterritorialização, a ramificação política e o valor coletivo.

Criando possibilidades no currículo das escolas.

É sabido o crescente cerceamento das discussões da educação para a sexualidade nos currículos escolares. Dessa forma, compreendemos que “[...] hoje, mais importante do que anunciar o futuro, parece ser produzir cotidianamente o presente, para possibilitar o futuro.” (GALLO, 2013a, p. 59). Assim, percebemos, no espaço do Videocurso, movimentos e articulações que têm permitido as temáticas da educação para a sexualidade permearem o âmbito educacional, produzindo, nos cotidianos dos/as cursistas, possibilidades e propostas de discussão de tais temas em seus espaços educacionais.

O que se busca é, portanto, entender os RED e os AC produzidos pelos/as cursistas, como trabalhos finais do Videocurso 1 e 2, enquanto práticas de educação

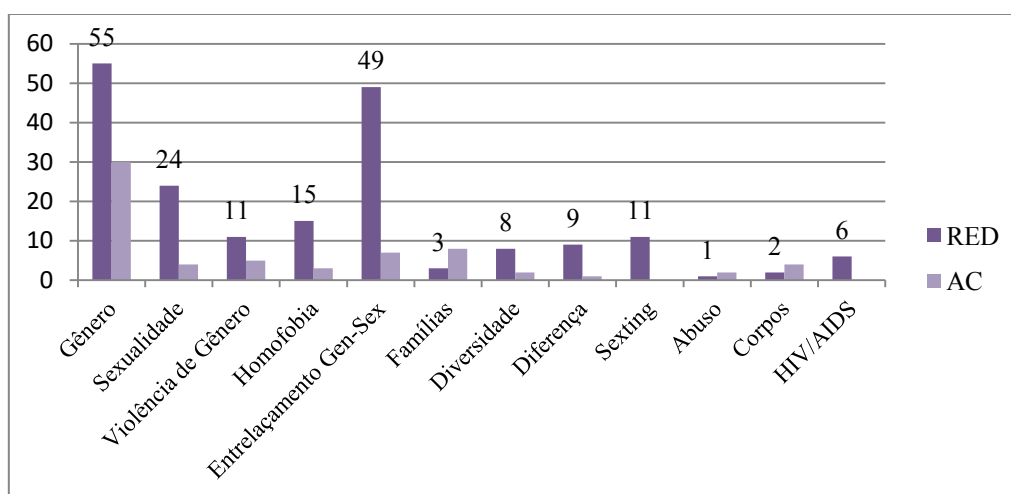
¹¹ Segundo Gallo (2013, p. 64), a educação maior é “aquela dos planos decenais e das políticas públicas de educação, dos parâmetros e das diretrizes, aquela da constituição e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder. A educação maior é aquela instituída e que quer instituir-se, fazer-se presente, fazer-se acontecer.”.

menor, formas de criar espaços para a discussão da educação para a sexualidade na escola, ou seja, nesse espaço de heterotopia, como defende Foucault. Para que se possa realizar tal empreendimento, foi organizado o processo de análise desses materiais em dois momentos. Inicialmente, foi realizada uma apreciação geral de todos os trabalhos, de modo a identificar suas temáticas e a estabelecer uma relação entre eles. Isso foi realizado com o propósito de que, dessa forma, fosse possível estabelecer algumas articulações a partir dos três princípios indicados por Gallo para a educação menor: o valor coletivo, a ramificação política e a desterritorialização.

A partir do levantamento dos trabalhos submetidos para o Videocurso 1, foram identificados 194 RED¹², isto é, trabalhos para serem analisados e organizados por temáticas. Do levantamento dos trabalhos submetidos para o Videocurso 2, foram identificados 66 AC para serem analisados e organizados com base nas temáticas que os compunham.

Como é possível observar, na figura 29, indicada abaixo, dos 194 RED e 66 AC classificados, a temática mais encontrada, entre eles, foi gênero, tendo, em seu escopo, trabalhos com diferentes recortes temáticos, como a construção das identidades de gênero, a produção das masculinidades e de feminilidades, a divisão e a organização social dos brinquedos e das brincadeiras a partir do gênero, entre outros recortes. Outra temática que se destacou foi a do entrelaçamento entre gênero e sexualidade, organizada dessa forma por apresentar, nas propostas dos trabalhos, a intenção de discutir os assuntos corpos, gêneros e sexualidade de forma articulada.

Figura 29: Gráfico das temáticas identificadas nos trabalhos finais.



¹² Foram identificados 15 trabalhos que não foram localizados nos links de acesso; assim, dos 209 trabalhos, apenas 194 puderam ser analisados.

Fonte: Produção das autoras, 2019.

Ainda se faz interessante observar que, independente das temáticas trazidas em cada uma das etapas do Videocurso, os temas escolhidos pelos/as cursistas permaneceram semelhantes em ambas propostas de trabalhos. Pode-se destacar, apenas, a ausência de trabalhos das temáticas *sexting* e HIV/AIDS, temas de duas videoaulas da primeira etapa do Videocurso.

Outra questão a ser observada, a partir dos trabalhos de RED, submetidos nas ofertas do Videocurso 1, para os trabalhos de AC, submetidos nas ofertas do Videocurso 2, é o deslocamento do foco apresentado pela proposta do Videocurso. Os RED, em sua grande maioria, trataram das temáticas a partir de um viés muito mais preocupado em trazer conceitos para (in)formar crianças, adolescentes, adultos e, em alguns casos, especificamente, para a formação de professores/as. Diferente dos AC, em que, por se tratar de uma proposta mais lúdica, foram apresentados textos literários e muitas peças literárias. Isso pode ser visualizado nos exemplos de RED e AC indicados na figura 30.

Figura 30: Exemplo de RED e AC.



Fonte: Produção das autoras, 2019.

O RED apresentado na figura 30 se trata de um aplicativo elaborado por duas cursistas, o qual teve, como propósito, ser um recurso de apoio à prática docente em sala de aula. Ele traz, em sua interface, alguns ícones que apresentam conceitos, curiosidades e propostas de atividades a serem realizadas em sala de aula. O AC apresentado, na figura 30, trata-se de uma história em quadrinhos para problematizar a questão da discussão dos temas de gênero e sexualidade no espaço da escola. Conforme é possível

ver, no quadrinho final, a ideia da história é mostrar que falar desses temas é aprender a “respeitar as diferenças, para construir uma sociedade mais justa.” (VIDEOCURSO, 2018).

Esse levantamento inicial nos instigou a olhar mais de perto esses materiais para conhecermos melhor suas propostas e discussões teóricas, entendendo-os como práticas de educação menor, pois apresentam, em suas propostas, discussões e articulações teóricas que nos permitem identificar seu valor coletivo, suas ramificações políticas e a possibilidade de desterritorialização de práticas educativas pautadas na normatização dos gêneros e das sexualidades.

Entendendo a extensão de possibilidades que representam esses materiais, propomo-nos a articular as discussões presentes nos trabalhos finais a partir das temáticas desses, destacando alguns elementos que se articulam às práticas da educação menor.

No pensamento de Silvio Gallo (2013a, p. 68):

Na educação menor todo ato adquire um valor coletivo. O educador militante, ao escolher sua atuação na escola, estará escolhendo para si e para todos aqueles com os quais irá trabalhar. Na educação menor, não há possibilidade de atos solitários, isolados; toda ação implicará muitos indivíduos. Toda singularização será, ao mesmo tempo, singularização coletiva.

É nessa perspectiva que, ao observarmos as escolhas de temáticas dos/as cursistas na produção dos RED e dos AC, foi possível se detectar o valor coletivo que permeia as práticas de educação menor. Pôde ser notado, nos temas, a multiplicação das discussões que permearam as videoaulas e as discussões dos Videocurso 1 e 2. Nesses materiais, é nítida a proliferação da educação para a sexualidade em cada um dos trabalhos desenvolvidos durante a realização do curso.

Se toda a singularização é também uma singularização coletiva, podemos observar, na construção dos trabalhos, os processos de singularização que transcorrem em meio ao *contraespaço* do Videocurso. Assim, detectaram-se, a partir dos exemplos de RED e AC apresentados na figura 31, duas propostas de trabalhos que articulam e que fazem multiplicar o valor coletivo dos trabalhos produzidos no espaço do Videocurso.

Figura 31: Print dos vídeos de apresentação de um RED e um AC.



Fonte: Produção das autoras, 2019.

No exemplo de RED apresentado na figura 31, temos um vídeo de apresentação de uma Feira de Ciências sobre sexualidade, organizada no espaço de uma instituição de atendimento a pessoas surdas. A cursista apresenta, a partir das discussões do Videocurso 1, como foi possibilitada a realização de um trabalho junto aos/às estudantes surdos/as, tratando das questões da educação para a sexualidade. No exemplo de AC selecionado, é apresentado um recorte de um vídeo de cursista, em que o mesmo apresenta o trabalho realizado em sua escola, a partir de um ícone inspirador escolhido pela escola, Zootopia: essa cidade é o bicho¹³. Segundo a narrativa do cursista, a partir do ícone, a comunidade escolar tem procurado explorar questões como o respeito às diferenças, a igualdade de gênero e o combate às múltiplas violências em ações cotidianas da sala de aula dos/as professores/as, bem como em momentos de encontros coletivos da escola.

Compreendemos, com base nos exemplos apresentados, que a “educação menor é uma aposta nas multiplicidades, que rizomaticamente se conectam e interconectam, gerando novas multiplicidades. Assim, todo ato singular se coletiviza e todo ato coletivo se singulariza.” (GALLO, 2013a, p. 69). É a partir dessas multiplicidades rizomáticas que se interconectam, como explicito nas propostas acima apresentadas, que pode ser percebido o valor coletivo que todo ato de educação menor assume.

Tratar dos temas da educação para a sexualidade, no âmbito escola, propondo-se articular essas questões junto a sujeitos surdos, que ainda carecem de materiais com tradução em libras adequada sobre esses assuntos, é fazer um ato singular assumir valor

¹³ Animação dos estúdios Disney, lançado em 2016, que conta a história de uma coelhinha do interior que queria ser policial na cidade grande, na qual as diferenças das espécies não fossem determinantes para sua vida.

coletivo, fazendo multiplicar as discussões realizadas no espaço de formação do Videocurso a partir de práticas de educação menor no âmbito educacional.

Tais ações, como as exemplificadas na figura 31, “Acabam por ser um motor político e uma alegria subjetiva na escola, [...] incentivando as/os professoras/es a explorarem sem medo gênero e sexualidade em suas salas de aula de diferentes modos.” (PARAÍSO, 2018a, p. 26). Essa potência é esse motor que nos impulsiona a seguir, criando espaços possíveis no currículo a partir dos desdobramentos que acontecem no *contraespaço* do Videocurso. As temáticas assumidas, nos RED e AC, apresentam, em suas discussões, não apenas o valor coletivo que podem assumir, quando multiplicadas suas discussões, mas também assumem, em si, valor político, ao proporem a ramificação de temas defendidos, atualmente, como não escolares.

De acordo com Gallo (2013a), ao considerarmos que toda a educação é em si um ato político, ao pensarmos em uma educação menor, compreendemos que seu valor político é ainda maior, por ser, em si, um movimento de resistência e de revolta. Logo, faz-se fundamental ver a relevância das discussões das questões de gênero que permeiam os RED e AC apresentados pelos/as cursistas. Como observado na figura 1, indicada anteriormente, os trabalhos gênero somam a grande maioria dos trabalhos, ainda permeando também os trabalhos das demais temáticas, como: educação para a sexualidade, violência de gênero, homofobia, *sexting*, famílias.

Para Meyer (2013, p. 21):

[...] quando nos dispomos a discutir a produção de diferenças e de desigualdades de gênero, considerando-se todos estes desdobramentos do conceito, também estamos, ou deveríamos estar, de algum modo, fazendo uma análise de processos sociais mais amplos que marcam e discriminam sujeitos como diferentes, em função tanto de seu gênero quanto em função de articulações de gênero com raça, sexualidade, classe social, religião, aparência física, nacionalidade, etc.

Desse modo, propor-se a elaborar materiais, práticas pedagógicas que tenham, como foco, a discussão de gênero, significa não apenas abordar a construção conceitual do campo ou as produções das feminilidades e das masculinidades, mas implica, principalmente, analisar os processos sociais que permeiam as relações entre os sujeitos e que os hierarquizam, assumindo maior valor para uns em detrimento de outros. Ao assumir o caráter político da educação menor, assumimos, igualmente, o empreendimento de “discutir as questões de gêneros dando espaço e visibilidade para

compreender a produção relacional das masculinidades e as feminilidades.” (VARELA; RIBEIRO; MAGALHÃES, 2017, p. 29).

Tais ações podem ser observadas em muitos dos RED e AC. A seguir, serão apresentados dois exemplos presentes nas figuras 4 e 5. Em ambos os exemplos, é feita a proposta de discussão das questões de gênero a partir de diferentes recortes temáticos. No exemplo presente na figura 32, a cursista elaborou um vídeo contando a história escrita junto de seus/suas alunos/as sobre como se constroem dois mundos distintos a partir das diferenças dos corpos.

Figura 32: Print de parte da história.



Fonte: Produção das autoras, 2019.

A partir das problematizações realizadas em sala, professora e crianças criaram uma narrativa em que não apenas são questionadas as normas de gênero, **na qual se vai** além ao se propor um mundo igual. Isso é comprovado, ao final da história, em que fica claro que, em um mundo em que todos e todas são iguais, tal construção perde o sentido.

No exemplo presente na figura 33, tem-se a produção de um poema para o AC. Nele, a autora, propõe-se a problematizar, por meio das rimas, o debate das relações de gênero entre homens e mulheres de forma hierarquizada, focando a luta das mulheres por direito. A cursista apresenta, em seu poema, não apenas a problemática de luta do movimento feminista, como também a questão da interseccionalidade entre a questão da raça e classe social.

Figura 33: Poema apresentado por cursista.

NUNCA SE ESQUEÇA!

Dos anos que se terminam e recomeçam,
dos ciclos que se fecham e logo abrem.
Existem lutas que são contínuas,
Existem batalhas que jamais cessam.

Eles seguem a perseguir
o que não podem parar.
A revolução é preta,
eles não vão nos calar.

O som das correntes ainda ecoa,
Para lembrar que a luta é constante.
Que o mar carrega nossa história
e que ela sempre vai recomeçar.

Nunca se esqueça,
nosso corpo é preto, nossa dor é preta.
Dos navios negreiros aos sonhos dourados.
Nenhum direito a menos.

Marielle, presente!

Fonte: Videocurso 2, 2018.

Assumir, como tema de discussão, as questões de gênero e seus múltiplos atravessamentos, conforme vemos permear as temáticas presentes nos RED e AC, é desnaturalizar o caráter assumido sobre o ser homem e o ser mulher, entendendo como historicamente, tal determinação tem produzido as relações entre ambos de forma subalternizada. Para Meyer (2003, p. 10), o “gênero continua sendo uma ferramenta conceitual, política e pedagógica central quando se pretende elaborar e implementar projetos que coloquem em xeque tanto algumas das formas de organização social vigentes quanto as hierarquias e desigualdades delas decorrentes”.

Nesse viés, compreendemos que tratar dos temas da educação para a sexualidade, no espaço da escola, fazer com que eles se multipliquem, nos currículos, é resistir aos avanços de uma frente conservadora que tenta destituí-los de seu papel científico. Nos RED e nos AC produzidos pelos/as cursistas, é notável a ramificação política que permeia as práticas de educação menor. Assim,

Se toda educação é um ato político, no caso de uma educação menor isso é ainda mais evidente, por tratar-se de um empreendimento de revolta e de resistência. Uma educação menor evidencia a dupla face do agenciamento: agenciamento maquinico de desejo do educador militante e agenciamento coletivo de enunciação, na relação com os estudantes e com o contexto social. Esse duplo agenciamento produz possibilidades, potencializa os efeitos da militância. (GALLO, 2013b, p. 67).

Encontramos, nos RED e AC, esse agenciamento maquinico que produz o desejo e dá força para a continuidade das discussões da educação para a sexualidade seguirem permeando o espaço dos currículos escolares. São essas propostas que permeiam os

trabalho de força e de resistência, permitindo, a partir dos movimentos realizados no âmbito micropolítico, a desterritorialização dos currículos engessados, das normas e das leis da educação maior.

Ao possibilitar que as questões de gênero e de sexualidades permeiem os espaços do currículo escolar, a partir dos RED e AC, como se pode detectar, em vários dos exemplos trazidos, pode-se produzir “uma multiplicidade de pontos de resistência que representam, nas relações de poder, o papel de adversário, de alvo, de apoio, de saliência que permite a apreensão.” (FOUCAULT, 1997, p. 91). Dessa maneira, foram criados espaços de discussão para temas tão relevantes como a questão da luta do movimento feminista, da constituição dos gêneros a partir da lógica binária e normatizadora, da violência de gênero, dos múltiplos preconceitos que permeiam nossa sociedade, entre tantos outros temas, como os que perpassam os RED e AC. Isso permitiu a proliferação de focos de resistência, junto a crianças, adolescentes, homens e mulheres, os quais passaram a problematizar a constituição da sociedade sob o viés da heteronormatividade.

Na figura 34, é possível localizar, nos RED, esses pontos de resistência, movimentos realizados pelos/as cursistas trazendo músicas e materiais já conhecidos, ressignificando a discussão. Tais materiais foram empregados como formas de dar visibilidades para questões importantes, como, no caso, a violência contra a mulher, a partir da releitura da música Teresinha de Jesus.

Figura 34: Print vídeo releitura música Teresinha de Jesus.



Fonte: Produção das autoras, 2019.

Propor, nos RED, como é apresentado, na figura acima, práticas que assumam, como temática de discussão, a questão das violências de gênero, é possibilitar a problematização dos gêneros, procurando demonstrar o caráter construído no referente a posições de sujeito atribuídas a homens e a mulheres. Assim, são esses materiais, a partir das temáticas que abordam, para discussão, práticas de educação menor, que são

abertos espaços outros para a discussão dos temas da educação para a sexualidade nos currículos escolares, fazendo-se resistência frente ao crescente cerceamento de tais discussões no âmbito educacional, desterritorializando o currículo instituído, impedindo que a educação maior permaneça numa constante, “Trata-se de opor resistência, trata-se de produzir diferenças.” (2013b, p. 67).

Na figura 35, podemos visualizar, por meio do exemplo apresentado, a proposta de AC propondo a articulação das discussões presentes na videoaula Gênero e Ciência, para serem trabalhadas no currículo da escola. Na figura a seguir, são apresentados recortes de imagens de um vídeo produzido por um cursista que se preocupou em abordar a discussão das mulheres na ciência para apresentar para crianças e adolescentes conhecerem nomes que, muitas vezes, ficam esquecidos nas aulas de ciências, de história e de biologia.

Figura 35: Print de vídeo elaborado para discutir gênero e ciência.



Fonte: Produção das autoras, 2019.

A história, bem como a ciência e tantos outros campos de conhecimento, são marcados por um discurso e por autores/pesquisadores, em sua grande maioria, masculinos. A história, a ciência e as descobertas realizadas diariamente por mulheres pesquisadoras permanecem, dessa forma, quase sempre, fora dos currículos escolares. Materiais como este, apresentado no AC, permitem que crianças, jovens, homens e mulheres problematizem os conhecimentos e as aprendizagens feitos a partir de um único ponto de vista, ampliando, portanto, a compreensão sobre a forma como são assumidas determinadas verdades como únicas. Logo, é possível notar, a partir do AC indicado, na figura 36, como a “educação menor age exatamente nessas brechas para, a partir do deserto e da miséria da sala de aula, fazer emergir possibilidades que escapam a qualquer controle.” (GALLO, 2002, p. 175).

Percebemos, nas temáticas que permeiam as propostas nos trabalhos dos/as cursistas, o quanto a educação menor cria espaços e possibilidades nas brechas do

currículo instituído em sala de aula, fazendo emergirem práticas e ações que escapam. E é justamente dessas aberturas, criadas a partir desses outros espaços criados nos RED e AC, que localizamos lugares criados dentro dos espaços dos currículos da educação maior, os quais possibilitam práticas de educação menor.

Esses trabalhos se configuram como espaços de luta, espaços para reinvenção, que fazem multiplicar outras possibilidades, para além do proposto nos currículos. Levar, para a sala de aula da educação infantil, a problematização das brincadeiras e das práticas divididas por gêneros, assim como abrir espaço, nas aulas de ciências, para discutir as questões relacionadas a gênero e à produção científica para falar de preconceitos de gênero e sexualidade são formas de desterritorializar os currículos, abrindo possibilidades de aprendizados e de descobertas impensadas (GALLO, 2013a).

Dessa forma, compreendemos, a partir da caminhada apresentada, que:

Um currículo que experimenta é um espaço de habitação, de hospitalidade e de reserva nutritiva. O currículo que deseja fazer do “caos uma estrela dançarina” pode ser, ainda que provisoriamente, uma máquina política e experimental que transforma experiências e leva professor e alunos/as a caminhos novos. Produz metamorfose, produz sentidos, emite signos, pois o professor, ali, também aprende no encontro com as crianças e com os diferentes materiais que busca para trabalhar. (PARAÍSO, 2018a, p. 46).

E percebemos, por meio do espaço criado por esse currículo que experimenta as possibilidades que podem ser acionadas para pensar nos caminhos criados a partir do *contraespaço* do Videocurso, nos currículos escolares, a existência de práticas de educação menor. Essas produzem a desterritorialização de práticas de educação baseadas na heteronormatividade compulsória e no controle dos corpos, desejos e prazeres, acionando o coletivo a partir de suas ramificações políticas para se possibilitar a vivência de uma educação “mais próximo à dinâmica da sexualidade e ao cuidado de si.” (BRITZMAN, 2013, p. 108).

(Re)conhecer para multiplicar

As discussões apresentadas nesse artigo, a partir dos movimentos de análise dos RED e AC, não têm por objetivo se esgotar. Muitas foram as escolhas realizadas nesse percurso para procurar apresentar, mesmo que brevemente, a produção que tem se constituído a partir do *contraespaço* do Videocurso. São esses materiais, entendidos por

nós como práticas de educação menor, criações de possibilidades dentro do espaço instituído do currículo escolar da educação maior. Conforme Paraíso (2018b, p. 08), “em um currículo sempre há espaço para encontros que escapam à regulação.”. Assim, percebemos, em cada um dos exemplos apresentados, espaços outros que escapam aos avanços do movimento antigênero, o qual quer regular a escola. Foi possível encontrar, nessas práticas, vestígios das multiplicidades pensadas por Foucault e suas heterotopias.

Segundo Gallo, é preciso

Investir na educação como um devir-menor, não como novo modelo a ser instituído. Educação menor como experimentação, invenção de linhas de fuga na educação maior, instituída. Educação menor como prática de resistência, de acreditar no mundo e na escola, apostando na possibilidade de suscitar acontecimentos. (GALLO, 2015, p. 86).

Entendemos, dessa forma, assim como Gallo pontua, que devemos seguir investindo na criação de *contraespaços* para a discussão da educação para a sexualidade. Fazer dessa discussão mais um conteúdo na estrutura curricular de alguma disciplina pode acabar tirando a potência e a riqueza de possibilidades que permeiam suas temáticas. Defendemos que tais temas devem permear não apenas o currículo, mas as práticas diárias, as relações humanas e o fazer cotidiano da educação, enaltecendo as diferenças como expressão da multiplicidade de possibilidades que permeiam a constituição dos sujeitos, possibilitando acontecimentos, como bem deixa claro o filósofo.

Investimos na produção e na realização do Videocurso e vemos esse trabalho se multiplicar através dos RED e AC. As propostas organizadas pelos/as cursistas, as temáticas escolhidas, o cuidado com as músicas selecionadas, as imagens registradas demonstraram o caráter experimentador dessas produções e possibilitaram outras vivências, outras práticas no espaço instituído da educação maior, fazendo resistência a toda essa trama de relações de poder que permeia o campo educacional brasileiro.

Se as heterotopias “assumem sempre, formas extraordinariamente variadas” (FOUCAULT, 2013, p. 21), podemos localizar suas ramificações junto aos RED e AC que procuramos analisar nesse artigo. São as heterotopias que, em um momento, constituíram-se e, agora, deixam de existir ou se transformam. Heterotopias que justapõem, no espaço da escola, muitos outros espaços, das vivências de gêneros e sexualidades. Heterotopias que acumulam os tempos; heterotopias que recortam os tempos. Heterotopias que abrem, no espaço do currículo escolar, *contraespaços* para

falar de temas que, muitas vezes, são considerados marginais, destituídos de sua legitimidade científica.

São esses elementos heterotópicos, (re)conhecidos no *contraespaço* do Videocurso, que compreendemos nas discussões desse artigo, os quais têm feito multiplicar, nos diferentes espaços, possibilidades outras, práticas de educação menor que atuam como “micropolítica, na sala de aula, expressa nas ações cotidianas de cada um.” (GALLO, 2013a, p. 65) dos/as cursistas.

Nesse sentido, a partir da experiência vivenciada no Videocurso, os/as cursistas possibilitaram a entrada das discussões dos temas da educação para a sexualidade no currículo da escola, permitindo, a partir dos RED e dos AC, a vivência de práticas de educação menor que desterritorializam as normas de gênero e de sexualidade “gerando possibilidades de aprendizado insuspeitadas naquele contexto.” (GALLO, 2002, p. 175).

Segundo Foucault, as heterotopias “são a contestação de todos os outros espaços” (2013, p. 28). Portanto, criar heterotopias, na formação de profissionais da educação, tem possibilitado, no espaço da escola, as discussões dos assuntos da educação para a sexualidade, contestando as práticas curriculares que se propõem a disciplinar e controlar os corpos, os gêneros e as sexualidades, contestando os movimentos que tentam cercear seu espaço de discussão e criando caminhos para uma educação menor.

Assim, a partir das análises realizadas, foi possível detectar o valor coletivo das temáticas e propostas dos RED e AC produzidos pelos/as cursistas, que possibilitam a produção de multiplicidades que, rizomaticamente, conectam-se, transformando atos singulares em ações e movimentos coletivos que acionam ações individuais, permitindo a desterritorialização da educação maior.

O movimento de produção dos trabalhos finais questionando questões como a homossexualidade como único caminho possível para a vivência do desejo e do prazer ou a compreensão do gênero a partir do par homem/mulher, realizados pelos/as cursistas, é uma forma de não apenas possibilitar a discussão de tais questões junto às crianças e jovens, permitindo a desnaturalização de algumas práticas e concepções assumidas como “verdades”, mas um modo de permitir que os próprios processos educativos que permeiam o currículo escolar possam ser questionados e ressignificados.

Pensar em espaços de formação, para profissionais da educação, junto às temáticas da educação para a sexualidade, não são garantia para o desenvolvimento de tais discussões dentro do espaço do currículo escolar. Porém, a partir dos movimentos

realizados pelos/as cursistas, na construção e no desenvolvimento de materiais e práticas pedagógicas, como encontrado nos artefatos e nos recursos educativos digitais aqui (re)conhecidos, foi possível perceber o caráter social, cultural e político, criando possíveis, multiplicando o *contraespaço* do Videocurso no espaço da escola. Assumiu-se, dessa forma, a ramificação política que permeia toda prática de educação menor e desterritorializa o currículo da educação maior, reconhecendo o valor coletivo que perpassam esses trabalhos ao acionarem muitos sujeitos.

Referências

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Kafka**: Por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- FOUCAULT, Michel. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422. (Ditos e escritos; III).
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico; As heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.
- GALLO, Sílvio. Em Torno de uma Educação Menor. **Educação & Realidade**. v. 27, n. 2, 2002, p. 169-178. ISSN 2175-6236 (online). Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25926/15194>>. Acesso em: 15 de abril de 2017.
- GALLO, Sílvio. **Deleuze & Educação**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013a.
- GALLO, Sílvio. **Em torno de uma educação menor**: variáveis e variações. 36^a Reunião Nacional da ANPED – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013b, Goiânia-GO. 2013b. p. 1-12. Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_encomendados/gt13_trabencomendado_silviogallo.pdf>. Acesso em: 15 de abril de 2017.
- GALLO, Sílvio. Educação Menor: produção de heterotopias no espaço escolar. *In*: GRUPO TRANSVERSAL (org.). **Educação Menor**: conceitos e experimentações. Curitiba: Appris, 2015a. p. 75-88.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Escola e enfretoamento à homofobia: pelo reconhecimento da diversidade sexual como fator de melhoria da educação de tod@s. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira (orgs). **Corpos, gêneros e sexualidades**: questões possíveis para o currículo escolar. 3.ed. Rio grande: Ed. da FURG, 2013. p. 49-60.

MEYER, Dagmar. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 11-29.

PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. Currículos, Gêneros e sexualidades para fazer a diferença. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2018. p. 13-21.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo: invenção política *com* gênero e sexualidade em tempos do *slogan* “ideologia de gênero” In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2018a. p. 23-52.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Gênero, sexualidade e heterotopia: entre esgotamentos e possibilidades nos currículos. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa. *et al.* **Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa(ações) nos espaços de educação**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2018b. p. 07-27.

RIBEIRO, Cláudia Maria. Nas tendas da sexualidade e gênero: heterotopias no currículo. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Méri Rosane Santos da; GOELLNER, Silvana Vilodre. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios para a formação docente**. Rio Grande: FURG, 2009. p. 67-76.

VARELA, Cristina Monteggia Varela; RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes Magalhães. Questões de Gêneros na Escola: Potencialidades para Pensar uma Educação Menor. **Revista Intermeio**. Campo Grande, MS, v. 23, n. 46, p. 15-37. Disponível em:
<<http://www.seer.ufms.br/index.php/intm/article/viewFile/5309/4021>>. Acesso em: 20 de março de 2019.

VIDEOCURSO Educação para a sexualidade. Disponível em: www.videocursoeducacaosexualidade.furg.br. Acesso em: 07 de junho de 2017.

XAVIER FILHA, Constantina. Educação para a sexualidade: carregar água na peneira? In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Méri Rosane Santos da; GOELLNER, Silvana Vilodre. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios para a formação docente**. Rio Grande: FURG, 2009b. p. 85-103.

5 AS EXPERIÊNCIAS QUE ME ACONTECERAM PELOS CAMINHOS PERCORRIDOS...

A época atual seria talvez de preferência a época do espaço. Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, acredito, menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama. (FOUCAULT, 2009, p. 411).

A epígrafe que inicia este capítulo, a respeito da experiência de caminhada relatada nesta tese, é, fundamentalmente, umas das passagens mais marcantes de Foucault para essa pesquisa. Foi a partir das aproximações teóricas realizadas junto ao texto *Outros Espaços*, iniciado a partir das proposições dessa epígrafe, que emergiram as intenções iniciais de investigação desse estudo.

Tornou-se intrigante e estimulante pensar como uma passagem, escrita inicialmente em 1967, poderia ser mais atual ainda em 2015, quando do início da caminhada de produção do Videocurso Educação para a Sexualidade, pois sentia, nesse espaço, os elementos apontados por Foucault em suas palavras. Era possível notar, no espaço de formação do Videocurso organizado pelo GESE, a experiência da justaposição, do lado a lado, do próximo e do longínquo, da dispersão, do entrecruzamento de possibilidades, dos diálogos, das trocas e das aprendizagens.

O espaço do Videocurso, por se tratar de um ambiente virtual de aprendizagem, permitia que, por intermédio das conexões com pessoas de diferentes partes do Brasil, posteriormente, do mundo, como pudemos vivenciar, que se tornasse um espaço de justaposição, ligando pessoas distantes e tempos distintos. Foi esse movimento experimentado, junto ao espaço do Videocurso, que passou a compor a primeira intenção de pesquisa. Foi possível, por meio do estudo, entender o que seriam esses outros espaços pensados por Foucault, espaços que pareciam funcionar como portais, como aberturas, para outras dimensões, mas dentro do mundo que estamos vivendo. Mergulhar no conceito de heterotopia foi, assim, como que encher os pulmões de ar puro e limpo, configurou-se como a possibilidade de criar espaços novos, relações diferenciadas das que costumam permear o campo da educação das instituições educacionais nos mais diferentes níveis de formação.

Foucault apresenta o conceito de heterotopia a partir de exemplos, articula-os dentro de suas observações e de suas análises. Ainda, demonstra como são todos os espaços que vivemos, ou seja, lugares permeados por posicionamentos. São, desse modo, as diferentes posições que assumimos perante os espaços que os constituem e que implicam em nossas relações.

Foi a partir dos movimentos de análise realizados, a respeito do conceito de heterotopia, na obra de Foucault, e devido à crescente e à incessante vontade de pensar mais e de operar com essa ferramenta que se iniciou o diálogo com algumas parcerias teóricas fundamentais para os contornos da pesquisa. Era constante, em nós, integrantes do GESE, a necessidade de construir caminhos os quais levassem à discussão da educação para a sexualidade.

O contexto educacional apresentava, naquele momento, e ainda hoje, a redução crescente da liberação de seus/suas profissionais para realização de cursos presenciais. Vendo a redução de oportunidades, pensar num espaço de formação, com materiais de fácil acesso, gratuitos e ofertados totalmente na modalidade à distância, mostrou-se o caminho possível. Essa modalidade foi elaborada, pelo GESE, com o propósito de fazer as discussões da educação para a sexualidade se multiplicarem.

Empreendemos, portanto, o primeiro movimento de pesquisa proposto nessas páginas: discutir o espaço do Videocurso Educação para a Sexualidade enquanto um espaço permeado por elementos heterotópicos, os quais possibilitam a formação de profissionais da educação em educação para a sexualidade.

Assim, a partir da realização do primeiro movimento de análise, foi observada uma constante nos entrelaçamentos dos elementos das heterotopias ao espaço do Videocurso. Passou-se a compreender ser esse espaço uma forma de resistência, resistência aos currículos da educação, que, em geral, propõem-se a regular corpos, gêneros e sexualidades. Nesses currículos, há uma resistência à construção e uma normalização de práticas binárias e excludentes, que assumem a heterossexualidade como única forma de vivência dos prazeres e dos desejos. Enfim, tratam-se de resistência às novas tormentas que cresciam, desde o período de aprovação do Plano Nacional de Educação (PNE), sob o slogan “ideologia de gênero”, o qual tinha, como intenção, barrar as discussões dos temas da educação para a sexualidade no âmbito educacional.

Foi colocado, desse modo, como segundo movimento de análise do espaço do Videocurso, o objetivo de analisar o Videocurso Educação para a Sexualidade como um

contraespaço entrelaçado aos elementos das heterotopias de Foucault a fim de discutir as estratégias de resistência aos avanços da frente contra “ideologia de gênero”, bem como ao enfrentamento diante do contexto de retrocessos no campo de investimentos na Educação.

Assim, foram estabelecidos, nesse movimento, os pontos de resistência que eram acionados pelo espaço do Videocurso, a partir dos elementos de heterotopia que o permeavam, possibilitando formas de resistência e de luta aos avanços da frente conservadora, a qual tentava, a partir do âmbito das políticas educacionais, frear e criminalizar práticas de educação para a sexualidade nos currículos escolares.

Logo, ao se considerar o espaço do Videocurso como um outro espaço, pensado no campo da formação de profissionais da educação, para tratar dos temas da educação para a sexualidade, compreendemos ser esse um dos primeiros pontos de resistência possibilitados por esse espaço. Isso permitiu que os/as cursistas estabelecessem trocas, realizassem aprendizagens e, principalmente, pudessem contar o que percebiam e viviam em seus espaços de atuação profissional.

Outro ponto destacado, a partir desse movimento de análise, foi a compreensão da necessidade de articulação com os estudos dos campos de gênero e de sexualidade, de modo que os/as cursistas pudessem defender as temáticas da educação para a sexualidade no currículo escolar, bem como conseguissem esclarecer e desmistificar as informações falsas e equivocadas multiplicadas pelo movimento “ideologia de gênero”.

Por fim, assumiu-se, dentro das formas de resistência adotadas pelo Videocurso, a importância do recorte teórico que perpassa o campo da educação para a sexualidade e as discussões de suas temáticas. Entende-se ser essa perspectiva uma forma de resistência às práticas de educação que tentam regular e normalizar os corpos. Nesse sentido, a proposta teórica do Videocurso preocupa-se em trabalhar questões mais amplas, pautadas no cuidado de si e na vivência dos gêneros e das sexualidades enquanto posições de sujeitos, não entendendo a produção da identidade como fixa e encerrada, mas sim enquanto algo fragmentado e cambiante.

Portanto, criar-se heterotopias é possibilitar a criação de outros espaço-tempo, que permitem a justaposição, num mesmo lugar, de diferentes espaços, os quais, muitas vezes, são distantes e distintos, não se encontrariam. Todavia, ao acionar os elementos das heterotopias, para pensar no espaço de formação do Videocurso e nas possibilidades que o permeavam, identificamos nele uma força de luta e de resistência ao campo educacional que permeia as leis e as regulamentações da educação. Como poderiam os

elementos de heterotopia que percebíamos, no Videocurso, tornando esse espaço de resistência, fazer proliferar, nos currículos escolares, práticas de educação para a sexualidade?

A partir desse questionamento, constitui-se o terceiro movimento de análise que compõe essa pesquisa, propondo “discutir a produção de Recursos Educativos Digitais (RED) e Artefatos Culturais (AC), propostos no âmbito do Videocurso Educação para a Sexualidade, enquanto estratégias de educação menor, possibilitando que os/as cursistas criem contraespaços permeados por heterotopias para promoção do debate da educação para a sexualidade no âmbito educacional.”

Heterotopia e Videocurso entrelaçaram-se nos caminhos de análise dessa pesquisa. Ao se assumir serem as heterotopias nossas utopias realizadas, localizamos, nas vídeoaulas, nos fóruns, nas webconferências, a efetivação do trabalho que constitui a prática da educação para a sexualidade. Esses espaços são, em nossa concepção, a justaposição, em um mesmo lugar, de outros espaços, que não poderiam se conectar, senão, pelas “portas” das heterotopias. Logo, vislumbramos, no ambiente de formação, justaporem-se as casas dos/as cursistas, suas salas de aula, em escolas e universidades, suas experiências e suas aprendizagens.

Se pensar em heterotopias é pensar em multiplicidade. Olhamos para o espaço do Videocurso e pudemos perceber, a partir dos trabalhos finais produzidos pelos/as cursistas, os recursos educativos digitais e os artefatos culturais, que são possibilidades múltiplas de atravessamento aos currículos das escolas e aos demais espaços educativos junto às discussões da educação para a sexualidade. Esse espaço tem funcionado, por esse período de tempo em que são acionadas estratégias de poder contra as discussões de gênero e de sexualidade serem temas escolares, como um *contraespaço* de desvio, abrindo-se para aquele/as que buscam ampliar suas discussões a respeito de tais temáticas.

Localizamos, no espaço do Videocurso, assim como nas heterotopias, o potencial de criação. Vemos, assim, no processo de formação proposto pelo curso, potencial para a produção de novos caminhos, para aberturas nos espaços instituídos da educação, para o debate da educação para a sexualidade. Os elementos heterotópicos que vemos permear o espaço do Videocurso transformam esse espaço num grande barco navegando pelos mares, como é exemplificado por Foucault (2009; 2013). Tal barco, por sua vez, é a fonte de sonhos que alimentam o desejo de cada um dos membros do Videocurso, equipe formada por docentes e por cursistas, com o propósito de que se

produzam relações diferenciadas de aprendizagem, buscando o enfrentamento às múltiplas violências, problematizando as construções dos gêneros de forma hierarquizada e binária. Enfim, trata-se da construção de uma educação pautada na diferença.

Desse modo, a partir das análises realizadas no terceiro movimento da tese, é possível se evidenciar, a partir dos RED e dos AC, a criação de espaços outros, os quais são pontos de resistências dentro dos currículos das escolas, ao se proporem nesses materiais, movimentos de diálogo, de discussão e de problematização das questões relacionadas à educação para a sexualidade. Nos trabalhos, destacam-se, principalmente, temas como as questões de gênero, violência de gênero. Isso se deu em função de o entrelaçamento, entre as questões de gênero e de sexualidade, permearem o âmbito educacional, que é formado por crianças, adolescentes, homens e mulheres.

Com as temáticas e as propostas dos trabalhos, foi possível demonstrar o valor coletivo que perpassava suas discussões ao serem acionados, em suas práticas, muitos sujeitos. Trata-se de um alcance para além dos/as cursistas, visto englobar atividades de turmas de estudantes, equipes de professores/as, ou da comunidade escolar de forma mais ampla. Ainda, foi possível observar o papel desterritorializador dos RED e dos AC junto ao currículo da escola, possibilitando a constituição de práticas de educação diferenciadas daquelas que perpassam o currículo instituído e, dessa forma, reafirmando o caráter político da educação menor.

Por fim, reafirmaram-se as ramificações políticas que perpassam esses materiais ao constituírem-se dentro do atual contexto de disputa no campo da educação brasileira, destacando a necessidade de ações e de práticas que fujam ao controle e ao disciplinamento dos corpos, possibilitando a vivência de uma educação pautada nas diferenças.

Assim, emerge, como força e potência de análise, permeando o espaço do Videocurso, a partir dos elementos de heterotopia presentes nele, a produção de formas de resistência, de lutas e de enfrentamentos junto aos avanços da frente conservadora antigênero. As resistências foram produzidas junto a cada um dos/as cursistas que assumiu, como parte de sua prática educativa, abordar assuntos relacionados a temas da educação para a sexualidade. Esses encontraram, no Videocurso, diálogos e formação junto de seus/suas colegas.

Nessa caminhada de experiências, propor-se a falar dos temas da educação para a sexualidade e, dessa forma, buscar seu espaço de formação, constitui, em si, uma

forma de resistência e de luta. Significa abrir as “portas” das heterotopias para outros espaços, outras possibilidades.

Enquanto o slogan “ideologia de gênero” tenta disseminar informações desencontradas, distorcendo os estudos dos campos de gênero e de sexualidade, afirmando falsas verdades e amedrontando as pessoas com falas como: “querem destruir a família”, “querem ensinar as crianças a trocarem seus sexos”, entre tantas outras inverdades, são construídas, no *contraespaço* do Videocurso, possibilidades de diálogo e de troca, abordando a construção conceitual das discussões dos gêneros e das sexualidades, trabalhando temas como as múltiplas infâncias e juventudes, bem como as questões relacionadas às várias configurações familiares, as quais ganham contornos cada vez mais fortes no espaço da escola. Trata-se de uma problematização da produção da heteronormatividade como única forma de expressão dos gêneros e das sexualidades.

Entendemos que os pontos de resistência precisam sempre ser inventivos, assumindo múltiplos focos e assumindo-os dentro do jogo de relações de poder e de resistência. A nós, parece ser necessário agir de forma micropolítica nos espaços cotidianos, nas relações das pessoas, nos diálogos entre os/as cursistas, nas ações diárias de suas salas de aula, fazendo, assim, a resistência operar nos campos de ação do currículo, desarticulando as grandes estratégias adotadas pelo movimento para interromper as discussões da educação para a sexualidade na educação. Isso se dá a partir do desmonte de suas leis e de seus documentos norteadores.

Desse modo, os pontos de resistência permeiam o espaço micropolítico do Videocurso, assumem muitos contornos e acionam as discussões da educação para a sexualidade no âmbito escolar a partir dos trabalhos produzidos pelos/as cursistas. Tais trabalhos foram pensados para problematizar, discutir e aprofundar outras temáticas, que fujam das discussões de gênero e de sexualidade que se propõem a regular os corpos dos sujeitos. Logo, são entendidos, por nós, como possibilidades de fazer resistência aos currículos normalizadores da educação para a sexualidade, criando práticas de educação menor, espaços outros para tais discussões dentro do currículo instituído da educação maior.

Os/as cursistas, ao produzirem seus trabalhos finais, na forma de RED e de AC, acabaram, muitas vezes, por adotar uma postura de criação menor, como diria Silvio Gallo, arriscando-se por outros caminhos, diferentes daqueles apresentados nas estruturas curriculares de suas escolas. Encontrar, na multiplicidade de trabalhos, propostas de professores/as das diferentes áreas de ensino, distintas das que

normalmente são imbuídas de tratar da educação para a sexualidade, como as disciplinas de ciências e biologia, demonstram a escolha desse caminho de criação da educação menor, que se abre para as possibilidades, sabendo de seu ponto de partida, mas não estabelecendo um ponto de chegada. Não se propõe, a partir da educação menor, a aprendizagem do que é o conceito de gênero ou de sexualidade. A partir dela, na verdade, abre-se o campo de discussão para a problematização e para a desconstrução do que se pensou, até então, proliferando as possibilidades de aprendizagem e de vivência dos gêneros e das sexualidades.

Portanto, os caminhos percorridos, na construção dessa pesquisa e dessa pesquisadora, oportunizaram experiências aqui narradas, as quais tocaram e produziram um movimento. Heterotopia, resistência, educação menor entrelaçaram-se nos caminhos de análise do espaço constituído pelo Videocurso, abrindo novos caminhos para se pensar a educação para a sexualidade na formação de profissionais da educação.

Assim, relacionando todos esses movimentos de aproximação e de análise que tomamos em defesa a tese de ser o Videocurso Educação para a Sexualidade um espaço permeado por elementos heterotópicos, que possibilitam a discussão da educação para a sexualidade na formação de profissionais da educação.

A partir de toda a caminhada nesse estudo apresentada, construímos e percorremos junto a produção e a realização do Videocurso. Nele, foi constante a presença de vestígios do que seriam os elementos que constituem as heterotopias. O espaço do Videocurso abriu possibilidades, “portas” para tantas outras vivências e experiências que possibilitam formas de resistência e que fizeram, e fazem, multiplicar, com base em suas ramificações, práticas de educação menor, espaços outros nas escolas, para a discussão e formação sobre temas da educação para a sexualidade.

Compreendemos, dessa maneira, que, diferentemente de tempos anteriores, quando da construção do campo de estudos da educação para a sexualidade e de seus campos de discussão correlatos – educação sexual, orientação sexual, entre outros – a emergência do Videocurso Educação para a Sexualidade se dá num momento de luta por certas palavras, pelo controle e redução de certas palavras, pela defesa de que certas palavras entrem na ordem do discurso, a partir de linhas de poder, e sejam acionadas para controlar e normatizar os corpos. É em meio a essa luta de palavras, em que são vistas estratégias de poder serem acionadas para destituir o caráter científico das discussões da educação para a sexualidade, que localizamos o *contraespaço* do Videocurso.

Conforme pontua Larrosa (2016, p. 17):

As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. E, por isso, as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras, algo mais que somente palavras.

Logo, fica presente o desejo de que as palavras que permeiam as experiências, aqui narradas, possam fazer outros movimentos, junto aos jogos de poder que acionam o campo da educação com o intuito de cercear o espaço da educação para a sexualidade nos currículos. Os avanços que temos presenciado, junto às políticas públicas e sociais de reconhecimento e de proteção dos direitos de muitos grupos sociais historicamente marginalizados, precisam seguir cavando espaços de possibilidade para a experiência da vida em sua forma mais humana. Para tanto, espaços de debate e de discussão dos temas da educação para a sexualidade, tanto no âmbito da Educação Básica, como no Ensino Superior e demais instâncias sócioeducativas, são fundamentais para tal empreendimento.

Assim, consideramos relevante o tema dessa pesquisa, tanto para o campo da educação para a sexualidade como para o campo da Educação em Ciências, uma vez que ajudou na problematização da produção de “verdades” pautadas no conhecimento científico e suas implicações na constituição e subjetivação dos sujeitos, abrindo outros caminhos e outras possibilidades à entrada dos referidos temas no espaço dos currículos escolares e acadêmicos.

Por fim, também resta a vontade de seguir criando espaços possíveis para a discussão da educação para a sexualidade. A fim de que isso se realize, apontamos dois pontos fundamentais de estudos a serem realizados: a necessidade de se realizar um levantamento junto aos/às pesquisadores/as brasileiros/as que adotam, como perspectiva, o campo da educação para a sexualidade, de modo a aprofundar tal campo de estudos a partir de uma base conceitual, bem como para que possam ser fortalecidas as discussões e os estudos da área, ampliando o diálogo entre esses pares teóricos para a ampliação do campo. Ainda, percebemos a necessidade de realização de movimentos de articulação do texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) junto ao campo teórico de estudos da educação para a sexualidade. Essa base, quando de sua aprovação

em dezembro de 2018, passou a vigorar e a regular a construção curricular de toda a rede de educação brasileira, determinando sobre a estruturação de Projetos Políticos Pedagógicos e Propostas Curriculares. É, assim, fundamental que se estabeleça esse olhar sobre esse documento no intuito de possibilitar, no âmbito dessa política de educação maior, práticas de educação menor, as quais permitam a multiplicação de heterotopias nos espaços das escolas.

6 REFERÊNCIAS

ALVIM, Davis Moreira. Foucault e o primado das resistências. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, n. 20, p. 22-30, 11. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/55955>>. Acesso em: 21 de março de 2018.

BARROS, Suzana Conceição de. **Corpos, Gêneros e Sexualidades**: um estudo com as equipes pedagógica e diretiva das escolas da região sul do RS. Rio Grande, 2010. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande. Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. Rio Grande, 2010.

BARROS, Suzana Conceição de. **Sexting na adolescência**: análise da rede de enunciações produzida pela mídia. Rio Grande, 2014. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande. Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. Rio Grande, 2014.

BARROS, Suzana Conceição de; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Educação para a sexualidade: uma questão transversal ou disciplinar no currículo escolar? **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 11, n. 1, p. 164-186, 2012. Disponível em: <http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen11/REEC_11_1_9_ex570.pdf>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2016.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 88-111.

CASTRO, Luiz Guilherme Rivera de. Outros espaços e tempos, heterotopias. **Anais do 1º Congresso Internacional Espaços Públicos** [recurso eletrônico] pp. 1-12, 2015. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1807535/mod_resource/content/1/Castro.pdf>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Kafka**: Por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. 2. ed. Lisboa: Vega, 2005.

FELIPE, Jane. Do amor (ou de como glamourizar a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Méri Rosane Santos; SOUZA, Nádia Geisa S.; GOELLNER, Silvana; FELIPE, Jane (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: discutindo práticas educativas. Rio Grande: Editora da FURG, 2007. p. 31-45.

FELIPE, Jane. Educação para a sexualidade: Uma proposta de formação docente. *In*: **Salto para o futuro**: Educação para igualdade de gênero. Ano XVIII - Boletim 26 – Novembro de 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/salto_futuro_educacao_igualdade_genero.pdf>. Acesso em: 20 de janeiro de 2016.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção Tópicos).

FOUCAULT, Michel. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422. (Ditos e escritos; III).

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 223-240. (Ditos e escritos; IV).

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. 12. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 15. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico; As heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, Hubert L; RABINOW, Paul. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2. Ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 273-295.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. Espaço, saber e poder. Entrevista concedida a Paul Rabinow. **Revista Punkto**, 2015, v.04, s.p. Disponível em: <https://www.revistapunkto.com/2015/04/espaco-saber-e-poder-michel-foucault_88.html>. Acesso em: 10 de março de 2018.

GALLO, Silvio. **Deleuze & Educação**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013a.

GALLO, Sílvio. **Em torno de uma educação menor**: variáveis e variações. 36^a Reunião Nacional da ANPED – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013b, Goiânia-GO. p. 1 – 12. Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_encomendados/gt13_trabcomendado_silviogallo.pdf>. Acesso em: 15 de abril de 2017.

GALLO, Sílvio. Educação Menor: produção de heterotopias no espaço escolar. *In*: GRUPO TRANSVERSAL (org.). **Educação Menor**: conceitos e experimentações. Curitiba: Appris, 2015a. p. 75-88.

GALLO, Silvio. La production des hétérotopies à l'école: souci de soi et subjectivation. *In*: **Le Télémaque**. 2015b (n° 47), p. 87-95. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-le-telemaque-2015-1-page-87.htm>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2016. DOI: <https://doi.org/10.3917/tele.047.0087>.

GALLO, Sílvio. Em Torno de uma Educação Menor. **Educação & Realidade**. v. 27, n. 2, 2002, p. 169-178. ISSN 2175-6236 (online). Disponível em: <

<https://seer.ufrgs.br/educacaoe realidade/article/view/25926/15194>>. Acesso em: 15 de abril de 2017.

GRUPO TRANSVERSAL. Uma educação menor. *In*: GRUPO TRANSVERSAL (org.). **Educação Menor**: conceitos e experimentações. Curitiba: Appris, 2015. p. 19-29.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Escola e enfretoamento à homofobia: pelo reconhecimento da diversidade sexual como fator de melhoria da educação de tod@s. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira (orgs.). **Corpos, gêneros e sexualidades**: questões possíveis para o currículo escolar. 3.ed. Rio grande: Ed. da FURG, 2013. p. 49-60.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Lições de um experimento de discriminação. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (orgs.). **Educação para a sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2014. p. 27 – 43.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Escola, homofobia e heteronormatividade**. 2016. Disponível em: <<http://www.coletiva.org/index.php/artigo/escola-homofobia-e-heteronormatividade/>>. Acesso em: 22 de agosto de 2017.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Políticas públicas de educação: entre o direito à educação e à ofensiva antigênero. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa. *et al.* **Corpo, gênero e sexualidade**: resistência e ocupa(ações) nos espaços de educação. Rio Grande: Ed. da FURG, 2018. p. 179-210.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça” à família natural”? *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (orgs.). **Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017. p. 25 – 52.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, dez. 2011. ISSN 1982-9949. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444>>. Acesso em: 22 de agosto de 2017. doi:<https://doi.org/10.17058/rea.v19i2.2444>.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

LOPES, Diego Kern. HETEROTOPIAS. **Revista do Colóquio**, [S.l.], n. 3, p. 161-167, dez. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/colartes/article/view/7647>>. Acesso em: 20 de julho de 2017.

LONGARAY, Deise Azevedo. **A (re)Invenção de si**: investigando a constituição de sujeitos gays, travestis e transexuais. Rio Grande, 2014. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande. Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. Rio Grande, 2014.

MACIEL JR, Auterives. Resistência e prática de si em Foucault. **Trivium**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 01-08, jun. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912014000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 de março de 2018.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. Sobre os modos de produzir sujeitos e práticas na cultura: o conceito de dispositivo em questão. **Currículo sem Fronteiras**, Portugal, v. 9, n. 2, p. 226- 241, jul./dez. 2009.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes. **Corpos transparentes, exames e outras tecnologias médicas**: a produção de saberes sobre sujeitos homossexuais. Rio Grande, 2012. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande. Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. Rio Grande, 2012.

MARTINS, Carlos José. Utopias e heterotopias na obra de Michel Foucault. Pensar diferentemente o tempo, o espaço e a história. In: RAGO, Margareth. (org.). **Imagens de Foucault e Deleuze**: ressonâncias nietzschianas. Ed. 2. DP&A Editora. 2002.p. 85 – 98.

MAZZOLA, Renan Belmonte. **Análise do discurso e ciberespaço**: heterotopias contemporâneas. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras. São Paulo: UNESP: 2010. Disponível em <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93941/mazzola_rb_me_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2016.

MEYER, Dagmar. Currículos de gêneros e sexualidade. Sobre *tormentas e resistências criativas* em territórios disputados. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2018. p. 09-11.

MEYER, Dagmar. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 11 -29.

PARAÍSO, Marlucy Alves. A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência. **Currículo sem fronteiras**, v. 16, p. 388-415, 2016. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss3articles/paraiso.pdf>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2018.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo: invenção política *com* gênero e sexualidade em tempos do *slogan* “ideologia de gênero” In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2018a. p. 23-52.

PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. Currículos, Gêneros e sexualidades para fazer a diferença. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2018. p. 13-21.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Gênero, sexualidade e heterotopia: entre esgotamentos e possibilidades nos currículos. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa. *et al.* **Corpo, gênero e sexualidade**: resistência e ocupa(ções) nos espaços de educação. Rio Grande: Ed. da FURG, 2018b. p. 07-27.

PASSETTI, Edson. Heterotopia, anarquismo e pirataria. *In*.: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. (orgs.). **Figuras de Foucault**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013. p. 109-118.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. A lógica e o sentido da formação: heterotopias, acontecimentos e sujeitos. **Rev. Dep. Psicol.**, UFF, Niterói, v. 19, n. 1, p. 127-143, 2007. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232007000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 de março de 2016.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-80232007000100010>.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

RIBEIRO, Cláudia Maria. Na produção das heterotopias as possibilidades de problematizar gênero e sexualidade navegando nas ambiguidades das águas. *In*: VII **Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**, 2008, Itajaí - Santa Catarina. Pesquisa em Educação e Inserção Social. Itajaí - Santa Catarina: Editora da UNIVALI, 2008. v. 01.

RIBEIRO, Cláudia Maria. Nas tendas da sexualidade e gênero: heterotopias no currículo. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Méri Rosane Santos da; GOELLNER, Silvana Vilodre. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: composições e desafios para a formação docente. Rio Grande: FURG, 2009. p. 67-76.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Inscrevendo a sexualidade**: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. Porto Alegre, 2002. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas: Bioquímica) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. Fórum de discussões: espaço para cooperação, interações, debates e aprendizagens. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa; COSTA, Ana Luiza Chaffe; BARROS, Suzana da Conceição. (orgs.) **Gênero e Diversidade na escola**: saberes em diálogo na educação a distância. Rio Grande, RS: FURG, 2012. p. 35 -44.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. Revisitando a História da Educação Sexual no Brasil. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Corpos, gêneros e Sexualidade**: questões possíveis para o currículo escolar. 3. ed. rev. Rio Grande: Editora da FURG, 2013. p. 11-16. (Caderno Pedagógico – Anos Iniciais).

RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (orgs.). **Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017.

RIZZA, Juliana Lapa. **A sexualidade no cenário do ensino superior**: um estudo sobre as disciplinas nos cursos de graduação das universidades federais brasileiras. Rio Grande, 2015. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Rio Grande, 2015.

SEFFNER, Fernando; PICCHETTI, Yara de Paula. A escola pública brasileira e seu compromisso com a diversidade de gênero e sexualidade. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (orgs.). **Educação para a sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2014. p. 67-81.

SENA, Eni de Faria. As videoaulas de um curso a distância: obstáculos didáticos/pedagógicos e suas implicações na aprendizagem do aluno. *In*: SIED, Simpósio Internacional de Educação a Distância; EnPED, Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância. **Anais...** São Carlos, UFSCar: 2012. Disponível em: <<http://sistemas3.sead.ufscar.br/ojs/index.php/sied/article/viewFile/245/122>>. Acesso em: 20 de setembro de 2016.

SILVA, Wellington Amâncio da. Notas sobre heterotopias. **Revista GeoSertões** (Unageo/CFP-UFCEG). vol.1, nº 2, jul./dez.2016. p. 80- 86. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/geosertoes/article/view/43/pdf>. Acesso em: 25 de março de 2016.

VALVERDE, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe. Sobre espaço público e heterotopia. **Geosul**, Florianópolis, v. 24, n. 48, p. 7-26, jan. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2009v24n48p7>>. Acesso em: 10 de julho de 2016. doi:<https://doi.org/10.5007/2177-5230.2009v24n48p7>.

VARELA, Cristina Monteggia Varela; RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes Magalhães. Questões de Gêneros na Escola: Potencialidades para Pensar uma Educação Menor. **Revista Intermeio**. Campo Grande, MS, v. 23, n. 46, p. 15-37. Disponível em: <<http://www.seer.ufms.br/index.php/intm/article/viewFile/5309/4021>>. Acesso em: 20 de março de 2019.

VEIGA-NETO, Alfredo. As duas faces da moeda: heterotopias e emplazamientos curriculares. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, n. 45, p. 249-264, June 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982007000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 de julho de 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982007000100013>.

VIDEOCURSO Educação para a sexualidade. Disponível em: www.videocursoeducacaosexualidade.furg.br. Acesso em: 07 de junho de 2017.

VILELA, Eugénia. Michel Foucault, uma *filosofia analítica do poder: marcas, sinais e traços* do silêncio. *In*: CLARETO, Sonia Maria; FERRARI, Anderson. **Foucault, Deleuze & Educação**. UFJF, 2013. p.81-104.

VILELA, Eugénia. Resistência e acontecimento. As palavras sem centro. *In*: KOHAN, Valter Omar; GONDRA, José. (orgs.). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 107 -127.

XAVIER FILHA, Constantina. Educação para a sexualidade, equidade de gênero e diversidade sexual: entre carregar água na peneira, catar espinhos na água e a prática de (des)propósitos. In: XAVIER FILHA, Constantina.(org). **Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2009a. p. 20 -43.

XAVIER FILHA, Constantina. Educação para a sexualidade: carregar água na peneira? *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Méri Rosane Santos da; GOELLNER, Silvana Vilodre. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: composições e desafios para a formação docente. Rio Grande: FURG, 2009b. p. 85-103.